

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial

Natália Maria de Oliveira

**GEOGRAFIA E LITERATURA DE VIAGEM:  
o legado das mulheres viajantes oitocentistas no Brasil**

Belo Horizonte  
2017

Natália Maria de Oliveira

**GEOGRAFIA E LITERATURA DE VIAGEM:  
o legado das mulheres viajantes oitocentistas no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho

Coorientador: Prof. Dr. José Flávio Morais Castro

Área de concentração: Análise Espacial

Belo Horizonte  
2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

O48g Oliveira, Natália Maria de  
Geografia e literatura de viagem: o legado de mulheres viajantes oitocentistas no Brasil / Natália Maria de Oliveira. Belo Horizonte, 2018.  
119 f. : il.

Orientador: Oswaldo Bueno Amorim Filho  
Coorientador: José Flávio Morais Castro  
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial

1. Geografia e literatura. 2. Mulheres viajantes – Brasil – Séc. XIX. 3. Paisagens culturais. 4. Literatura e ciência. 5. Escritos de viajantes. 6. Mulheres – Aspectos sociais. I. Amorim Filho, Oswaldo Bueno. II. Castro, José Flávio Morais. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial. IV. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 911.3

Ficha catalográfica elaborada por Claudia Cristina Carvalho Tavares - CRB 6/2647

Natália Maria de Oliveira

**GEOGRAFIA E LITERATURA DE VIAGEM:  
o legado das mulheres viajantes oitocentistas no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Análise Espacial

---

Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho – PUC Minas (Orientador)

---

Prof. Dr. José Flávio Morais Castro – PUC Minas (Coorientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Valéria Amorim do Carmo – UFMG (Banca Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Candice Vidal e Souza – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 18 de agosto de 2017



## AGRADECIMENTO

*O processo de produção desta pesquisa contou com o apoio, contribuição intelectual e emocional de algumas pessoas que não poderiam deixar de ser citadas neste documento.*

*Primeiramente gostaria de registrar minha imensa gratidão ao Professor Oswaldo Bueno Amorim Filho que, após a definição da temática “relatos de viagem produzidos por mulheres viajantes oitocentistas”, generosamente disponibilizou considerável tempo, pesquisas e conhecimentos acadêmicos à orientação desta pesquisa.*

*Ao Professor José Flávio Moraes Castro que, com paciência, sabedoria e incansáveis conversas, soube provocar, imparcialmente, meu desejo pelo estudo geográfico/histórico da participação das mulheres em sociedade.*

*Aos meus pais, Antônio e Angelina que, mesmo de maneira inconsciente, estiveram presentes e atuantes em todo processo de produção deste documento.*

*Aos meus amigos e irmãos, de sangue e acadêmicos, que em algum momento, com palavras, gestos ou mesmo somente olhares fizeram com que me sentisse mais forte e capaz de passar por todos os desafios enfrentados.*

*A Douglas, Ivanete, Edemir e Junior, por serem minha segunda família. Obrigada pelo apoio e pelo afeto gratuito.*

*Às Maria's e João, anjos acadêmicos. Sou eternamente grata pela presença e apoio contínuo durante os dois anos e meio de caminhada. Estão e continuarão no meu coração.*

*Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, órgão mantenedor que possibilitou minha dedicação acadêmica e produção desta pesquisa.*



## Resumo

Esta pesquisa possui como objeto de estudo os relatos de mulheres viajantes que estiveram no Brasil no século XIX. Buscou-se apresentar os conteúdos de alguns destes relatos, assim como a importância para a representação histórica e geográfica da paisagem do século XIX. Procurou-se ainda apresentar e discutir as bases epistemológicas geográficas que têm possibilitado a ligação entre Geografia e Literatura, aliando ciência e arte. Foram apresentadas algumas possibilidades de pesquisa literária em Geografia e os elos mais recorrentes entre Geografia e Literatura. Foram também estudadas certas influências das experiências pessoais das autoras nos relatos, tais como culturas de origem, círculos sociais, dentre outros que orientaram a escolha por certas características e estilos literários. A diferenciação entre a educação e a sociabilidade pública difundida e oferecida às mulheres no Brasil, Inglaterra e França foi apresentada como base para a compreensão da origem das viajantes que estiveram em território brasileiro no século XIX, além de outros destinos ao redor do mundo. Para as viajantes que estiveram no Brasil, no período de análise desta pesquisa, e que tiveram seus relatos de viagem consultados, foi realizado mapeamento do fluxo referente ao país de origem e destino de viagem dentro do território brasileiro. Como estudo de caso, analisou-se a contribuição geográfica do relato *Uma parisiense no Brasil* de autoria de Adèle Toussaint-Samson. Foram realizadas representações cartográficas dos pontos observados e descritos pela autora, acompanhados de fotografias, parte das vezes contidas no próprio relato, além da análise dos principais temas abordados no decorrer da obra. Considera-se então que esta pesquisa seja um primeiro passo na difusão dos relatos de viagem femininos em pesquisas geográficas no Brasil, assim como já ocorre em relação aos produzidos por homens, como contribuição para a compreensão histórico-geográfica da formação e características das diversas paisagens brasileiras.

**Palavras-chave:** Mulheres viajantes. Relato de viagem. Observação. Descrição. Geografia. Literatura.

## Abstract

This research has as object of study the reports of woman travelers that were in Brazil in the nineteenth century. It was sought to present the contents of some of this reports, as well as their importance to the historical and geographic representation of the nineteenth century landscape. It was also sought to introduce and discuss the epistemological bases of Geography that have made the connection between Geography and Literature, combining Science and Art. Some of the possibilities of the literary research in Geography and the most common links between Geography and Literature were presented. It was also studied certain influences of the author's personal experiences on the reports, such as culture of origin, social circles, amongst others that guided the choice for certain characteristics and literary styles. The differentiation between education and public sociability diffused and offered to women in Brazil, England and France was presented as a basis for understanding the origin of travelers who were in Brazilian territory in the nineteenth century, as well as other destinations around the world. For the travelers that were in Brazil, in the period of analysis of this research and had their travel report's consulted, it was carried out the flow mapping of origin and destination. As a case study, it was analyzed the geographical contribution of the report *Uma parisiense no Brasil* by Adèle Toussaint Samson. Cartographic representations of the points observed and described, the author were carried out. These were accompanied by photographs, some of the times presented in the report itself. I was also analyzed the main themes addressed in the course of the report. It is considered that this research is a first step in the diffusion of women's travel reports in Brazil, as it already occurs in relation to those produced by men, as a contribution to the geographic historical understanding of the formation of the various landscapes.

**Keywords:** Women travelers. Travel report. Observation. Description. Geography. Literature.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Representação Diagramática da Morfologia da Paisagem Cultural de Carl Sauer.....	21
<b>Figura 2</b> - Procedimentos Metodológicos da Pesquisa.....	52
<b>Figura 3</b> - Ilustrações produzidas por Maria Graham e apresentadas em seu relato, “Diário de uma Viagem ao Brasil: e de uma estada nesse país durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823”.....	60
<b>Figura 4</b> - Origens das Mulheres Viajantes para o Brasil no Século XIX por data de chegada .....	80
<b>Figura 5</b> – Vista do aqueduto de Morro Velho com bananeira e beija-flores (esquerda) e Folhas e flores da paineira rosa e beija-flores-tesoura (direita) de autoria de Marianne North.....	85
<b>Figura 6</b> - Fotografia Adèle Toussaint-Samson .....	86
<b>Figura 7</b> - Pão de Açúcar e Igreja da Glória .....	94
<b>Figura 8</b> – Localização, na cidade do Rio de Janeiro, dos pontos observados e descritos no relato "Uma Parisiense no Brasil" .....	100
<b>Figura 9</b> - Negra do Mercado.....	102
<b>Figura 10</b> - Mulata da fazenda.....	104

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Doutorandos do período de 1927 a 1979 da linha de Geografia Cultural Tradicional.....	24
Quadro 2 - Tipos de Literaturas Presentes nos Relatos de Viagem do Século XIX ..	48
Quadro 3 - Mulheres viajantes do século XIX que estiveram no Brasil, por período de estadia.....	77



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 Bases Epistemológicas</b> .....	11
2.1 Matrizes intra e trans disciplinares .....	11
2.2 Geografia e Literatura .....	32
2.2.1 Literatura e Ciência .....	34
2.2.2 Possibilidades de pesquisas literárias em Geografia .....	38
2.2.3 Ligações entre Literatura de Viagem e Geografia .....	40
2.2.4 Relatos de viagem geográficos: estilos e características .....	47
2.3 Método e técnicas de pesquisa .....	51
<b>3 Século XIX e as Mulheres Viajantes</b> .....	54
3.1 A educação e a sociabilidade feminina no século XIX .....	63
3.2 Caracterização e destinos das mulheres viajantes no mundo .....	71
<b>4 Mulheres viajantes no Brasil</b> .....	77
4.1 Viajantes estrangeiras em território brasileiro: A belga Marie Barbe Antoinette Rutgeerts van Langendonck e a inglesa Marianne North .....	80
4.2 Representações Espaciais e Outras Contribuições Geográficas do Relato de Viagem <i>Uma Parisiense no Brasil</i> .....	89
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114



## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar e analisar as contribuições geográficas contidas nos relatos de mulheres viajantes que estiveram em território brasileiro durante o século XIX.

A abertura dos portos, ocorrida em 1808, incentivou e facilitou a entrada de viajantes na colônia brasileira, especialmente os naturalistas, que viajaram pelo continente e produziram preciosos diários de viagem.

No âmbito das produções geográficas mais recentes encontram-se pesquisas que vislumbram a contribuição dos relatos de viajantes do século XIX, por exemplo, em Amorim Filho (2008) e em Ribeiro (2005).

A literatura enquanto forma de expressão artística pode ser considerada como fonte documental para o estudo de aspectos naturais e culturais do período a que se refere. A Geografia enquanto ciência utiliza descrições de ambos os aspectos no intuito de apreender a organização espacial.

As narrativas literárias, de modo geral, possuem o elemento espacial (territórios, regiões, lugares, etc.) como base para a trama das personagens, o que as caracterizam como produções consideravelmente próximas à Geografia, uma vez que o espaço é a essência de pesquisa do fazer geográfico. Dentre as produções literárias européias do século XIX, deve-se notar a importância da elaboração e da publicação de relatos de viajantes.

O período oitocentista foi marcado por expedições exploratórias, com o objetivo de conhecer as características naturais e sociais de terras ainda inexploradas. A dominação e o controle coloniais pressupõem um conhecimento profundo daquilo que é dominado.

Após a abertura dos portos, um número considerável de viajantes teve o Brasil como destino de viagem. Era um território vasto, desconhecido, detentor de exuberantes paisagens naturais. Mulheres viajantes também estiveram em território brasileiro e publicaram relatos de viagem descrevendo além da rotina da própria viagem, a paisagem natural e cultural.

Leite (2000) apresenta uma lista de dezessete mulheres por período de viagem que estiveram no Brasil no século XIX e que publicaram relatos. Pode-se citar Madame Rose de Freycinet (1794 – 1832), Maria Graham (1785 - 1842), Langlet Dufresnoy (1835), Adele Toussaint-Samson (1849), Madame van

Langendonck (1860), Carmem Olivier de Gelabert (1870), Ina von Binzer (1881), Marguerite Dickens (1886 – 1888), dentre outras.

Em relação às pesquisas geográficas, os viajantes e os relatos de viagem produzidos são considerados como objeto de investigação, uma vez que representam, a partir do olhar estrangeiro, a paisagem vista e percebida.

Apesar de possuírem o mesmo objetivo de representar, pela escrita e/ou por desenhos e fotos, os relatos das mulheres viajantes raramente foram utilizados em pesquisas geográficas brasileiras.

Os relatos de autoria feminina, de maneira geral, possuem formato de diário de viagem, além de serem fortemente descritivos. Descrevem a paisagem natural, social e cultural, e em alguns casos, como em Graham (1956), juntamente à descrição escrita foram inseridos “retratos” da paisagem desenhados a mão, ou mesmo fotografias, como em Toussaint-Samson (2003).

A profundidade dos relatos de viagem produzidos por mulheres está associada à observação de situações domésticas, dentre varias outras, que de maneira geral eram inacessíveis ao olhar masculino, ou mesmo não eram de seu interesse pessoal.

Dentre as viajantes oitocentistas encontradas, a partir de fontes bibliográficas, optou-se pelo aprofundamento analítico de um relato de viagem. O relato escolhido intitula-se *Uma parisiense no Brasil* de autoria da escritora francesa Adèle Toussaint-Samson.

Diferentemente dos homens do século XIX, o acesso da mulher desse mesmo período à educação, assim como à sociabilidade pública, era limitado. Tais limitações variavam para cada nacionalidade e implicaram diretamente nas características dos relatos de viagem.

Buscaram-se, a partir da epistemologia da ciência geográfica, metodologias que, dada a unicidade dos relatos de viagem femininos, auxiliassem na proposta de análise e espacialização das observações e descrições realizadas.

As vertentes Clássica, Humanista/Cultural e Histórica da Geografia foram utilizadas como fundamentos para a construção da base teórica de análise. A Geografia Clássica/Tradicional, utilizada e desenvolvida com veemência durante o século XIX, ofereceu base para a compreensão de técnicas de coleta e análise de informações geográficas utilizadas pelos viajantes exploradores do mesmo período. Considera-se que a temática espacial, incluindo estudos sobre lugares e regiões, foi

ponto central das pesquisas científicas oitocentistas, sobretudo as realizadas sobre territórios ainda desconhecidos.

A observação e a descrição são algumas técnicas utilizadas pelos cientistas responsáveis pela construção teórica do período clássico/tradicional da Geografia. Tais cientistas, como Alexander von Humboldt, consideravam a viagem exploratória como uma das bases de qualquer construção teórica futura. A metodologia de diferenciação de áreas e a própria Geografia Regional são algumas das contribuições produzidas no período, sobretudo por geógrafos alemães e franceses.

A Geografia Humanista/Cultural foi desenvolvida e disseminada já durante a segunda metade do século XX. A valorização do homem e a organicidade da paisagem foram alguns dos aspectos que possibilitaram a introdução da análise de representações territoriais presentes em obras literárias.

A introdução do homem como elemento da paisagem, primeiramente pela Geografia Humana vidaliana e, mais recentemente, pela Geografia Humanista/Cultural, potencializou o reconhecimento do relato de viagem, além de tantas outras produções artísticas/literárias, como registros documentais, reais ou fictícios, de representação espacial. A simbologia e a identidade expressa nessas produções indicariam aspectos da relação com o espaço, bem como a organização sócio-cultural desenvolvida.

A Geografia Histórica se tornou essencial para o desenvolvimento desta pesquisa. Trata-se da busca das organizações e representações espaciais pretéritas presentes nos registros de viajantes do século XIX. A partir da adoção do aporte metodológico oferecido pela Geografia Histórica é possível aliar documentos primários e secundários, indução e dedução, tempo e espaço.

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar as contribuições geográficas dos relatos de mulheres viajantes do século XIX, de uma maneira geral, e mais especificamente as contribuições presentes no relato *Uma parisiense no Brasil*. Para isso, buscaram-se alguns objetivos específicos, sendo eles: a) discutir sobre as bases epistemológicas geográficas que possibilitaram a ligação entre Geografia e Literatura; b) apresentar a distribuição espacial dos locais de destino das viajantes no Brasil considerando o país de origem apresentadas por Leite (2000); c) analisar as aproximações entre geografia e literatura proporcionadas pelos relatos de viagem; ; e d) apresentar as observações e descrições da paisagem contidas no relato de viagem *Uma parisiense no Brasil*.

Esta pesquisa se organiza em três capítulos: Bases Epistemológicas; Século XIX e as Mulheres Viajantes; e Mulheres viajantes no Brasil.

No capítulo 1, intitulado Bases Epistemológicas, apresentam-se as três abordagens geográficas adotadas para a discussão teórica sobre a utilização da Literatura como fonte de representação espacial. São elas a Geografia Clássica, a Geografia Histórica e a Geografia Humanista/Cultural. Finalmente, discute-se sobre a ligação entre Ciência e Arte, Geografia e Literatura.

No capítulo 3 (Século XIX e as Mulheres Viajantes), busca-se o resgate de questões sociais importantes para o desenvolvimento intelectual e social feminino, como o acesso à educação e à sociabilidade pública, considerando as realidades brasileira, francesa e inglesa. O item 3.1, intitulado *A educação e a sociabilidade feminina no século XIX*, apresenta as peculiaridades educacionais e de sociabilidade pública presentes no Brasil, no Reino Unido e França do século XIX. O subtítulo 3.2. (Os destinos das mulheres viajantes no mundo) apresenta parte das viajantes dos séculos XIX e XX, que deixaram relatos de viagem, esses passíveis de análise geográfica.

No capítulo 4, Mulheres viajantes no Brasil, buscou-se apresentar as mulheres estrangeiras que estiveram em solo brasileiro durante o século XIX e que produziram registros de viagem.

Por fim, nas considerações finais, apresenta-se o que foi apreendido durante a fase de pesquisa e de produção deste trabalho.

## 2 BASES EPISTEMOLÓGICAS

Neste capítulo serão apresentadas as bases epistemológicas que nortearam a construção teórica e metodológica, bem como o percurso, desenvolvimento e finalização desta pesquisa.

Este capítulo se encontra dividido em dois sub-tópicos. O primeiro intitulado *Matrizes intra e trans disciplinares* apresenta a Geografia Clássica ou Tradicional, a Geografia Histórica e a Geografia Cultural enquanto abordagens geográficas de conteúdo fundamental para a produção desta pesquisa. O segundo, intitulado *Geografia e Literatura*, apresenta a ligação entre Ciência e Arte, Geografia e Literatura, como uma possibilidade de pesquisa, incluindo a Literatura de viagem como um registro espacial de considerável importância para os estudos geográficos, em especial os Humanistas/Culturais.

Os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa incluíram revisão bibliográfica sobre aspectos sociais, políticos e culturais referentes às mulheres do século XIX, sobre a epistemologia da Geografia, pesquisas sobre a temática de relatos de viagem, sobre Literatura de viagem, arte e estilos literários.

Partindo da leitura do relato de viagem *Uma parisiense no Brasil*, foi realizada uma análise das observações e descrições da paisagem, representando espacialmente os pontos descritos, além da área estimada percorrida pela autora.

### 2.1 Matrizes intra e trans disciplinares

As matrizes intra e trans disciplinares que serão apresentadas são as abordagens teóricas e metodológicas que nortearam a elaboração desta pesquisa. São consideradas intra e trans disciplinares por contribuírem, todas elas, com o desenvolvimento teórico e prático da geografia e, por contribuírem ainda para a compreensão da complementaridade das disciplinas e práticas aqui abordadas.

Inicia-se então pela abordagem da Geografia Clássica, na qual a diferenciação de áreas ou corologia é utilizada como metodologia de considerável importância para a Geografia e, conseqüentemente, para a elaboração dos relatos de viagem. De acordo com Hanks (2011) a corologia pode ser considerada como “[...] one of the classic philosophical approaches to Geographic inquiry.” (HANKS, 2011, p.16).

Parte considerável das contribuições ao desenvolvimento da abordagem da Geografia Tradicional foram oferecidas pelo geógrafo alemão Alexander von Humboldt. Para ele a descrição, largamente utilizada pelas (os) viajantes do século XIX, dentre outros, era uma técnica imprescindível ao método de pesquisa que propunha em suas obras. “Humboldt explicitly pursued a double aim: to report on the visited countries and to collect facts in order to improve physical geography. For him to travel and to do research work were two sides of the same coin.” (KNOBLOCH, 2006, p. 40).

Assim como outros cientistas do século XIX e as viajantes pesquisadas neste trabalho, Humboldt empreendeu viagens em direção ao Novo Mundo. Em expedição às *regiões equinociais*, percorreu territórios, regiões e lugares atualmente pertencentes à Colômbia, Cuba, Equador, México, Peru e Venezuela. De acordo com Kohlhepp (2016), o diferencial de Humboldt em relação aos naturalistas de seu período seriam os exaustivos estudos empíricos de campo e a consideração de detalhes de aspectos antrópicos. Contribuiu consideravelmente ao oferecer, a partir de uma expedição financiada por recursos pessoais, “[...] uma detalhada descrição dos países em termos dos estudos regionais envolvendo aspectos da geografia física, da geologia, da história, aspectos sócio-econômicos, da geografia social e econômica, da política, sociologia e antropologia.” (KOHLHEPP, 2016, p.261).

A viagem com destino à América do Sul, fonte de informações para a produção da obra *Viagem às Regiões Equinociais do Novo Mundo*, foi realizada por Humboldt em companhia de seu amigo Aimé Goujaud, conhecido como Bonplant. Encontraram notável riqueza biológica e geológica no Novo Mundo. Assim, “Humboldt prend des mesures et des échantillons de roches, Bonplant décrit et classe plantes et animaux.” (AYALA, GUÉNO, 2009, p.88). Foram os primeiros a navegar pelo canal Cassiquiare, na fronteira entre a Venezuela e Colômbia, dentre outros feitos de campo inéditos.

Em sua própria obra, Humboldt (2015)<sup>1</sup> considera as observações realizadas durante a expedição ao Novo Mundo uma das partes principais de seu trabalho. Relata sua preparação, dizendo que “I had long prepared myself for the observations which were the principal object of my journey to the torrid zone. [...] M. Bonpland and

---

<sup>1</sup> Tradução publicada por: ROSS, Thomasina. **Personal narrative of travels to the equinoctial regions of America: during the years 1799 – 1804 by Alexander von Humboldt and Aimé Bonpland.** South Australia: The University of Adelaide Library, 2015. Obra original publicada em francês, intitulada *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent*, publicada em 1820.

myself collected a considerable number of materials, the publication of which may throw some light on the history of nations, and advance the study of nature. (HUMBOLDT, 2015, p. 14).

Percebe-se que para Humboldt, a observação, a descrição e a catalogação de materiais inéditos ao conhecimento do Velho Mundo eram o objetivo de sua viagem ao Novo Mundo. O conhecimento da natureza era, para ele, uma contribuição para o desenvolvimento científico e nacional. A partir disso, evidencia o alto valor atribuído às viagens exploratórias e ao conhecimento obtido a partir delas.

É importante ainda salientar a contribuição de Humboldt em relação aos sentidos de interação e totalidade, como pode ser visto a seguir:

[...] the discovery of an unknown genus seemed to me far less interesting than an observation on the geographical relations of the vegetable world, on the migrations of the social plants, and the limit of the height which their different tribes attain on the flanks of the Cordilleras. (HUMBOLDT, 2015, p. 15).

A correlação dos fenômenos ambientais, além da observação e descrição, fez parte do período clássico da Geografia, perdurando até os dias atuais ao lado de outras metodologias de pesquisa.

Humboldt (1950)<sup>2</sup> apresentou descrições de diversos aspectos, principalmente naturais, das regiões visitadas nos continentes americano, asiático e africano. Demonstrou sensibilidade em relação à paisagem, além de profundo conhecimento sobre os temas abordados, como pode ser visto a seguir.

Nos pontos em que o deserto se aproxima do oceano Atlântico, como entre UâduNun e o cabo Branco, o ar húmido do mar precipita-se em torrentes enchendo o espaço vazio que deixam essas correntes verticais. O próprio navegante, ao dirigir-se para a embocadura do Gâmbia, atravessando paragens que, pela abundância de fucos, têm o aspecto de prados, adivinha, quando se sente repentinamente abandonado pelo vento de este dos trópicos, a proximidade de areais imensos, que reflectem um calor abrasador. (HUMBOLDT, 1950, p. 7).

Moraes (1989), ao estudar o método desenvolvido por Humboldt, caracteriza-o para além de unicamente descritivo, pois ao apresentar desenvolvimento teórico em relação a pensamentos difundidos anteriormente, culminou “com a generalização, o estabelecimento de leis da distribuição e combinação espacial dos

---

<sup>2</sup> Primeira edição publicada em 1808. Título original: *Ansichten der Natur e Tableaux de la Nature*. (PEDRAS, 2000).

fenômenos na superfície da Terra.” Buscava a compreensão de aspectos gerais da Geografia Física terrestre, a partir de relações locais ou regionais. “Essas relações têm por base a superfície terrestre, palco de observações da Geografia”. (MORAES, 1989, p.117, 118).

De acordo com Knobloch (2006), a metodologia de Humboldt:

[...] can be described as a reduction of phenomena to empirical laws which consisted of three steps: First, he collected observations, that is, measurements. Thus he got numerical elements that could be visualized. In such a way he hoped to discover empirical laws strictly confining himself to factual statements.(KNOBLOCH, 2006, p. 42).

A análise da paisagem para Humboldt relacionaria outras técnicas além da descrição também utilizada pelas (os) viajantes, mesmo sendo esta fundamental para o resultado final de suas pesquisas. Para ele, a apreensão do mundo físico dependia das idéias e sentimentos do pesquisador, pois a “potência da natureza” revelar-se-ia na “[...] conexão das impressões, nesta unidade de emoções e de efeitos que se produz em qualquer um com apenas um olhar.” (HUMBOLDT *apud* MORAES, 1989, p.116).

A partir disso, com material empírico em mãos, deveria o pesquisador esforçar-se para comparar e combinar os dados coletados na tentativa de apontar conexões, relações e encadeamentos. Posteriormente haveria de se realizar a experimentação.

Assim, o método descritivo nos estudos de Humboldt era aliado ao comparativo, uma vez que a “comparação articula-se com a própria descrição em sua prática de pesquisa” (MORAES, 1989, p.117). Tal percurso é denominado por Humboldt como método “Empirismo Raciocinado”. MORAES (1989) o define como:

(...) um método que combina a observação, a medição e a descrição com a elaboração indutiva, a comparação e a generalização num procedimento de pesquisa que articula diversidade e unidade (assim estudos sistemáticos e sintéticos), e individualidade e universalidade (assim a escala local e global), e ainda a subjetividade e a objetividade (assim as impressões e os dados empíricos). (MORAES, 1989, p.117)

Assim como Humboldt, Carl Ritter foi um cientista do século XIX de considerável importância para o desenvolvimento da ciência geográfica. Ao considerar suas contribuições para a elaboração desta pesquisa, nos atemos à relevância da observação para o desenvolvimento de normativas teórico-

metodológicas. De acordo com Moraes (1989), a transformação da Geografia em Ciência era a proposta central das obras de Ritter. A normatização metodológica e a definição do objeto geográfico foram alguns dos pontos essenciais de suas publicações.

De acordo com Alves e Piccoli Neto (2009), houve três momentos de influência principais na obra de Ritter. O primeiro refere-se à influência de Salzman<sup>3</sup>, em um período de interesse pelo racionalismo; posteriormente por Pestalozzi<sup>4</sup>, pelos “[...] ideários românticos e teleológicos da natureza [...].” (ALVES; PICCOLI NETO, 2009, p.51). Por último houve a influência de Humboldt sobre as questões geográficas comparadas em diversas partes da superfície terrestre. Todas essas influências teriam possibilitado a produção, por Ritter, da *Comparative Geography (Erdkunde)*, obra plural e complexa que buscava o entendimento das relações homem-natureza.

A proposta sobre a metodologia comparativa de unidades terrestres de Ritter coloca a observação e a descrição como técnicas centrais para a conclusão de suas pesquisas. Considerava-se que, para se compreender as leis que regem a Terra, dever-se-ia pesquisar as regiões, pois a soma das mesmas resultaria no todo terrestre. Por isso pode-se falar em observação continental, uma vez que a observação de suas partes ou regiões resultaria na compreensão do continente. Sobre a importância da observação neste processo metodológico, Moraes (1989) acrescenta que:

Restaria ainda salientar, dentro da proposta metodológica ritteriana, que toda a pesquisa geográfica deve ser construída sobre um patamar empírico sólido. Ritter é bastante claro quanto a este ponto ao defender que a forma de garantir ‘toda verdade ao conjunto é avançar de observação em observação, e não da opinião ou hipótese à observação.’ Assim, a Geografia é meridianamente assumida como ciência empírica, que tem por base a observação; em suas próprias palavras: O meu sistema não se baseia em teorias, porém em fatos.’ (MORAES, 1989, p.185)

A sistematização do método comparativo elaborado por Ritter foi um avanço significativo no desenvolvimento da Geografia enquanto Ciência. A abordagem indutiva foi assumida como prática de pesquisa predominante, influenciando

---

<sup>3</sup>Christian Gotthilf Salzmann (1744-1811), pedagogo e educador alemão. Disponível em: <<http://www.ahistoria.com.br/educacao-fisica-escolar/>>

<sup>4</sup>Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), suíço, educador por excelência e pedagogo influenciado por Rousseau. Disponível em: <<http://www.ahistoria.com.br/educacao-fisica-escolar/>>

posteriormente a Escola Francesa de Geografia, organizada por Vidal de la Blache. O método não se baseava somente em observações, “[...] a percepção e as ações intuitivas do homem também eram importantes para conhecer a realidade.” (ALVES; PICCOLI NETO, 2009, p.53).

Os trabalhos de Humboldt se destacaram ao ter considerável relevância para o desenvolvimento da *Comparative Geography (Erdkunde)*, escrita por Ritter. Dessa forma, contribuem ambos para o fortalecimento da Geografia Geral e para a criação de uma Geografia Regional, neste último caso, principalmente Ritter.

O estudo das diferentes regiões da superfície terrestre e a conseqüente sistematização das informações obtidas em trabalhos empíricos (realizado por outros pesquisadores pois Ritter foi professor, essencialmente, de gabinete) foram os grandes marcos para a construção de uma Geografia Regional. (ALVES; PICCOLI NETO, 2009, p.56).

Apesar de ser adepto dos trabalhos de campo, a produção científica de Ritter foi elaborada, como afirmaram os autores Alves e Piccoli Neto (2009), prioritariamente em gabinete. Para a elaboração da obra *Comparative Geography*, por exemplo, foram bastante utilizadas as observações de viajantes. Pode-se considerar que a Geografia Regional possui sua base de criação nos relatos de viagem, pois esses possuíam os registros necessários para realizar a comparação das regiões proposta tanto por Humboldt como por Ritter.

Humboldt e Ritter foram peças importantes para o pensamento geográfico, sobretudo no estabelecimento do método comparativo. Este já é, por sua natureza, desenvolvido a partir da observação e da descrição, base de obtenção de informações para seu objetivo final.

Além dos geógrafos citados acima, é necessário que se considere, dentre outros, a contribuição do alemão Friedrich Ratzel (1844 – 1904). Influenciado geograficamente por mestres alemães, como Humboldt e Ritter, propõe um foco na localização dos grupos humanos e civilizacionais. A partir dessa concepção, de acordo com Claval (2007), Ratzel denominou de Antropogeografia a parte da Geografia na qual se realiza a descrição e o mapeamento das áreas de residência humana. Ou seja, a busca pelas causas da localização de civilizações em certas partes da Terra e a definição do nível de influência do meio natural nos corpos e almas humanas.

Em conformidade com a proposta da observação e da descrição, podemos citar Alfred Hettner e Richard Hartshorne. Estes pesquisadores apontaram a Geografia como uma ciência de diferenciação de áreas. Em seu artigo “A Pluralidade da Geografia e as Abordagens Humanistas/Culturais”, Amorim Filho (2007) apresenta um quadro intitulado “Princípios Orientadores da Geografia Clássica ou Tradicional”, no qual princípios da vertente geográfica tradicional são apresentados e caracterizados. Dentre estes, o “Princípio da Diferenciação de Áreas, ou Regional”. (AMORIM FILHO, 2007, p.3). Tal princípio desenvolveu-se “desde os gregos clássicos; adotado por Hettner, aperfeiçoado por Vidal de La Blache, e considerado o mais importante por Hartshorne.”

Logo, pode-se inferir que a descrição e a observação foram práticas insubstituíveis dentre os Geógrafos do período Clássico/Tradicional. Tais técnicas não foram desconsideradas pelas pesquisas geográficas da atualidade, porém, como pode ser verificado no próprio período mencionado, a metodologia sofreu mudanças e outras técnicas foram acrescentadas.

Dessa forma, a prática de observação e da descrição, já presente nas primeiras geografias, perdura como uma das atribuições do Geógrafo do século XXI. Revela, sobretudo, o inafiançável valor dos registros de viagens realizados por viajantes estrangeiros, dentre mulheres e homens, do século XIX. De acordo com Ribeiro (2005):

Esse caráter descritivo marca tanto as memórias e corografias dos luso-brasileiros como os relatos de viagens dos estrangeiros, diferindo apenas no caráter mais formal das primeiras em relação à trama quase literária destes. Os estudos científicos também possuíam o mesmo caráter, constituindo-se em verdadeiros catálogos onde cada espécie era minuciosamente detalhada em seus vários aspectos físicos. (RIBEIRO, 2005, p.364)

Atualmente, a obtenção de dados pelo pesquisador tornou-se mais ágil, não dependendo mais apenas da observação direta, possuindo a alternativa de coleta de dados secundários. Porém, se ainda nos propomos o conhecimento das diferentes realidades espaciais, territoriais, dos lugares, sobretudo os históricos, as observações *in loco* e o registro das mesmas, continuam sendo cruciais para a Geografia do século XXI.

A partir do desenvolvimento das temáticas valorativas e intersubjetivas nas abordagens geográficas, a Geografia Humanista-Cultural se fortaleceu. Foram

inseridos novos valores na pesquisa geográfica, como identidade, simbologia, sentimento de pertencimento, dentre outros. O espaço valorizado passa a ser percebido como lugar, “[...] ele passa a ter significado afetivo para as pessoas, grupos e comunidades. [...]” (ERTHAL, 2003, p.35).

A Geografia Cultural alemã, de acordo com Claval (2007), teve sua origem com o pensamento ratzeliano. O termo Antropogeografia criado por Ratzel, seria uma primeira denominação da atual Geografia Humana, incluindo nesta os estudos culturais.

Para Ratzel, a Antropogeografia era uma parte da Geografia que se ocupava de três aspectos fundamentais. O primeiro destes era a diversidade de povos baseada nas diferentes condições ambientais. Nesse caso, temos uma primeira explicação para a diversidade cultural humana, baseada no ambiente e nas técnicas desenvolvidas para adaptar a vida aos fatores naturais.

O segundo aspecto refere-se à mobilidade dos povos. A origem e o destino de cada povo proporcionariam informações históricas sobre as condições naturais. Dessa forma, o estudo desta questão objetivava a compreensão das motivações históricas desses povos, as quais os levaram à migração e à fixação em determinados locais da superfície terrestre.

O último dos aspectos mencionados seria a ligação da relação homem-natureza a questões territoriais. Este ponto pode ser considerado como exemplo das proposições mais difundidas das idéias de Ratzel. Para ele, havia elementos políticos importantes na relação homem-natureza. Tais elementos seriam expressos, por exemplo, a partir da propriedade e do Estado. (DANTAS; MEDEIROS, 2008).

A compreensão da Antropogeografia de Ratzel, dessa forma, estaria vinculada às observações de movimentos migratórios, bem como à localização dos grupos humanos. Considera-se ainda a influência de aspectos naturais na diversidade da cultura desenvolvida por cada um dos grupos.

A partir da consolidação da Geografia Cultural enquanto área de pesquisa geográfica, já durante o século XX, novos conceitos foram propostos e aplicados ao estudo do homem enquanto agente de produção e organização espacial. O homem com toda sua subjetividade começa também a ser mais valorizado como foco de pesquisa.

As características pessoais e particularidades de cada indivíduo (ou de grupos de indivíduos) seriam responsáveis por atributos culturais expressos por ele

e seu grupo social na paisagem. Além disso, de acordo com Capel e Urteaga (1984), a imagem que se apreende da cidade, ou do lugar, diferencia-se também por algumas variáveis pessoais. Dentre estas se podem citar a idade, classe social, tempo de residência, gênero, dentre outras.

A paisagem, apreendida subjetivamente pelos sujeitos que a vivenciam, possui relevância em relação ao comportamento dos mesmos no espaço, sendo que tal comportamento pode mudar com o passar dos anos.

Considerando o que foi exposto acima, os relatos de viajantes estrangeiros do século XIX podem ser considerados como apreensões pessoais próprias a cada um dos autores. Variações quanto ao país de origem, classe social, experiências pessoais, gênero, dentre outros, são igualmente base para a definição da característica das observações relatadas.

A compreensão da cultura localizada em tempo pretérito depende, entre outros aspectos, do registro da observação de atores sociais que estiveram presentes no período e espaço de interesse. A diversidade cultural pode ser expressa em minúcias do cotidiano. Sua busca requer uma observação atenta e sensível, capaz de captar suas peculiaridades.

O estudo da diversidade cultural, aplicado ao cenário colonial do século XIX, considera também o conhecimento do Novo Mundo. Dessa forma, cada expedição de viajantes estrangeiros fornecia informações necessárias ao seu conhecimento.

De acordo com a abordagem humanista/cultural, deve-se salientar que a expressão da paisagem registrada nos relatos de viagem é pessoal a cada autor. As apreensões de mundo variam, assim como as diversas culturas, a partir também de “situações sociais e dos *status* que é reconhecido a cada um.” (CLAVAL, 2007, p.14)

Dessa forma, tratando-se da observação, apreensão e descrição referentes à paisagem, pode-se compreender esta como documento-chave para entendimento da cultura e parte material de expressão do desenvolvimento humano. (CLAVAL, 2007). Ainda sobre a paisagem, pode-se considerar a mesma como um espelho da cultura, capaz de sintetizar seu desenvolvimento.

Corrêa (2014) disserta sobre as semelhanças, diferenças e complementaridades em relação às obras de Carl Sauer e Denis Cosgrove. Os temas abordados e comparados no artigo são paisagem e história, Geografia Cultural e Geografia Histórica, presentes na obra dos dois autores mencionados.

Tanto Sauer como Cosgrove foram importantes para ambos os temas supracitados, porém, de acordo com Corrêa (2010), a obra do primeiro autor foi importante, sobretudo para a Geografia Cultural com a publicação de *A Morfologia da Paisagem*, publicada em 1925. O segundo se destacou no estabelecimento da Nova Geografia Cultural, além da realização de estudos humanistas e históricos.

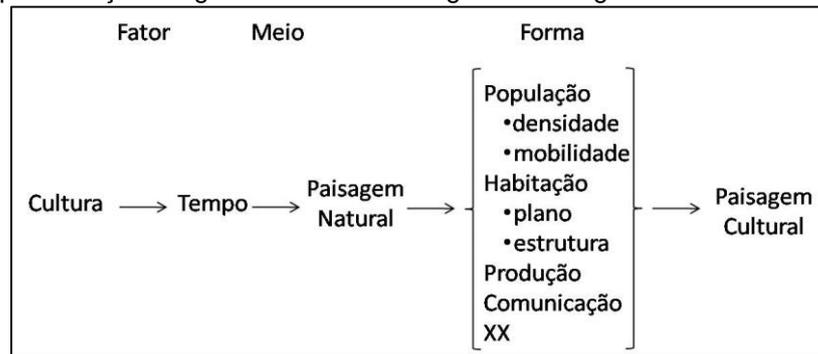
A análise da obra desses dois autores revela sinteticamente o desenvolvimento de entendimentos diferenciados sobre Geografia Cultural. Para Sauer, a cultura tinha papel determinante para o desenvolvimento humano no espaço e conseqüentemente para a configuração da paisagem. Além disso, era entendida como um conjunto de criações humanas, únicas e não reproduzíveis. Pode, ainda, ser considerada, “[...] em um certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica”. (SAUER, 1925, p. 23). Diferentemente, mas de forma não excludente, Cosgrove considerava como cultura os significados relacionados a diversas temáticas constantemente elaborados pelos indivíduos. Neste último caso têm-se uma concepção fenomenológica de cultura.

Para Sauer (1925, p. 57)<sup>5</sup>, “[...] em geografia não nos preocupamos com a energia, costumes ou crenças do homem que caracterizam a paisagem.” Para este autor, a paisagem cultural é produzida por *formas*. Estas são produções humanas que modificam a paisagem, como a *População*, considerada em sua massa e densidade, além dos movimentos contínuos de migração, a *Habitação*, essas as estruturas físicas construídas, assim como sua aglomeração, e por último, a *Produção*, sendo essa a forma de utilização da terra visando a produção de produtos primários, como minas, fazendas, etc. A Figura 1 apresenta o diagrama da morfologia da paisagem cultural produzido a partir desta compreensão.

---

<sup>5</sup> Texto traduzido publicado com o título *A morfologia da paisagem* no segundo volume da coleção Geografia Cultural da EdUERJ: *Paisagem, tempo e cultura*, organizado por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, 1998. Publicação original com título *The morphology of landscape*, University of California, Publications in Geography, vol 2., n. 2, 1925, p. 19 – 54. Tradução: Gabrielle Corrêa Braga.

**Figura 1** – Representação Diagramática da Morfologia da Paisagem Cultural de Carl Sauer



Fonte: Sauer (1925, p. 58)

Assim como a concepção de espaço, o conceito de cultura para ambos os autores mencionados era diferenciado. Para Sauer a cultura seria um “(..) conjunto de criações humanas.” (CORRÊA; ROHSENDAL, 2010, p. 40). Para Cosgrove, a cultura era uma elaboração e reelaboração contínua de significados. A diferenciação entre os homens de cada período histórico encontra-se no contexto em que estão inseridos. Dessa forma, para Cosgrove, a cultura seria “[...] reflexo, meio e condição das diferenças socioculturais” (CORRÊA; ROHSENDAL, 2010, p. 40).

A abordagem dos mesmos temas por pesquisadores diferentes, inseridos em períodos distintos, proporcionaram semelhanças e diferenças de entendimento. Sobretudo demonstraram a evolução no tempo e no espaço de pensamentos e compreensões de mundo a partir de uma mesma matriz e temática. Ainda de acordo com Corrêa e Rohsendal (2010), os estudos da paisagem por estes dois autores, como consequência das diferentes abordagens culturais supracitadas, são diferentes. Carl Sauer valorizava a morfologia da paisagem para a compreensão da mesma. Dessa forma, o conjunto das formas naturais e culturais associadas em determinada área definiriam a paisagem saueriana, tudo isso em sintonia também com os princípios diretores do pensamento da Geografia Clássica germano-francesa.

Fazendo coro à metodologia utilizada por Humboldt, Sauer (1925, p. 17) afirma que “Os fenômenos que compõem uma área não estão simplesmente reunidos, mas estão associados ou interdependentes.” Além disso, Sauer acreditava que “Descobrir essa conexão e ordem dos fenômenos em área é uma tarefa científica e de acordo com a nossa posição a única à qual a geografia deveria dedicar suas energias.”

Para Cosgrove, a paisagem era definida pelo simbolismo. Estaria ela no mundo dos significados, sendo estes atribuídos pelos próprios homens. A dimensão abordada por Cosgrove se assemelha à definição de lugar, quando consideramos o mesmo como:

[...] condição existencial de uma determinada coisa no mundo sensível, o que implica dizer que os lugares são determinados, não pelas características do mundo físico, mas, por sua condição imaterial, fenomenal e semântica, pelo que significam, por exemplo, em termos das vivências dos indivíduos. (ABREU, 2010, p. 15)

Ambos os pontos de vista contribuem para o desenvolvimento do conceito de paisagem e para o entendimento da evolução da Geografia Cultural. Caberia ao pesquisador compreendê-los para a aplicação em novas pesquisas.

A Geografia Cultural tradicional, atribuída à influência de Carl Sauer e da Escola de Berkeley no período compreendido entre as décadas de 1920 e início de 1980, ocupava-se do estudo da cultura como uma entidade superorgânica. Esta teria um papel direcionado para as mudanças ocorridas no ambiente natural e na paisagem. (CRESSWEL, 2010; GARCÍA, 1999; WORLD GEOGRAPHY, 2016).

Tomada como algo natural ao homem, a cultura era considerada um organismo capaz de alterar e adaptar o ambiente de acordo com as necessidades de cada grupo humano. Assim, a Geografia Cultural desse período possuía como foco as transformações que os homens, possuidores de culturas próprias ao grupo a que pertenciam, poderiam realizar no espaço e, conseqüentemente na paisagem. As diferenciações espaciais eram pontos-chave das pesquisas desenvolvidas nesse período. De acordo com García (1999):

El objetivo de la escuela saueriana es por tanto la reconstrucción histórica del medio natural y de las fuerzas humanas que modifican el paisaje, la identificación de regiones culturales homogéneas definidas en base a elementos materiales (cerámica, material de construcción o tipos de viviendas) o bien elementos no materiales como religión o lenguas y dialectos; y por último el estudio de la ecología cultural histórica prestando especial atención en como la percepción y uso humano del paisaje viene condicionada por elementos culturales. (GARCÍA, 2010, p.72).

Carl Sauer, devido ao amplo leque de temas de interesse, possuía um número considerável de seguidores. Seus discípulos, naturalmente, adotaram a

Geografia Cultural Tradicional como linha de pesquisa. Consequentemente contribuíram para a popularização desta linha entre os geógrafos americanos.

Demonstrando a difusão das idéias de Sauer, García (1999), apresentou um quadro intitulado “Difusion de la geografía cultural”, no qual organiza uma lista de doutorandos a partir dos dados da *AAG Handbook and directory of geographers*, constando local e data de defesa (1927 a 1979), local de docência e orientador. Observa-se que dos 25 nomes apresentados, 17 concluíram seus estudos na Universidade de Berkeley, na qual o departamento de Geografia era coordenado então por Sauer, sendo que 11 destes eram orientados pelo mesmo. Acredita-se que esse seja um indício considerável da influência e disseminação das idéias defendidas por Carl Sauer. Quadro 1.

**Quadro 1-** Doutorandos do período de 1927 a 1979 da linha de Geografia Cultural Tradicional

<b>Difusion de la geografía Cultural</b>			
<b>Nombre</b>	<b>Doctorado por</b>	<b>Docencia en</b>	<b>Director de tesis</b>
John Leighly	UC Berkeley 1927	UC Berkeley	C. O. Sauer
Donald D. Brand	UC Berkeley 1933	U. Texas (Austin)	C. O. Sauer
H.J. Bruman	UC Berkeley 1940	UC Los Angeles	C. O. Sauer
D. Stanislawski	UC Berkeley 1944	U. Arizona	C. O. Sauer
R. C. West	UC Berkeley 1946	Louisiana State	C. O. Sauer
James J. Parsons	UC Berkeley 1948	UC Berkeley	C. O. Sauer
Philip L. Wagner	UC Berkeley 1953	U. Chicago	C. O. Sauer
Homer Aschman	UC Berkeley 1954	UC Riverside	C. O. Sauer
Charles S. Alexander	UC Berkeley 1955	U. Illinois (Urbana)	J. Parsons
Carl L. Johannessen	UC Berkeley 1959	U. Oregon	C. O. Sauer
Marvin W. Mikesell	UC Berkeley 1959	U. Chicago	C. O. Sauer
Ward J. Barrett	UC Berkeley 1959	U. Minnesota	J. Parsons
C. W. Pennigton	UC Berkeley 1959	U. Texas (A&M)	J. Parsons
Clinton R. Edwards	UC Berkeley 1962	U. Wisc. (Milwaukee)	C. O. Sauer
W. M. Denevan	UC Berkeley 1963	U. Wisc. (Madison)	J. Parsons
David Hill	U. Chicago 1964	U. Colorado (Boulder)	L. Wagner
L. R. Pederson	UC Berkeley 1965	U. Arizona	J. Parsons
Elinore M. Barrett	UC Berkeley 1970	U. New Mexico	J. Parsons
B. Q. Nietschman	U. Wisc. (Madison) 1970	Michigan y Berkeley	W. Denevan
R. Byrne	U. Wisc. (Madison) 1972	UC Berkeley	W. Denevan
Reuben Brooks	Col. (Boulder) 1972	U. Kansas (Steerling)	D. Hill
Harold E. Jackson	Col. (Boulder) 1973	Humboldt State U.	D. Hill
G. W. Knapp	U. Wisc. (Madison) 1974	U. Texas (Austin)	W. Denevan
Billie L. Turner	U. Wisc. (Madison) 1974	U. Oklahoma y Clark	W. Denevan
W. E. Doolittle	Oklahoma 1979	U. Texas (Austin)	B. L. Turner

**Fonte:** (GARCÍA, 1999, p.74).

No final da década de 1970, a linha tradicional da Geografia Cultural começou a ser criticada por uma nova geração de estudiosos vinculados à comunidade científica inglesa, dentre outras, sobretudo a partir da Universidade de Birmingham. Introduziram o desenvolvimento de uma Nova Geografia Cultural, voltada para estudos sociais e métodos empíricos, no qual a composição do ambiente cultural e seus fatores de desenvolvimento eram foco de pesquisa.

Cresswell (2010) considera que os pesquisadores ingleses se tornaram, a partir da proposta da Nova Geografia Cultural, geógrafos sociais e culturais. Tal afirmação

pode ser observada nas considerações do autor sobre a abordagem da Geografia Histórica a partir da nova metodologia adotada:

Historical geography, under the influence of Cosgrove, Duncan and Daniels became almost synonymous with cultural geography. But it was social geography, more than any other part of our discipline that became joined at the hip to cultural geography in the name of institutional and departmental research groups and a journal. We (in the UK more than elsewhere) became social *and* cultural geographers.” (CRESSWELL, 2010, p.171)

É importante salientar que a chamada Geografia Cultural Tradicional foi desenvolvida por Carl Sauer na Escola de Berkeley, localizada nos Estados Unidos da América. A crítica às suas práticas teve início entre os estudiosos do Reino Unido. Estes não foram adeptos dessa linha de pesquisa, nem mesmo quando esta estava no auge das atividades científicas americanas. (WORLD GEOGRAPHY, 2016).

A Nova Geografia Cultural era uma nova proposta teórico-metodológica para a Geografia Cultural Tradicional, na qual o indivíduo tinha papel central nas pesquisas. O aspecto cultural seria pensado criticamente uma vez que a proposta desta nova Geografia possuía considerável influência das teorias sociais marxistas dos estudos culturais britânicos. Dessa forma, “[...] the new cultural geography developed a revised transdisciplinary concept of culture”. (WORLD GEOGRAPHY, 2016, p.1).

A partir disso, o conceito de cultura sofre transformações no que diz respeito às análises geográficas dessa linha de pensamento. Passa a ser considerada como um conjunto de fatores relacionados que condiciona o modo de vida de cada indivíduo e/ou grupo, diferenciando-se de acordo com o contexto interno próprio a cada um desses. (WORLD GEOGRAPHY, 2016).

Pode-se adicionar ainda que a crítica da Nova Geografia Cultural possibilitou a inserção de novos temas, mais próximos à teoria social. Foram adicionados questionamentos raciais, políticos, institucionais, de gênero, dentre outros. Temas sobre as diferenças culturais buscavam compreender a complexidade de suas variações.

As duas linhas de pensamento apresentadas neste tópico não são consideradas nesta pesquisa como excludentes, mas sim complementares. A Nova Geografia Cultural seria uma evolução da Geografia Cultural Tradicional desenvolvida por Carl Sauer. A crítica não desconstrói o que já havia sido

estabelecido como prática de pesquisa. Ela acrescenta metodologias, técnicas e temas ainda não utilizados. Mas estes não substituem os que já se encontravam em uso pelos pesquisadores da Escola de Berkeley.

Dessa forma, considera-se que nos estudos geográficos culturais há tanto pesquisas que consideram a cultura como meio de transformação do ambiente e da paisagem, como aqueles que possuem seu foco em análises de identidade, pertencimento e processos de construção da cultura social. Pode-se acrescentar ainda profissionais do meio que admitem as duas possibilidades como metodologias viáveis ao fazer geográfico. Sobre os vários caminhos apresentados pela Geografia Cultural e pela Nova Geografia Cultural, acrescenta-se que:

Nesses caminhos podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não-material, tanto o presente como o passado, tanto objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto aspectos objetivos como intersubjetivos. O que os une em torno da Geografia Cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2010, p. 13-14).

A cultura como forma humana de alteração, produção e representação da paisagem pode ser considerada como conceito aplicável à análise de diversos períodos históricos. Nesta pesquisa, nosso tempo é definido pelo período que compreende o século XIX. Tal período pode ser caracterizado introdutoriamente e culturalmente como momento de grandes mudanças sociais, econômicas e políticas nas relações internacionais e nacionais, mas esta pesquisa foca, sobretudo, em eventos ligados ao território brasileiro.

Compreende-se que a Geografia Cultural é uma base importante para a construção do embasamento epistemológico desta pesquisa. Porém, sabe-se que sozinha não o poderia fazer, pois deve ter como suporte a Geografia Histórica, assim como outras disciplinas geográficas.

Claval (2010) afirma que a Geografia Histórica esteve presente nas produções geográficas francesas desde Vidal de La Blache. Tinha como foco a evolução histórica de fenômenos sociais e naturais de longa duração. Diferentemente, a escola britânica, possuía como objetivo estudos geográficos históricos, das representações das paisagens de tempos pretéritos. De acordo com

Creswell (2010, p. 171), “Historical geography, under the influence of Cosgrove, Duncan and Daniels became almost synonymous with cultural geography”.

Desde as mais remotas origens, não há como desvincular a Geografia da História. Os fenômenos espaciais ocorrem em certo período de tempo. A compreensão dos fatos espaciais depende dos atributos do momento histórico de seu acontecimento. Dessa forma, há uma relação de interdependência entre essas duas categorias.

Erthal (2003) identifica a evolução da Geografia Histórica em três fases distintas, sendo essas coincidentes com a evolução da própria Geografia. De acordo com o mesmo, a Geografia Histórica passou por uma fase tradicional, uma neoclássica e outra crítica, sendo estas explicitadas a seguir.

Segundo este autor, a fase clássica compreende um período no qual o positivismo e o empiricismo eram bases dos estudos Geográficos. Considerando a contribuição para a Geografia Histórica, citam-se, por exemplo, os americanos Harlan H. Barrows, Richard Hartshorne e Carl Sauer. Além destes, também o inglês Henry Clifford Darby.

Hartshorne, em sua obra *The nature of geography* (1939), baseando-se nos pressupostos kantianos sobre o papel diferenciado das análises geográficas e históricas, atribui ao chamado *método do corte-transversal* a única possibilidade de atuação da Geografia Histórica. Tal método consistiria no “[...] estudo do espaço num dado momento de tempo, num tempo cristalizado [...]” (ERTHAL, 2003, p.32). Porém, posteriormente em sua obra *Perspectiva on the Nature of Geography*(1959), propôs que, se necessário para o entendimento da área estudada, deveria ser feito o estudo dos processos.

Sauer reconhecia a paisagem como humanizada e cultural. Dessa forma, a Geografia Histórica, de processo, seria essencial ao desenvolvimento dos estudos geográficos. De acordo com o mesmo, a paisagem podia ser “definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais.”

Na Inglaterra, Darby e um grupo de especialistas estariam preocupados com o desenvolvimento metodológico da Geografia Histórica. Estes, assim como Hartshorne, valorizaram o método corte-transversal, mas diferenciavam-se pela aplicação sucessiva do mesmo, formando o todo segmentos dos processos ali em

ação. Dessa forma, poder-se-ia apreender o processo de mudança da paisagem geográfica.

A segunda fase da Geografia Histórica, neoclássica, marcada pela supremacia do método quantitativo, abria poucas possibilidades de enriquecimento. De acordo com Erthal (2003), grande parte dos modelos matemáticos desenvolvidos nesse período, não facilitavam a análise de mudanças, pois apresentavam um diagnóstico temporalmente estático.

Na fase chamada social, iniciada a partir da década de 1970, ainda de acordo com Erthal (2003), a convivência da Geografia Crítica com vertentes como a idealista, estruturalista, humanística e cultural, além da têmporo-espacial, propiciou certa pluralidade que indicava como foco a preocupação teórico-metodológica com o nível social.

Dessa forma, num contexto favorável, grupos de pesquisa sobre Geografia Histórica se expandiram e a institucionalizaram dentro da própria Geografia. Tal expansão pode ser exemplificada pela realização de congressos patrocinados pela International Geographical Union – IGU neste mesmo período. (ERTHAL, 2003).

Uma das manifestações da Geografia Histórica naquele período era a Geografia têmporo-espacial, e que, para Cristofolletti *apud* Erthal (2003, p.36), sob a perspectiva do tempo e do espaço, buscava compreender a atuação humana na paisagem. Procurava apreender a trajetória dos diversos grupos, podendo utilizar periodizações diárias, anuais, dentre outras.

Dessa forma, partindo da evolução da Geografia Histórica, pode-se concluir, nesse aspecto, que os estudos geográficos envolvem informações também do passado. Considerando que a atualidade é resultado de um processo temporal, há de se considerar fatos pretéritos para melhor tentar compreendê-la.

Norton *apud* Silva (2007) considera que a Geografia Histórica possui três linhas de pesquisa principais: a) estudos do passado, com a utilização do método corte-transversal defendido por Hartshorne. (Hartshorne *apud* Erthal, 2003); b) as transformações ao longo do tempo, ao definir uma paisagem e focar nas mudanças ocorridas; c) o passado no presente, sendo o retorno da paisagem atual através de suas várias faces anteriores em direção ao passado.

Dessa forma, pode-se perceber que a Geografia Histórica, com seu foco no passado, possibilita vários tipos de abordagens para diversos temas. A Geografia como ciência apresenta inúmeras possibilidades de pesquisa. O estudo do espaço

geográfico em sua diversidade social, física, urbana, rural, dentre várias outras, é um dos principais atributos do Geógrafo na atualidade. A Geografia Histórica, voltando a temporalidade de análises para o passado, duplica essas possibilidades.

De acordo com Abreu (2010), a Geografia Histórica possui métodos de pesquisa próprios. Neste caso torna-se necessário ter clareza ao explicitar o período, o lugar de que tratamos e as abordagens teórico-metodológicas utilizadas.

Considera-se ainda que na construção acadêmica brasileira, as pesquisas sobre aspectos do presente se sobrepuseram a questões do passado. Abreu (2010) afirma que:

[...] a geografia brasileira, em seu processo de construção acadêmica, exacerbou a “ditadura do presente”, e o resultado disso foi que inúmeras questões importantes sobre o passado deixaram de ser feitas, pois não eram de interesse dos historiadores e nem os geógrafos as formulavam. [...]. (ABREU, 2010, p.18).

A compreensão de questões atuais, parte das vezes, torna-se comprometida pela desvalorização dos processos históricos. A Geografia Histórica não só atribui valor às questões pretéritas que influenciam na formação e desenvolvimento do espaço, mas dedica suas análises a fenômenos geográficos históricos.

A categoria geográfica paisagem é considerada como um instrumento de análise importante ao desenvolvimento de pesquisas em Geografia Histórica. Nestas, analisa-se a paisagem pretérita, devendo esta ser reconhecida e ressignificada, para posteriormente ser representada. O reconhecimento da paisagem, os significados atribuídos, dentre outras consequências da experiência *in loco*, no caso desta pesquisa, relativas aos autores dos relatos de viagem, além da própria população nativa, atribuem à paisagem observada a categorização de lugar.

Há atualmente pelo menos dois conceitos de lugar utilizados nas pesquisas geográficas. O primeiro deles refere-se à parte concreta da superfície terrestre, associado à posição. O outro se relacionaria aos simbolismos, identidade e representações do espaço vivido. (ABREU, 2010).

Dentre as definições citadas acima, a primeira sofreu várias interpretações. A concepção tradicional clássica começa por interpretar o lugar como singular, cabendo ao geógrafo descrever tal singularidade. Na segunda metade do século XX, sobretudo durante a década de 1970, o lugar passou a ser também considerado como resultado de processos de produção e organização do espaço geográfico. A

partir da década de 80, com o surgimento de outras matrizes epistemológicas e sua absorção, ocorre a valorização dos símbolos e representações de lugares e regiões.

A raiz tradicional da definição de lugar foi quase totalmente perdida, renovando foco principalmente em questões de/sobre o território e territorializações. (HAESBAERT, 2004). O estudo do espaço é entendido, de acordo com uma das abordagens da atualidade, como síntese de um conhecimento parcelar sobre a superfície terrestre. Além disso, lugares e regiões seriam resultados de processos sociais em diferentes escalas.

É possível que tal concepção de lugar, possa ser aplicada à Geografia realizada pelas mulheres viajantes do século XIX. A descrição e a observação realizadas pelas mesmas e sua posterior escrita nos proporciona um conhecimento de um espaço e de um período histórico que vivenciaram. Tais observações do espaço vivenciado são particulares a cada um de seus relatos, envolvendo suas percepções, abstrações e representações. Dessa forma, os processos sociais referidos anteriormente eram apreendidos pela concepção e interpretação pessoais, sendo essas, pelo menos em parte, explícitas nos registros de viagem. Assim, caberia ao geógrafo da atualidade desvendá-los e analisá-los.

Ainda de acordo com ABREU (2010), a Geografia Histórica pode tanto centrar-se na análise de lugares e regiões do passado, quanto somente voltar-se para assuntos temáticos de determinado período, sem referência exata à localização de ocorrência.

Um dos problemas encontrados para o desenvolvimento de pesquisas em Geografia Histórica refere-se ao fato de que a história perdeu a preocupação com os quadros naturais e a Geografia, em relação ao estudo dos processos históricos de formação das regiões. Atualmente é comum em pesquisas geográficas a presença de informações históricas sem valor analítico. São comuns também pesquisas históricas nas quais o lugar é palco de acontecimentos que se quer estudar. O conhecimento de ambas as disciplinas é indispensável à Geografia Histórica.

Ao se pesquisar Geografia Histórica, por se tratar de espaços e tempos distantes dos sentidos humanos da atualidade, somente será possível sua compreensão a partir de documentos históricos, podendo estes ser os mais variados possíveis. Dentre estes, os relatos e descrições de viagens são fontes de experiências diretas de atores do período pesquisado. Neste caso, a partir dos mesmos, seria possível enxergar o passado através dos olhos de outros.

Dessa forma, quanto maior a quantidade de detalhes, melhor será o resultado final da pesquisa. Sobre isso THATAM (1960) acrescenta que:

Uma vez que a experiência de cada um é limitada no tempo e no espaço, cada pessoa deve suplementar sua experiência pessoal com a de outros, sempre com o cuidado de examinar atentamente a confiança que merece aquilo que pegamos emprestado. Tais experiências indiretas de empréstimo são de dois tipos: narrativa ('Erzählung') ou descrição ('Beschreibung'). A primeira é uma história ('Eine Geschichte'), a segunda, uma geografia (Eine Geographie). (TATHAM, 1960, p.558)

Ainda de acordo com ABREU (2010), para evitar explicações simplistas, ao analisar tempo e espaço na pesquisa feita *a posteriori*, é desejável que se combinem processos sociais com aspectos físicos geográficos da paisagem. Além disso, utilizou em sua pesquisa a combinação de narração/descrição com indução/dedução (pensamento teórico com pesquisas de base empírica). Abreu (2000) afirma que, do ponto de vista da Geografia Histórica e, de acordo com sua peculiaridade temporal, existem algumas regras fundamentais das quais cita três que serão apresentadas a seguir.

A primeira delas refere-se às variáveis utilizadas para operacionalizar as categorias de análise geográfica. Como variável, apesar de não explicitado claramente pelo autor, compreendeu-se que se trata dos elementos que compõem, por exemplo, a paisagem, o lugar, dentre outras categorias. Argumenta que estas variáveis devem ser correspondentes ao período estudado, sendo esse seu diferencial frente aos estudos aplicados à atualidade. Somente assim seria possível a compreensão do "presente de então".

No segundo, argumenta sobre a necessidade de se contextualizar o passado. Para isso, a pesquisa indireta, a partir do que já foi produzido sobre o período pesquisado, e a pesquisa direta, a partir de documentos históricos, são fundamentais para este tipo de estudo.

Por fim, a terceira regra refere-se à parcialidade dos documentos históricos utilizados. Os mesmos são fonte de informações e refletem partes do passado pesquisado. Mas também são repletos de interesses relativos aos valores pessoais dos autores e às relações de poder de seu tempo.

Assim, torna-se necessário que se faça uma reflexão sobre a não possibilidade de reconstrução completa do passado tal como ele se apresentava em determinado período. Como tratamos nesta pesquisa de relatos pessoais históricos, assim como mencionado anteriormente, os mesmos revelam a realidade vista pelos

olhos de viajantes estrangeiras. Carregam consigo seus interesses pessoais, suas interpretações da realidade, dentre outras variáveis que tornam os relatos fontes de informação, mas não imparciais. Mesmo considerando documentos históricos, assim como argumentado por Abreu (2000), não estaríamos livres da parcialidade de sua produção.

Pode-se considerar, portanto, as metodologias da Geografia Clássica/Tradicional, Cultural e Histórica para se apreender aspectos importantes relativos aos relatos de viagem do século XIX. Relacionam-se respectivamente às técnicas de obtenção e construção dos relatos, à observação de aspectos pessoais dos autores como influentes no resultado final da obra e, finalmente, ao momento histórico das referidas observações e descrições.

Reconhecendo a Literatura de viagem como um meio de obtenção de informações geográficas do passado, de registros sócio-espaciais, torna-se necessário a reflexão sobre a relação entre Geografia e Literatura.

## 2.2 Geografia e Literatura

O século XIX, período escolhido para análise desta pesquisa, caracterizou-se pelo avanço do conhecimento científico, sobretudo, o conhecimento da superfície terrestre. De acordo com Ferré (2014), a exploração e a produção cartográfica terrestre produzida durante os séculos XVIII e XIX era interesse para a ciência geral.

A une époque marquée par le « tournant spatial<sup>6</sup> », l'espace est considéré comme une métaphore centrale dans la littérature, et la critique littéraires'estemparée de l'espace comme nouvelle approche ou nouvel objet. Il s'agira d'aborder la géographie comme discipline et comme méthode. (FERRÉ, 2014, p.2).

A produção dos relatos de viagem geográficos foi realizada por profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Exploradores de diversas formações como

---

<sup>6</sup> *Tournant spatial* ou *spatial turn* é um termo que indica uma mudança epistemológica ocorrida nas ciências humanas em meados do século XX. Refere-se à consideração, pelas várias disciplinas como Geografia, História, Antropologia, Filosofia, e artes em geral, da dimensão espacial das práticas sociais. De acordo com Bernabei (2015, p. 304), "Le spatial turn s'appuie sur les questions relatives à la dimension spatiale de la construction de la connaissance : Quelles sont ses dynamiques d'échange et de mouvement? Comment l'espace agence-t-il les produits d'une société? Dans quelle mesure cet agencement organise-t-il des savoirs spécifiques ? Quels sont les rapports et les hiérarchies entre les points/éléments d'échange ? Dans quelle mesure ces rapports retracent-t-ils de nouvelles cartes?"

naturalistas, engenheiros, escritores, geógrafos, dentre outros, foram responsáveis pelo registro da paisagem observada. Pode-se inferir que a atividade geográfica era ponto central das produções intelectuais do período.

O meio de transporte utilizado para a exploração da superfície terrestre era o marítimo, sendo este determinante para a caracterização das produções técnicas e de pesquisas. Os longos períodos em alto mar vividos por capitães, marinheiros, pesquisadores e aventureiros resultaram no conhecimento não somente dos continentes visitados, mas de rotas marítimas e suas sazonalidades. Já no interior dos continentes, considerando as metrópoles européias, houve uma supremacia, em relação ao transporte de cargas e de pessoas, do transporte ferroviário. (Corrêa, 1995). Em territórios industrialmente ainda não desenvolvidos, como o Brasil, percebe-se a predominância do uso do transporte de tração animal.

A busca pelo conhecimento do mundo atraiu o interesse de diversas nações, sobretudo européias, inclusive para fins colonialistas. Pesquisadores de diferentes formações foram custeados com o objetivo de catalogação da fauna, flora, riquezas minerais, dentre outras características das terras desconhecidas. Viajantes aventureiros, dentre homens e mulheres, também empreenderam tais viagens.

Ferré (2014) cita alguns tipos de viajantes setecentistas britânicos, como os exploradores, as mulheres viajantes, as viagens imaginárias, investigadoras, dentre outras, salientando um ponto comum entre eles. Tinham o desejo de apresentar os lugares percorridos, de cartografar o mundo e satisfazer a curiosidade científica. A catalogação de novas rotas, territórios, fauna, flora e culturas foram realizadas a partir da descrição dos viajantes.

O registro de viagem era composto por anotações baseadas na observação e descrição daquilo que era experienciado pelo viajante. Poderia conter desenhos, para os que possuíam tal habilidade, mas principalmente o registro literário.

É importante salientar que a atividade dos viajantes, em relação à observação e a descrição, não se baseou somente em relatar uma paisagem existente, mas sim na criação de uma visão pessoal, e expressá-la a partir da representação escrita e/ou desenhada. Sobre os viajantes que produziram relatos sobre o sertão, Souza (2015) acrescenta o significado sobre a leitura dos registros de viagem:

[...] significa acessar verdadeiros mundos visuais que foram se configurando na obra desses olhos andeijos como percepções de um mundo pleno de objetos, que foram nomeados, classificados, agrupados, comparados e avaliados normativamente por observadores que não sentiam e transcreviam um mundo que lá já estava, mas sim foram agentes construtores das várias cenas visuais que nos legaram o sertão e os sertões. (SOUZA, 2015, p. 516).

A partir da leitura de alguns relatos de viagem, percebe-se a heterogeneidade de objetivos de pesquisa e de estilos de escrita. Os registros possuem foco de observação específico ao objetivo de cada autor. Um viajante naturalista, por exemplo, registrava a fauna e flora nativas, baseando-se em conhecimentos de sua especialidade. Um(a) viajante aventureiro(a), diferentemente, registrava tudo aquilo que considerava interessante, variando de acordo com a experiência vivida em campo, além outras características pessoais. Porém, ao possuírem a paisagem e/ou seus elementos como foco de observação e posterior descrição, o resultado das representações produzidas contribuem fortemente para o conhecimento do espaço histórico. Pode-se considerá-los, indiferentemente dos objetivos e estilos de escrita, como relatos de viagem geográficos.

Os diferentes focos e percepções atribuídos à paisagem geográfica nos relatos de viagem, seja ela natural ou cultural, não permitiram que a descrição se concentrasse na matéria inanimada. Mesmo que a observação se resumisse a aspectos naturais de um cenário estático, a humanização citada por Lima (2000) oferece a vivificação como forma de apreensão do espaço.

O conjunto de produções de relatos de viagem, considerando toda a diversidade disponível, por caracterizarem a produção de um período, é denominado como Literatura<sup>7</sup> de Viagem.

### **2.2.1 Literatura e Ciência**

As produções científicas e literárias possuem elos que as unem e características que as diferenciam. Porém, diferentemente do que poderia ser defendido, não há necessidade de exclusão de uma em relação à outra. Pode-se citar considerável parte das pesquisas de abordagem humanista/cultural em geografia como um importante avanço na busca da religação dos saberes.

---

<sup>7</sup> Dicionário Priberam: Literatura – <sup>5</sup>Conjunto de textos ou obras escritas sobre determinado assunto.

Tuan (1978), norteado pelos pressupostos positivistas, discute sobre as diferenças e similaridades entre Ciência e Literatura. Enquanto a primeira possui a símile como base comparativa, prezando pela objetividade e pela clareza, desde a premissa até a conclusão, a segunda teria a utilização de metáforas e outras figuras de linguagem.

A símile e a metáfora são características que diferenciam um texto científico de um literário. A símile preza pela comparação explícita, podendo contribuir para expressar com mais clareza um argumento, como por exemplo, “O exercício da leitura ensina como uma escola”. A metáfora, diferentemente, seria uma comparação entre objetos utilizada para expressão em textos literários. Para isso utiliza um significado conotativo de ao menos um desses, como por exemplo, em “Este problema é apenas a ponta do *iceberg*”. Ambas são figuras de processos criativos. A símile, então, se aplicaria às produções científicas, e a metáfora à Arte, de acordo com este autor.

Com base nas contribuições de Tuan (1978), acrescenta-se que a símile e a metáfora, sendo figuras de linguagem capazes de diferenciar Ciência e Literatura, ou Ciência e Arte, possuem também a capacidade de provocar reflexões sobre sua função e significado. A símile é capaz de atender metodologicamente aos pressupostos de produção de pesquisa aceitos pela comunidade acadêmica. A metáfora possibilita que a Literatura, ou a Arte de forma geral, possuam metodologias de produção livres. Não atendem a regras nem pressupostos, somente concordam com as inspirações do ser que as produziu. São apreensões da vida, do espaço, da paisagem, da cultura, etc.

Ainda sobre as diferenças entre Ciência e Literatura, Tuan (1978) acrescenta que um texto científico ou filosófico deve ser bastante claro. O leitor não deve ser induzido a conclusões equivocadas. Diferentemente, um texto literário pode conter ambiguidades, enigmas, dentre outros, para expressar e representar seu conteúdo. Admitindo a não exclusão de uma em relação a outra, poderíamos refletir sobre a complementaridade das fontes inclusive por suas diferenças.

Tuan (1978) considera a Literatura como um trabalho individual devido ao processo criativo artístico basear-se nas inspirações pessoais do autor, não havendo um compromisso com o entendimento completo ou real das representações produzidas. Todavia o dever da clareza implícita nos trabalhos científicos atribui a

eles a característica da popularidade, ou seja, a possibilidade da disseminação de informação. (TUAN, 1978).

A disseminação da informação dos trabalhos científicos caracterizada como um objetivo da comunidade acadêmica por Tuan (1978), por vezes, pode ser dificultada pela especificidade da linguagem utilizada. A utilização de terminologias técnicas ou excessivamente rebuscadas, frequentemente adotadas, impede que o conhecimento do conteúdo produzido seja realmente popularizado.

A Literatura e a Ciência, de acordo com Tuan (1978), possuem então a símile e a metáfora como elementos de diferenciação. Além disso, considera a produção científica popular. Porém a popularidade atribuída às produções científicas é algo de difícil alcance, pois atende a objetivos e interesses específicos da comunidade acadêmica. As produções podem estar acessíveis ao contato de todos, mas raras vezes à compreensão popular.

Caracterizada por ser uma produção livre, a Arte por vezes se inspira em fatos sociais reais para suas produções. Dentre os quadros científicos<sup>8</sup> de possível presença nas produções artísticas está a paisagem cultural. Nesse aspecto, a Arte em geral, utiliza inspiração semelhante àquelas das análises científicas de pesquisas sociais que possuem o indivíduo como foco de pesquisa.

Sobre a não exclusão entre os dois campos de produção, científica e artística, Tuan (1978) explica que a Literatura pode conter informações de quadros científicos sem ser prejudicial ao objetivo final. Por outro lado, não poderia, por exemplo, um texto científico se apropriar da subjetividade artística, uma vez que atribuiria aspectos de informalidade à produção, e por vezes, imprecisão.

Ciência e Arte, sendo frutos de um mesmo impulso criativo, não haveriam de ser completamente opostas. Os aspectos complementares se encontram principalmente ao se considerar o homem como uma temática possível para os dois tipos de produção humana.

A inspiração para realização de pesquisas científicas e para produção artística provém consideravelmente de questionamentos reflexivos sobre assuntos relacionados à vida e ao espaço ocupado pelo homem. O que diferencia seria a metodologia empregada para elaboração do produto final.

---

<sup>8</sup>A expressão “Quadro científico” refere-se à representação da paisagem como possibilidade de análise científica. Poderia ser exemplificado como, além da paisagem cultural, a paisagem natural.

De acordo com Tuan (1978), a sociologia encontra o relacionamento com a Arte pautada no impulso criativo, presente tanto na Literatura como na própria sociologia. Qual seria então o relacionamento entre Literatura e Geografia?

Ao considerar o impulso criativo, ou inspiração criativa, como fonte reflexiva de produções de diversas áreas do conhecimento, artísticas ou científicas, deve-se considerá-lo também como um dos aspectos de ligação entre Literatura e Geografia. A contemplação dos elementos da paisagem, bem como o relacionamento entre eles, pode ser entendida como um exemplo dessa ligação. A literatura de viagem possui a paisagem, natural ou cultural, como inspiração. A geografia, sobretudo a corologia, partilha desse mesmo estímulo inspirador.

Freitas (2007, p. 17) considera que o desenvolvimento da Arte está relacionado ao desenvolvimento da compreensão da própria paisagem, "paralelamente à liberdade de expressão instaurada a partir do Renascimento e ao aumento das possibilidades de locomoção". A locomoção, principalmente a partir do século XIX, se intensificou. As produções artísticas obtiveram assim novas possibilidades naturais e culturais de inspiração.

A interação do Homem, enquanto espécie, e as paisagens geográficas deram-se ao longo da história de forma profunda, por vezes sagrada, mas, sobretudo repleta de simbolismos. A junção de pensamentos e sensações deu aos diversos lugares significado, expresso nas identidades criadas e na representação do espaço através da Arte. De acordo com Lima (2000):

Nas paisagens encontramos os vestígios, as reminiscências, as relíquias da magnitude da história vivida pelas sociedades das diferentes culturas num passado remoto ou não, ou ainda no presente-futuro da contemporaneidade. (LIMA, 2000, p.8).

A ligação entre Literatura e Geografia é evidenciada a partir de pesquisas desenvolvidas por diversos autores brasileiros e estrangeiros. Os temas variam temporalmente e espacialmente, reforçando o extenso número de possibilidades de pesquisa sobre o assunto. Alguns exemplos de pesquisas que envolvem Literatura e Geografia serão apresentados no item a seguir.

### 2.2.2 Possibilidades de pesquisas literárias em Geografia

Atualmente muitas são as possibilidades de pesquisa sobre Literatura e Geografia. Existem pesquisas que, de maneira geral, utilizam as representações espaciais expressas na Literatura como contribuições para a investigação de aspectos geográficos presentes na paisagem descrita. Outras possuem os relatos de viajantes como elemento de investigação geográfica, sendo alguns, assim como esta pesquisa, sobre mulheres viajantes. Consequentemente houve o desenvolvimento de pesquisas que discutem a contribuição e participação do gênero feminino em viagens e na produção de relatos de viagem, bem como em outros aspectos históricos e geográficos.

No Brasil, há uma perceptível concentração de pesquisas recentes sobre Literatura e Geografia em programas de pós-graduação, em Geografia, mas também em outras áreas do conhecimento, localizados na região sul e sudeste do país. Como exemplo, pode-se citar a existência da disciplina *Literatura de Viagem: escrita e representação em narrativas de viagem coloniais e pós-coloniais* do Programa de Pós-Graduação em Inglês – PPGI da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, lecionada pela professora Magali Sperling Beck.

Outro exemplo motivador para produção de pesquisas sobre Literatura e Geografia é a presença de um orientador<sup>9</sup> da linha de pesquisa *Análise Territorial* especialista em relacionamento entre Literatura e Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Grupos de pesquisa, como o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural – GHUM, também são responsáveis pelo incentivo à criação e produção de pesquisas geográficas que utilizem a Literatura como meio de análise.

Dentre as várias produções nacionais sobre a temática Literatura e Geografia, serão apresentadas a seguir três pesquisas contendo abordagens e períodos diferenciados. A primeira delas é apresentada por Carmo (2016). Nesta pesquisa a autora tem como foco a fotografia enquanto reveladora do relacionamento entre o homem e a terra/ambiente de vivência. Porém, o poema de Manoel de Barros, *O Fotógrafo*, aparece como, aliado à reflexão sobre fotografia, uma maneira de pensar de modo poético (e geográfico) o habitar humano.

---

<sup>9</sup> Professora Adriana Dorfman – área de pesquisa em estudos fronteiriços em diferentes escalas; território, normas e ilegalidades; as relações entre a Geografia e a Literatura; ensino antirracista e de temas urbanos. (Edital de seleção Doutorado 2018 – PPGG – UFRGS).

A segunda, produzida por Gonçalo (2015), analisa os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização utilizando como base de pesquisa a obra *Capitães de Areia* de Jorge Amado. Foi realizada uma comparação da ocupação do antigo cais de Salvador, na Bahia, apresentada pela obra literária, e a ocupação do mesmo local em 1937 (mesmo ano de publicação do livro de Jorge Amado) e de 2015. Para realização da comparação foram utilizados registros fotográficos e, para o período final, visitas a campo.

A terceira pesquisa, Teixeira, Tubino e Suzuki (2009), busca a apresentação de possibilidades de utilização da relação entre Geografia e Literatura para o ensino e discussão da situação indígena no Brasil. A partir das obras do autor indígena Olívio Jekupé<sup>10</sup>, os autores discutem sobre a possibilidade de utilização das mesmas em sala de aula, contribuindo para o ensino da história e cultura indígena para o público infantil. Concluem sobre a possível eficiência da utilização da Literatura como instrumento não só do ensino, mas da construção do entendimento do tema em sala de aula.

Dentre as pesquisas estrangeiras, além de diversas temáticas envolvendo homens viajantes, encontra-se um arsenal extenso sobre as mulheres viajantes. Stone (2012) apresenta a comparação entre os relatos de viagem de duas autoras inglesas, Helen Maria Williams e Mary Sheley. Essas duas autoras possuem como semelhança o desafio à autoridade masculina “[...] e aos papéis tradicionais do gênero [...].” (STONE, 2012, p. 86). Ao encontrar nos registros literários o cruzamento de fronteiras por mulheres viajantes, a autora da pesquisa se diz encorajada então a “[...] apply geographic or cartographic nomenclature and paradigms to literature.” (STONE, 2012, p. 93).

Outros títulos como Bourguinat (2008) ou Monicat (1996) seriam obras de abundância de conteúdo sobre mulheres viajantes francesas do século XIX, porém não estão, no momento dessa pesquisa, geograficamente acessíveis para consulta.

Muitas são as possibilidades sobre estudos relacionados a Literatura e Geografia. Poucos são aqueles relacionados às mulheres viajantes, principalmente ao se tratar de pesquisas nacionais. A Literatura de Viagem tema de realização

---

<sup>10</sup> “[...] escritor indígena Olívio Jekupé, guarani, da aldeia Krukutu, na porção sul do município de São Paulo, autor de livros tanto para adultos, quanto infantis, sendo estes últimos sua especialidade. Seus livros falam da cultura indígena nos dias de hoje, como vivem os índios, sua relação com as cidades, seus dilemas internos e externos e, principalmente, da dificuldade de acesso dos índios à educação, cujo percurso, para ele, é a melhor forma de defesa dos índios na sociedade atual. (TEIXEIRA, TUBINO e SUZUKI, 2009, p.14).

desta pesquisa, é uma das possibilidades de pesquisa que evidenciam a relação entre Literatura e Geografia. Tal ligação será discutida a seguir.

### **2.2.3 Ligações entre Literatura de Viagem e Geografia**

O século XIX foi um período de intenso fluxo de expedições marítimas e atividades intelectuais, representada em considerável parte pela busca do conhecimento e domínio de novas terras. Viajantes de diversas nacionalidades, sobretudo européias, empreenderam viagens em direção a diversos lugares do mundo, inclusive para o Brasil.

Ferré (2014) explica que, independente do objetivo de viagem, os viajantes tinham em comum o desejo de apresentar os lugares percorridos, de cartografar o mundo e satisfazer a curiosidade científica. A catalogação de novas rotas, territórios, fauna, flora e culturas também pôde ser realizada a partir da descrição contida nos relatos de viagem.

De acordo com Ferré (2014), a exploração e a produção cartográfica terrestre dos séculos XVIII e XIX era interesse para a ciência geral. Nem sempre foram os geógrafos, ao considerar titulação acadêmica, que produziram os relatos de viagem geográficos. Houve, igualmente, exploradores de diversas formações, como naturalistas, engenheiros, escritores, dentre outros. Porém, a atividade geográfica era ponto central das produções intelectuais do período.

A une époque marquée par le « tournantspatial », l'espace est considéré comme une métaphore centrale dans la littérature, et la critique littéraire s'est emparée de l'espace comme nouvelle approche ou nouvel objet. Il s'agira d'aborder la géographie comme discipline et comme méthode. (FERRÉ, 2014, p.2).

O interesse pelo domínio de novas terras, no intuito de expandir o território, fez com que as metrópoles se empenhassem em explorar e catalogar riquezas minerais, naturais, culturais, dentre outras. Financiavam expedições e profissionais que eram responsáveis pela catalogação das características das terras ainda desconhecidas. Houveram também viajantes não financiados por instituições, mas movidos pelo desejo de aventura e/ou curiosidade, empreenderam tais viagens com recursos pessoais.

Dentre os exploradores de variadas épocas que produziram relatos de viagem, pode-se destacar Marco Pólo (1254 – 1324), que relatou com detalhes viagem realizada à China, Ibn Battuta (1304 – 1377), que visitou extensa parte da África, Europa e Ásia, Alexander von Humboldt (1769 – 1859), realizou viagens na Europa, América Central e América do Sul. Dentre as mulheres viajantes, citam-se Germaine de Staël (1766 – 1817) e George Sand (1804 – 1876), exploradoras do século XIX, que terão percurso de viagem apresentado com maiores detalhes no capítulo dedicado às mulheres viajantes.

Os registros de viagem produzidos por esses e tantos outros viajantes foram consideravelmente importantes às produções geográficas oitocentistas, como por exemplo, para a produção da *Comparative Geography* de Carl Ritter. O progresso científico ocorrido nesse período somente pôde acontecer devido à catalogação e cartografia terrestre.

Ao passar dos tempos, principalmente durante o início do século XX, visando o desenvolvimento da disciplina e no intuito de afirmar-se como ciência, a Geografia influenciou-se pelos ideais Iluministas. Foi instigada a refletir sobre aspectos relativos às produções humanas concretas, como as estruturas físicas das cidades, os portos, dentre outros. De maneira geral, ao adotar a racionalidade científica como orientação de pesquisa, atendia em elevado grau as necessidades governamentais e comerciais. Como consequência, afastou-se do caráter mais humano da disciplina. (TUAN, 1978).

Especialmente a partir do surgimento da Geografia Humanista/Cultural, em meados do século XX, o simbolismo e a representação individual, encontrados em considerável medida nos relatos de viajantes do século XIX, passaram a ser utilizados na ciência geográfica. A disciplina ocupou-se de pesquisas sobre o homem, suas produções e significações, dentre outras. Assim, a busca da organicidade ofertada pela observação e descrição do espaço possibilitou a ligação (ou re-ligação) entre Geografia e Literatura. (LIMA, 2000).

As pesquisas aplicadas pela linha Humanista/Cultural da Geografia possibilitaram a utilização da Literatura de Viagem de forma diferenciada. Além do registro simbólico da paisagem, para reconstrução da organização espacial do período a que se refere, adicionam-se questões relacionadas à origem do autor, ambiente socioeconômico, dentre outros aspectos pessoais nem sempre detalhados no relato de viagem. Pode-se inferir que a Literatura de Viagem e as demais “[...]”

obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana [...]", pois evidenciam "[...] estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada." (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p.8).

A proximidade da Geografia com aspectos da vida humana, simbolismos, identidades culturais, dentre outros elementos humanamente observáveis, proporcionada pelo desenvolvimento da linha Humanista/Cultural, ampliou o reconhecimento da importância das produções artísticas no âmbito da pesquisa geográfica. Assim, as pesquisas envolvendo Literatura de Viagem foram novamente difundidas no âmbito da disciplina.

É possível a identificação de alguns elementos coincidentes tanto para a produção de relatos de viagem, como para pesquisas geográficas. Nesse item serão apresentadas as técnicas de observação e descrição, além da paisagem como elos entre Literatura e Geografia, característicos ao processo produtivo de ambas as disciplinas.

A metodologia de análise regional baseada na diferenciação de áreas, utilizada por geógrafos desde o século XIX, possui a observação e descrição da paisagem como técnica fundamental. A exploração dos aspectos ecológicos, administrativos, econômicos, dentre outros, são dessa forma essência da pesquisa. A descrição desses fatores, segundo os conhecimentos e significados atribuídos pelo observador, modela o espaço e o representa de forma singular.

Para a produção dos relatos de viagem, as técnicas utilizadas, assim como para a metodologia de análise regional, foram prioritariamente a observação e descrição. Nesse caso, a paisagem, natural e/ou cultural, foi assumida como elemento vital para a catalogação da superfície terrestre e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da Literatura de Viagem. A busca pelo conhecimento do espaço geográfico e o acúmulo de informações espaciais para posterior organização prática e teórica caracterizam a Literatura de Viagem como uma produção geográfica.

As técnicas de observação e descrição mostram-se indispensáveis para as pesquisas geográficas, para o desenvolvimento científico, para o desenvolvimento e produção da Literatura de Viagem e, por conseqüência, para a discussão sobre a ligação entre Literatura e Geografia.

A paisagem, termo de difícil conceituação, é considerada como um dos principais elos entre Literatura de Viagem e Geografia. Nela estão contidos todos os

elementos do espaço geográfico, podendo ser subdividida em paisagem natural e paisagem cultural. De acordo com Sauer (1925, p. 29):

“A geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas de seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana.”

O reconhecimento da experiência humana para o desenvolvimento do conceito e das produções envolvendo a paisagem pode ser considerado como um avanço expressivo para as produções geográficas. A importância do homem na construção e como parte da paisagem é evidenciada na definição de Freitas (2007, p. 1), na qual considera a humanização da paisagem como seu aspecto geográfico. O homem e suas produções culturais seriam, dessa forma, ponto de considerável relacionamento entre Literatura, sendo esta uma forma de expressão artística, e Geografia:

Como uma marca impressa na epiderme terrestre, toda paisagem humanizada é, portanto, um tipo de geo-grafia por excelência! Um tipo de escrita, posto que regida por uma lógica, ou melhor, por um conjunto de lógicas que se elaboram e reelaboram continuamente ao longo do tempo.

A humanização da paisagem pressupõe a significação humana desta a partir dos sentidos. Essa redefinição se dá pela vivência, apreensão e representação através de simbologias diversas, como a escrita, ou representações gráficas que retratem ou descrevam o que foi observado.

Ronai (2015) evidencia a importância do homem na construção do que é entendido como paisagem. De acordo com o autor, ela somente poderia existir a partir do olhar, pela visão humana. "A paisagem não passa do espaço que o olhar pode abarcar." (RONAI, 2015, p. 247). Dessa forma, seria considerada como um exercício do olhar.

Este espaço “ao alcance do olhar” é antecipado, decupado, colocado em ordem, limpo através de uma série de operações mentais e culturais, este olhar não é o de um sujeito individual, dotado de uma faculdade, a visão; mas efeito de um aporte estrutural que não somente apodera-se das formas e dos volumes, mas os torna significantes." (RONAI, 2015, p. 247).

A paisagem, antes mesmo de sua conceituação científica, refere-se à percepção do homem em relação ao meio em que vive. Freitas (2007, p. 10) afirma que:

Se admitíssemos a existência de uma noção de paisagem anterior à sua elaboração conceitual, noção esta associada à percepção do meio e suas representações, a análise das relações entre o homem e a natureza proporcionaria um caminho para seu estudo.

De acordo com Souza (2015) seria produtivo considerar o resultado do olhar do viajante como uma representação mais que um retrato da paisagem. Não poderia-se então considerar os relatos como descrições puras da paisagem, seja ela brasileira ou estrangeira, uma vez que a representação realizada está carregada de valores culturais e sociais de que o faz. Por esta mesma característica o olhar do viajante é objeto de rica análise geográfica.

A ligação e o relacionamento entre o homem e o espaço, ou a vivência do lugar, presente na Literatura de Viagem, referem-se ao que Éric Dardel<sup>11</sup> denominou de *geograficidade*.

Tanto a Literatura de Viagem como a Geografia, dentre outras características, prezam pela observação e descrição dos elementos paisagísticos culturais e/ou naturais da superfície terrestre. Dessa forma, tem-se a representação do espaço em ambas as áreas, diferenciando-se prioritariamente pela forma de apresentação. A Literatura de Viagem pode utilizar de gêneros de escrita subjetivos, enquanto as explanações geográficas, por mais que considerem formas subjetivas de representação do espaço, de maneira geral, prezam pela objetividade científica.

A Literatura de Viagem pode ser considerada como um exercício de conhecimento e reconhecimento da paisagem. Para a produção de um relato de viagem, a paisagem foi observada, apreendida pelos sentidos, ressignificada, e finalmente representada. A representação seria, então, produto de um processo pessoal e intransferível de cada indivíduo.

A Literatura de Viagem, considerada como registro de representação espacial, possui considerável utilidade para os estudos da organização do espaço

---

<sup>11</sup> Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma 'geograficidade' (*géographicité*) do Homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL *apud* MALANSKI, 2011, p. 1).

histórico. Os relatos de viagem produzidos durante os séculos XVIII e XIX podem ser apontados como elementos chave para o entendimento da produção e manutenção do espaço do período a que referem.

Não se poderia, obviamente, dizer que os relatos de viagem, principalmente aqueles tomados como objeto desta pesquisa, sejam textos científicos positivistas, pautados pela objetividade. Entretanto, são obras repletas de informações paisagísticas, servindo fortemente às análises científicas, geográficas.

Sobre a função da Literatura, enquanto disciplina, como representação espacial, Lajolo apud Gonçalo (2015) a considera como “objeto social”, uma vez que é capaz de representar um registro de ocorrências reais interpretadas e representadas pelo autor. Ela pode ser vista como um documento importante para as análises de ordenamento territorial e uso do espaço, principalmente aqueles relacionados a períodos pretéritos descritos pelos relatos de viagem.

Pode-se inferir que “[...] obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana [...]”, pois evidenciam “[...] estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada.” (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p.8).

Considerando a Literatura como fonte de informações geográficas, pode-se compreender que, principalmente no âmbito das abordagens Humanistas/Culturais, produções literárias são capazes de fornecer elementos à análise das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e destes com o meio de vivência.

A representação da paisagem pode demonstrar, com certa profundidade, sua função dentro da organização econômica-social. Ronai (2015) se ocupa da observação sobre a mudança da escala da paisagem ao longo dos anos, e, sobretudo, da atribuição de valor paisagístico (uso/troca), dentre outros.

De acordo com Ferré (2014), a escrita da terra, ou relato de observações, trata de confrontar a Literatura com a representação do mundo. A literatura, como forma de escrita e leitura terrestre, pode incorporar informações que possuem certa fidelidade às ocorrências reais ou de representações prioritariamente ou completamente fictícias. “L’espace textuel et l’espace réel sont au coeur de l’analyse et des « récits d’espace » [...]” (FERRÉ, 2014, p.2). Para Gannier (2001, p. 5) “la littérature de voyage propose, dans le cadre d’une écriture subjective, souvent postérieure au retour, le compte rendu d’un voyage présenté en principe comme réel.”

De acordo com Ferré (2014), a escrita da terra, ou relato de observações, trata de confrontar a Literatura com a representação do mundo. A literatura, como forma de escrita e leitura terrestre, tornou-se veículo de comunicação sobre a representação do que foi apreendido da paisagem. A inclusão de informações fictícias, em alguns casos, evidencia o atendimento a interesses populares, com objetivo de comercialização. “L’espace textuel et l’espace réel sont au coeur de l’analyse et des « récits d’espace » [...]” (FERRÉ, 2014, p.2).

Passando por obras de ficção ou descrições de observações, como os relatos de viagem, a Literatura ultrapassa a função de entretenimento, oferecendo ao leitor a possibilidade de desvendar modos de ocupação territorial, organização sócio-econômica e as características naturais e culturais. Neste caso ela busca a representação artística da experiência humana concreta, incluindo os fatos do cotidiano. Assim, uma das mais importantes funções do discurso, segundo Tuan (1978), é a reconstituição da experiência.

A Literatura do século XIX caracterizava-se por uma descrição profunda da cena e do ambiente natural, entrelaçando-os com tramas sociais. Acredita-se que o profissional que se ocupe dos relatos de viagem, ou da Geografia presente em outros estilos literários, mesmo os de produção recente, possua elevada percepção ambiental. (TUAN, 1978).

De maneira geral, o romance ou a poesia podem oferecer informações geográficas de determinadas regiões, assim como uma obra geográfica pode ser considerada como literária. A literatura de Homero é um exemplo peculiar sobre as duas disciplinas. Ao mesmo tempo em que se trata de uma obra literária, de aventuras, “[...] há, nêle, ótimas contribuições geográficas, a respeito da Hélade e seus habitantes.” (SEGISMUNDO, 1949, p.327).

É importante salientar o pioneirismo de Segismundo (1949) ao tratar da temática Geografia e Literatura de Viagem no Brasil. A contribuição da reflexão sobre o tema proporcionou aos leitores novas perspectivas de pensar a Geografia. Considerava a Literatura de Viagem benéfica à geografia inclusive se utilizada como primeiro contato infantil com a disciplina.

Na busca da exaltação daquilo que era visto e percebido durante as viagens, a literatura nos relatos das viajantes estrangeiras, assim como os produzidos por viajantes homens, pode ter importante papel para a Geografia. A literatura dos relatos de viagem aproximou ciência e arte de forma complementar. Ao considerar

os avanços em relação à aproximação da Geografia de produções literárias, Marandola Júnior e Gratão (2010, p.9) acrescentam que:

Esta nova aproximação [Geografia e literatura] quer mais do que identificar elementos “reais” na descrição das paisagens e dos lugares. Quer estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural.

A Arte, em suas diversas formas de expressão, inclusive literária, ocupa-se, em parte, de representar o que foi apreendido do espaço e de seu elemento social. A Geografia, ocupando-se da descrição e da análise do espaço geográfico, sempre reconheceu a Literatura, enquanto expressão artística, como documento de representação simbólica espacial, social e cultural.

Considerando a diversidade de relatos de viagem produzidos durante o século XIX, principalmente os de autoria feminina, período do qual se ocupa esta pesquisa, torna-se necessário diferenciá-los em relação aos distintos estilos de escrita e suas características.

#### **2.2.4 Relatos de viagem geográficos: estilos e características**

Diversos foram os estilos literários utilizados para produção dos relatos de viagem. Variaram de acordo com o perfil profissional, objetivo do viajante, cultura de origem e influência exercida pela mesma, bem como pela diferenciação de gênero, entre masculino e feminino, dentre outros.

Considera-se a Literatura de Viagem como uma fonte de representação da paisagem. Candido *apud* Gonçalo (2015) salienta que a representação está imbuída de valores e condições pessoais. Tanto na Literatura, como em outras formas de arte, a representação do espaço passa pelos sentidos do autor. Dessa forma, seja ela escrita ou gráfica, jamais será imparcial.

Lima (2000), inspirado em Claval, acrescenta sobre a necessidade de se atentar para o momento sócio-econômico vivenciado pelo autor do registro literário. Sua atenção a determinados fatores do espaço são influenciados por valores e apreensões pessoais.

Amorim Filho (2008) apresentou um quadro no qual foram organizados os cinco principais estilos literários presentes nos relatos de viagem produzidos no

século XIX, variando desde o relato com maior influência romanesca até o predominantemente científico. Ao analisá-los, percebe-se que somente o último, “e) Geografia de campo e viagens”, não possui a influência do gênero romântico como parte da descrição. Pode-se inferir a importância desse gênero literário para a literatura do período e para a produção dos relatos de viagem. Quadro 2.

**Quadro 2** - Tipos de Literaturas Presentes nos Relatos de Viagem do Século XIX

DO ROMANESCO		AO CIENTÍFICO		
a) <b>Romances essencialistas, realistas, intimistas, de costumes</b> , marcados por uma acuidade psicológica, nos quais o meio, a natureza, as viagens, as paisagens têm uma função contextual apenas. Exemplo: <b>BALZAC</b>	b) <b>Romances de viagens</b> , exotismos, imaginação, sensibilidade, lirismo pessoal, admiração das paisagens grandiosas, religiosidade. Filiação ao Romantismo. Exemplo: <b>CHATEAUBRIAND</b>	c) <b>Romances geográficos de exploração e de aventuras</b> , fiéis às realidades geográficas, às vezes mescladas ao insólito e ao exótico. Caráter educativo e ético. Exemplos: <b>VERNE</b> e <b>MAY</b>	d) <b>Relatos de viagens de exploração</b> , com informações e cartografia obtidos no campo. Presença de romantismo e riscos. Ligados às Sociedades Geográficas. Exemplos: <b>BURTON</b> e <b>SAINT-HILAIRE</b>	e) <b>Geografia de campo e viagens</b> . Métodos, técnicas e instrumentos científicos. Relatórios para a universidade. Obras acadêmicas. Exemplo: <b>HUMBOLDT</b>

Fonte: (AMORIM FILHO, 2008, p.112)

O romantismo caracterizou-se como um momento no qual escritores, pintores e outros profissionais ligados às artes se desprenderam do estilo clássico cientificista, incluindo as sensações e percepções como formas válidas de representação e pesquisa. Os relatos de viagem, por vezes, podem ser considerados como produções literárias do gênero romântico.

O movimento romântico influenciou a Arte, tanto em relação às pinturas como a Literatura. A "paisagem passou a ser associada ao seu valor subjetivo, à capacidade de sensibilizar o homem, culminando nas obras impressionistas, cujo objetivo era captar a essência da paisagem." (FREITAS, 2007, p. 17).

Considera-se Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) como precursor do romantismo. Este autor contestava os valores da sociedade e seu desenvolvimento cultural em prol da desigualdade como meio de manutenção da organização do Estado. Valorizava as virtudes humanas, estas corrompidas pelos valores financeiros. (BRANDÃO, 2009).

A forte influência do romantismo nas produções artísticas do século XIX propiciou a utilização de simbolismos, subjetividade, valores pessoais, dentre outros elementos da literatura romanesca, por viajantes em seus relatos de viagem.

Os tipos de literatura apresentados por Amorim Filho (2008) possuem acompanhamento descritivo no qual se encontra um ou mais viajantes como exemplo de produção para cada um dos tipos apresentados. É importante salientar que todos os viajantes exemplificados são do sexo masculino.

Eckardt (2009) afirma que os relatos de viajantes do século XIX seguiram duas correntes principais. Existiam aqueles com objetivos de caráter científico, e outros contendo impressões e sentimentos sobre a realidade vivenciada. Dessa forma, podemos caracterizá-los como relatos impessoais (neutros) e personalizados (carregados explicitamente de valores), respectivamente.

Eckardt (2009) considera, assim como Pratt (1999), a obra “O Sistema da Natureza” como um dos direcionamentos mais influentes nas produções científicas dos relatos de viagem. De autoria de Carl Linné, apresenta como proposta a descrição e classificação do maior número possível de amostras das plantas existentes na superfície terrestre, caracterizando-as a partir da diferenciação de suas partes reprodutivas.

Assim como o proposto por Eckardt (2009) ao apresentar características da obra de Saint-Hilaire, “Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais”, evidencia o caráter impessoal e a presença de longas listas no relato do referido autor.

Assim como Saint-Hilaire, os naturalistas e outros estudiosos que embarcaram em direção ao Novo Mundo, tinham o intuito de explorar, observar, registrar e classificar tudo que fosse desconhecido aos olhos europeus. Assim, o contexto histórico e as obras produzidas como referência no período mencionado, foram responsáveis por certos padrões presentes nos relatos de viajantes.

Destas viagens feitas pelos naturalistas resultou uma corrente científica dos relatos de viagem. Esta espécie de relato tinha como principais características o constante aparecimento de listas e descrições longas e detalhadas não só de elementos de flora, mas também de fauna, descrições sobre o solo e recursos minerais das regiões visitadas, bem como longas passagens sobre a hidrografia e a agricultura dos lugares por onde estes viajantes naturalistas passavam. (ECKARDT, 2009, p. 75)

Outra característica mencionada sobre esses relatos é sua impessoalidade. A paisagem e sua descrição eram prioridade. A inexistência de maquinário para fotografá-la ou habilidades para desenhá-la era superada pela descrição e outras representações minuciosas, as mais fiéis possíveis. Porém, as características sociais, ou mesmo sentimentos dos próprios autores em geral não faziam parte dos escritos publicados pelo mesmos.

Para os relatos de naturalistas como Saint-Hilaire, era importante um “[...] registro de tudo quanto era visto e coletado, e não daquilo que o narrador sentia ou pensava naquele momento.” (ECKARDT, 2009, p. 78).

Pode-se considerar que esse distanciamento próprio dos relatos científicos da época, realizados em considerável parte por naturalistas, de maneira geral seria uma das características diferenciadora entre estes e parte dos relatos das mulheres viajantes, que possivelmente se enquadram, em grande parte, na categoria “Romances Geográficos de exploração e de aventuras”. (AMORIM FILHO, 2008, p.112).

Independentemente do sexo, a origem cultural do viajante é outro elemento importante ao resultado das observações e descrições registradas. Valores pré-estabelecidos ao desenvolvimento pessoal atuam como elemento de julgamento em relação ao que é desconhecido. A bagagem cultural do viajante proporciona a presença da objetividade e subjetividade, ambas importantes à construção da Literatura de Viagem com influências do romantismo.

O equilíbrio presente entre a objetividade e subjetividade na Literatura de Viagem torna-se um ponto positivo às pesquisas geográficas. A partir da valorização do indivíduo nos pressupostos da Geografia Humanista Cultural, a viabilidade da existência da paisagem depende do olhar de quem a observa. É produzida e/ou representada pelo elemento humano. O relato de viagem proporciona a análise tanto de quem a produz, no caso da paisagem cultural, como de quem a representa.

Os relatos produzidos por homens viajantes tiveram, de forma geral, em relação ao desenvolvimento do conhecimento geográfico, certa exclusividade de pesquisa.

No item a seguir, apresenta-se o método e as técnicas utilizadas para idealização e produção deste trabalho. Busca-se, a partir disso, o esclarecimento sobre o percurso de elaboração, bem como a possibilidade de reprodução da metodologia desenvolvida.

### 2.3 Percurso metodológico de pesquisa

Devido à análise da contribuição do sujeito, enquanto autoras e autores dos relatos de viagem produzidos principalmente no século XIX, a valorização do homem como observador, produtor da paisagem, de sua conceituação e, por consequência, sua representação, compreende-se que o método fenomenológico seja adequado à como norteador da produção desta pesquisa, predominantemente qualitativa e dedutiva

A elaboração desta pesquisa iniciou-se com a revisão bibliográfica sobre as bases intra e trans disciplinares Geografia Clássica, Histórica e Cultural. As três diferentes abordagens geográficas possibilitaram a compreensão e a ocorrência de elucidações sobre a ligação entre Literatura e Geografia.

Apoiado teórico e metodologicamente pelas abordagens geográficas consultadas partiu-se para a temática de pesquisa entre Literatura e Geografia, possuindo foco especial em literatura de viagem. Posteriormente, a literatura de viagem produzidas por mulheres oitocentistas tornou-se a essência da revisão bibliográfica, além de levantamento de material autoral das viajantes.

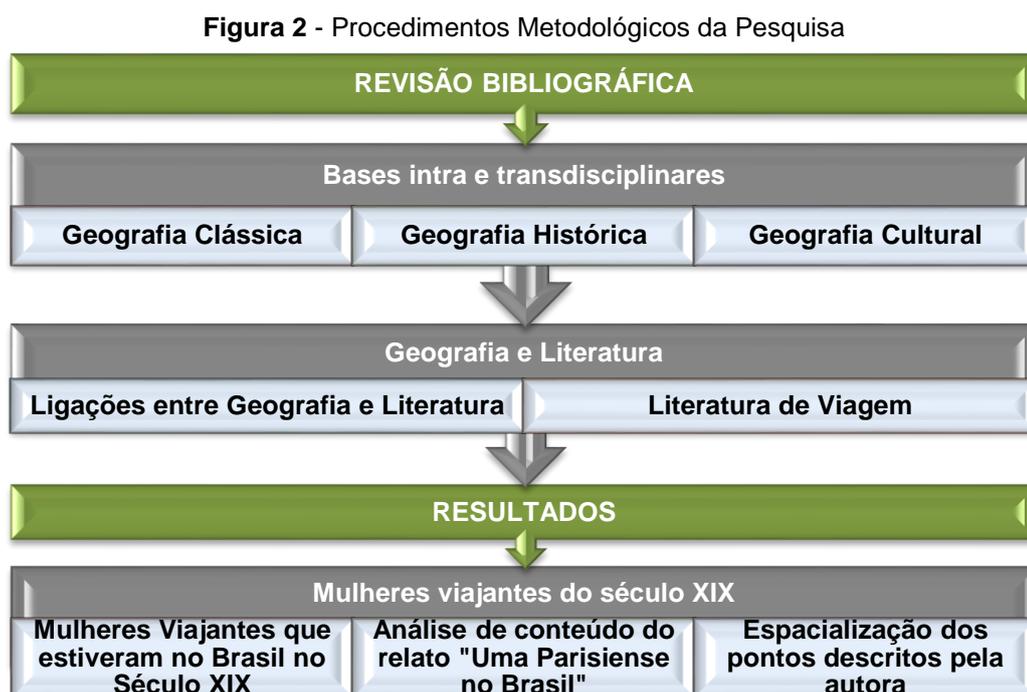
A partir da revisão bibliográfica e de produções autorais foram elaborados os resultados deste trabalho. Marie Barbe Antoinette Rutgeerts van Langendonck e Marianne North foram viajantes e autoras de relatos de viagem sobre o período de estadia no Brasil que, o intuito de exemplificar a diversidade e riquezas das obras produzidas por mulheres viajantes, tiveram a biografia e bibliografia exploradas com maior profundidade.

Como estudo de caso utilizou-se um relato de viagem para análise geográfica de conteúdo e espacialização dos pontos descritos. O relato selecionado foi escrito por uma viajante francesa chamada Adèle Toussaint-Samson.

Como será visto no item *3.1 A educação e sociabilidade feminina no século XIX*, a França pode ser considerada como uma das nações que, de acordo com as limitações impostas socialmente, ofereceu à população feminina educação pública gradualmente compatível, já no século XIX, à ofertada para a população masculina, inclusive em instituições de gênero misto.

Parte considerável das viajantes ao redor do mundo possuem a França como país de origem. Atribui-se esse fato, em parte, ao nível razoável de sociabilidade e

educação ofertado às mulheres francesas oitocentistas. Essa foi umas das motivações de escolha do relato de viagem de uma francesa sobre o Brasil, além dos méritos da própria obra que incluem a adoção de diferentes escalas de observação e descrição dos capítulos, além do enriquecimento de conteúdo por fotografias de autorias diversas. Todo o percurso de pesquisa pode ser visualizado sinteticamente na Figura 2.



Fonte: Elaborado pelo autor

Após a leitura dos relatos escolheu-se o produzido por Adèle Toussaint-Samson. Esta escolha se deu em relação à organização do relato, ao elemento crítico apresentado, além da riqueza descritiva da paisagem, natural e cultural, associada a fotografias de alguns dos pontos descritos.

Posteriormente, realizou-se uma leitura cuidadosa dos pontos abordados pela autora, os evidenciando durante a análise produzida, como a descrição da paisagem, natural e cultural, a observação do cotidiano local, a prática da escravidão, dentre outros. Além disso, a partir do relato e utilizando o software ArcGis 10.3, foram espacializados os pontos visitados pela autora, incluindo rotas de campo, ruas descritas, teatros, etc.

eA seguir, inicia-se a apresentação de mulheres viajantes que estiveram em expedições em direção a diversos lugares da superfície terrestre. Posteriormente,

aplica-se o foco para aquelas que estiveram no território brasileiro no século XIX, principalmente para as autoras dos relatos de viagem acessados.

### 3 Século XIX e as Mulheres Viajantes

Ao analisar relatos de viajantes do século XIX, torna-se necessária a discussão de dois pontos importantes. O primeiro deles seria a caracterização dos contextos econômico e social oitocentistas, bem como das expedições estrangeiras em direção a diversos lugares do mundo. Posteriormente, sendo tão importante quanto, deve-se discutir a definição de paisagem, conceito geográfico complexo, chave para a compreensão da representatividade dos relatos de viagem para a Geografia.

O advento das Grandes Navegações, a partir dos séculos XV e XVI, culminou na descoberta e na exploração de novas rotas marítimas, assim como de novas terras e lugares ainda não desbravados. Possuíam conteúdo misterioso em termos de fauna e flora, além das riquezas minerais.

A partir das navegações, produções cartográficas e geográficas planetárias passaram a deter informações chave para o início do domínio de alguma metrópole, com base no conhecimento até então acumulado sobre as novas terras. (ECKARDT, 2009).

As expedições científicas em busca de conhecimentos sobre o mundo no século XIX respondiam aos novos desafios deste período histórico, pois “apesar de ter a posse de colônias, as metrópoles europeias não detinham o conhecimento necessário para explorar seus bens naturais de forma que contribuíssem com sua economia e industrialização”. (LOPES *et al*, 2011, p. 67).

Sendo o Brasil colônia portuguesa, o fluxo de expedições rumo a este país no século XIX gerou intensa movimentação de naturalistas, dentre outras especialistas, além de aventureiros, pois, assim como nas demais metrópoles europeias, “não existiam estudos aprofundados das riquezas naturais, sociais e econômicas da colônia portuguesa” (LOPES *et al*, 2011, p. 67).

[...] o grande interesse europeu na América Latina resultou na crescente exploração, conhecimento e retratos por parte de cientistas, artistas, viajantes, diplomatas, engenheiros, homens de negócios e outros, e uma inundação de ilustrações “desde estudos detalhados da flora e fauna até cenas pitorescas da terra e de seus habitantes”. (DICKENSON, 2000, p. 151).

A chegada da Família Real Portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808 foi marco de considerável incentivo a expedições estrangeiras com destino ao Brasil. Sendo o

território brasileiro sede do reino português, a coroa viu-se obrigada a decretar a abertura dos portos e, de acordo com RIBEIRO (2005), criar medidas que modernizassem a colônia. “Entre essas, está o projeto de incrementar as tentativas de exploração científica do território, com a vinda de vários especialistas europeus, com vistas a realizar estudos em diferentes áreas do conhecimento” (RIBEIRO, 2005, p. 360).

Considera-se então a abertura dos portos brasileiros um incentivo, senão uma condição, para a exploração do Brasil por viajantes europeus em busca de informações sobre o Novo Mundo.

Dentre os vários especialistas e aventureiros que tiveram o Brasil como destino de viagem, estiveram, também, algumas mulheres viajantes. Assim como os demais viajantes, um certo número de mulheres que participaram das expedições produziu relatos de viagem, os quais merecem ser estudados por geógrafos atuais, sobretudo aqueles e aquelas mais próximas das abordagens ligadas às “geografias humanistas-culturais”. Esses relatos diferenciam-se daqueles produzidos por homens viajantes, principalmente por características ligadas ao romantismo enquanto filosofia e/ou gênero literário, entre eles uma sensibilidade diferente frente às situações observadas e descritas.

A partir da revisão bibliográfica sobre as mulheres viajantes, é possível afirmar a existência de indícios consistentes da existência de relatos de viagem que se enquadrem em todos os tipos de relatos apontados por Amorim Filho (2008). Porém, em relação aos relatos consultados percebe-se predominância do gênero romântico em relação ao científico.

As mulheres viajantes, em maior ou menor intensidade, utilizaram o romantismo como gênero literário para produção de seus relatos. Há aquelas que construíram um diário de viagem semelhante aos diários pessoais, como em Gelabert (1872) ou Binzer (1994). Nestes o gênero romântico foi utilizado de forma consideravelmente acentuada. Há também aqueles que, diferentemente, como o relato de Marianne North, publicado por Bandeira (2012), no qual apresenta pinturas da paisagem, privilegiando a catalogação da fauna e flora, apresenta objetividade em equilíbrio com a subjetividade, demonstrando uma influência menos acentuada do gênero romanesco.

Os relatos de viagem geográficos, produzidos por mulheres viajantes, além da paisagem cultural pública, apresentam descrições do ambiente privado doméstico.

Essa característica é peculiar aos relatos de autoria feminina, pois, mesmo que um homem viajante se interessasse por essa temática, não teria acesso à particularidade da rotina doméstica, exclusivamente feminina.

A singularidade própria ao olhar das viajantes baseia-se na experiência de vida tanto em relação à posição social, grau de escolaridade, quanto a tantas outras características que as diferenciavam em suas perspectivas de vida e nas condições em que conseguiram realizar suas viagens de exploração e aventura. Tais peculiaridades permitiram aprimorar o olhar sobre a paisagem, oferecendo contribuições sobre as representações espaciais e sociais à ciência geográfica.

Partindo disso, pretende-se, a seguir, discutir sobre a definição do conceito de paisagem, embasado principalmente em Amorim Filho (1998) e Hanks e Stadler (2011), refletir sobre o desenvolvimento de tal conceito com base em Ronai (2015), além de identificar e exemplificar seus diversos usos em relatos de viagem produzidos por mulheres oitocentistas a partir da análise da abordagem da de Humboldt sobre a paisagem realizada por Amorim Filho (1998).

Sobre a definição do conceito de paisagem, Amorim Filho (1998) argumenta que é uma tarefa de difícil realização. Isso se deve ao largo uso do mesmo em diversas situações e ramos da ciência. Ainda que se restrinja a definição àquelas existentes dentro da ciência Geográfica, muitas seriam as versões apresentadas. “A esse respeito merece ser mencionado um dado que fala por si mesmo: em sua edição mais recente o Diercke-Wörterbuch Allgemeine Geographie<sup>12</sup> apresenta nada menos do que noventa e nove verbetes a partir do vocábulo *landschaft*.” (AMORIM FILHO, 1998, p.123).

De acordo com Hanks e Stadler (2011), pode-se definir que:

A landscape to a geographer consists of an area or small **region** and the features that appear there. These features may be tangible and physically present and observable; or the landscape may be conceptual, representing a structure of cultural or social characteristics, such as a “linguistic landscape” or an “ethnic landscape”. The term in English may be derived from a Dutch noun, *landschap*, which indicated a specific parcel of land; or the German Word *Landschaft*, which has the literal meaning of “land shape”. Various landscapes may play a pivotal role in the establishment and perpetuation of national identity in a **nation-state**. (HANKS; STADLER, 2011, p.197).

---

<sup>12</sup>DIERKE – WÖRTERBUCH ALLGEMEINE GEOGRAPHIE (Herausgegeben Von Harmut LESER). München, DTV, 1997, p. 439/453. (Fonte apresentada em anexo à bibliografia do artigo de Amorim Filho (1998)).

A paisagem pode ser definida como cultural ou natural e deve ser fisicamente sensível. Ao tratar das origens da palavra *landscape* e *landschaft*, Hanks e Stadler (2011) consideram a paisagem como parte, porção terrestre, possuidora de características próprias que a identificam e a compõem.

Pode-se considerar a definição de paisagem como imprecisa e plural. Admitindo que esteja em todos os lugares, de acordo com Freitas (2007), a paisagem pode ser apreendida por diversos olhares, incompletos e parciais, mas não irrelevantes.

[...] o olhar descomprometido do leigo, o olhar astuto do investigador, o olhar intimidador do *voyeur*, o olhar nostálgico do idoso, o olhar visionário do futurista... Tão concretamente sensível, porém tão intangível pela ciência. Tão visivelmente aparente, mas tão difícil de definir. (FREITAS, 2007, p. 1).

Ronai (2015) aborda a questão da paisagem relacionando a mudança de sua escala de observação a partir da influência do poder territorial. Passando pelo período feudal, no qual extensas áreas eram propriedade de um único senhor, discute sobre a dominação do espaço como um fator de influência na definição da paisagem.

Nesse aspecto, pode-se compreender que a paisagem e o território são alguns conceitos geográficos complementares. A partir da dominação territorial, a paisagem torna-se parte do domínio, o caracterizando e o delimitando. A paisagem observada apresenta o que compõe o território.

Considerando o quatrocentos, no qual vários quilômetros de terras pertenciam somente a um senhor, o campo de visão, o campo de poder e as fronteiras coincidiam. Dessa forma era possível considerar o território coincidente com a paisagem, ou seja, o campo de visão. "A relação do senhor com o seu domínio é íntima, pessoal: a extensão visível é o seu espaço, seu domínio, sua propriedade." (RONAI, 2015, p. 250).

A mudança de abordagem espacial da escala pequena para uma escala grande, considerando questões de dominação do espaço, possibilitou considerar a paisagem dentro de um contexto territorial. Porém, não se poderia "[...] desfrutar da extensão sem desfrutar, ao mesmo tempo, de sua autoridade." (RONAI, 2015, p. 250). A paisagem, nesse caso, de acordo com Ronai (2015), se confundiria com o próprio território nacional.

As estratégias militares se desenvolveram primeiramente em relação ao campo do visível, para posteriormente, com o desenvolvimento dos meios de locomoção, passarem para rotas de grandes distâncias. Porém, é importante salientar que, "A espacialidade moderna (pequena escala) não substitui a espacialidade senhorial (grande escala), mas se constitui a partir dela, sem esfacelá-la." (RONAI, 2015, p. 251).

Ao final do período feudal, a paisagem deixa de pertencer a um só senhor, para ser codificada por quem a contempla, mesmo que não tenha posse jurídica. A modernidade, considerando as rotas comerciais, as campanhas militares, sobretudo o descobrimento de novas terras, abarca uma nova mudança de escala, para uma que envolvesse grandes distâncias, ou seja, uma "pequena escala" em cartografia.

Considerando o período moderno, no qual se pode pensar em nação, Ronai (2015) argumenta que a paisagem possibilita a visibilidade do território aos cidadãos. Dessa forma, o território seria considerado como uma rede de paisagens. Cada ponto dessa rede pode ser descrito, mas tanto a posição como os elementos observados seriam de decisão pessoal do observador.

Já no período histórico contemporâneo, a paisagem foi reconhecida e observada por viajantes. Humboldt, um dos viajantes do século XIX a elaborarem descrições sobre as paisagens observadas, além de outras contribuições científicas, tornou-se uma das referências para a compreensão da conceituação desta categoria geográfica para a contemporaneidade.

Amorim Filho (2008) apresenta a concepção de paisagem desenvolvida nos escritos de Humboldt. Para o geógrafo mineiro, Humboldt tem pelo menos duas faces intelectuais: a primeira e mais conhecida é a do pesquisador rigoroso, preocupado com a precisão e o volume de suas observações e mensurações no campo; a segunda é a do "[...] homem que se deleita com a contemplação dos quadros da natureza." (AMORIM FILHO, 1998, p.134). Essa face mais sensível em relação à paisagem de Humboldt teria início antes mesmo da escrita de sua obra final, "Cosmos". Amorim Filho cita, por exemplo, a presença desta postura sensível e contemplativa já na obra "Quadros da Natureza".

Humboldt, de acordo com Amorim Filho (1998), abordou a paisagem de três formas diferenciadas, mas como poderia se esperar, não excludentes. Ainda de acordo com Amorim Filho (1998), "[...] no primeiro e segundo capítulos da primeira parte do tomo dois do "Cosmos"[...]", Humboldt tanto focalizava a paisagem como

cenário para processos e fenômenos espaciais, como em outros momentos a considerava como foco principal, como centralidade. Esta centralidade faz da paisagem não somente um objeto privilegiado para o pesquisador cuidadoso, mas, também uma fonte de deleite para o homem dotado de uma sensibilidade especial em relação à grandiosidade e às belezas da natureza.

Ainda na obra “Cosmos”, Humboldt apresentou uma terceira possibilidade de análise paisagística. Refere-se à arte da representação. Sobre isso, Amorim Filho (1988) explica que:

Trata-se de um aprofundamento do movimento desencadeado por HUMBOLDT, a partir das abordagens predominantemente racionais da ciência, passando pelas aproximações descritivas da literatura, até chegar ao nível em que a arte assume a centralidade na representação das paisagens, isto é, a *pintura das paisagens*. (AMORIM FILHO, 1998, p.135).

Compreende-se que as diversas formas de apreensão da paisagem adotadas por Humboldt e identificadas por Amorim Filho (2008), são parte de um processo vivido pelo viajante alemão, desencadeada por influências externas e reflexões pessoais, além de uma rica experiência pessoal do mundo nos séculos XVIII e XIX.

As concepções de paisagem de Humboldt poderiam certamente ser aplicadas às peculiaridades dos relatos das mulheres viajantes, aliadas a outras visões das paisagens observáveis diretamente durante as viagens.

As duas primeiras abordagens apresentadas (uma sobre a paisagem como cenário, palco de acontecimentos e de fenômenos de vários tipos, outra como foco direto de descrição) podem ser encontradas, com considerável facilidade, nos relatos objetos de análise desta pesquisa

De forma geral, os relatos das viajantes consultadas refletem visões e sensibilidades próprias das mulheres em relação aos acontecimentos relatados. Mas no geral, são predominantes relatos nos quais a paisagem é tanto vista como cenário para fenômenos observados, quanto também como foco principal de suas descrições.

Tais afirmações são ilustradas pelas citações a seguir. A primeira, por exemplo, refere-se a nascimentos ocorridos em alto mar durante a viagem em direção a Porto Alegre, observados, descritos e relatados pela viajante belga Marie Barbe Antoinette Rutgeerts van Langendonck.

Mais tarde, com alguns dias de intervalo, três crianças nasceram a bordo. As mulheres se ajudaram entre si, e tudo se passou a contento. O decano do navio batizou provisoriamente as três pequenas criaturas: uma, nascida na altura das costas brasileiras, entrava em sua nova pátria cidadã de direito. (LANGENDONCK, 2002, p.28)

Sua descrição possui como foco principal o fenômeno ocorrido. Mesmo escrevendo sobre parte da paisagem, esta foi utilizada somente como cenário para o acontecimento relatado.

Diferentemente, a mesma autora, em passagem logo a seguir, descreve a paisagem não só vista, mas percebida, ao chegar a Porto Alegre, colocando-a como foco de sua descrição.

O aspecto do Rio Grande é triste; do porto, não se percebe nenhuma vegetação; nada a não ser areia, areia por toda parte. A cidade é bastante animada: mas só dessa agitação mercantil que só é simpática aos traficantes. (LANGENDONCK, 2002, p.28 - 29)

Em relação à terceira abordagem humboldtiana apresentada por Amorim Filho (1998), isto é, a da análise artística da paisagem, pode-se citar o relato “Diário de uma Viagem ao Brasil” de Maria Graham (1956). Possui considerável número de ilustrações produzidas pela própria autora que evidenciam a apreensão artística da paisagem (Figura 3). Trata-se de retratos produzidos com traços finos, em bico de pena. Salienta-se a preocupação da autora em situar o leitor em relação ao ponto de visão adotado para a observação e a elaboração das representações elaboradas por ela.

**Figura 3** - Ilustrações produzidas por Maria Graham e apresentadas em seu relato, “Diário de uma Viagem ao Brasil: e de uma estada nesse país durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823”.



Fonte: (GRAHAM, 1956, p.173-174)

É possível encontrar essa face artística da observação da paisagem em relatos de outras viajantes oitocentistas, como por exemplo, Marianne North. Trata-se de uma viajante naturalista inglesa que esteve no Brasil na segunda metade do século XIX. Suas produções artísticas, bem como fragmentos de seu relato de viagem serão apresentadas a seguir no item dedicado às mulheres viajantes que estiveram no Brasil durante o século XIX. Pode-se inferir então sobre a presença da paisagem como foco de observação e descrição em relatos de viagem produzidos por homens e mulheres oitocentistas. A análise da paisagem histórica dessa forma independe do gênero de seu observador.

A observação da paisagem realizada pelas viajantes, bem como os produtos consequentes dessa observação, como relatos de viagem e, em alguns casos, as pinturas das diversas paisagens, são produções pessoais que revelam as habilidades pessoais, assim como influências culturais sofridas ao longo dos anos. Dessa forma, a paisagem, enquanto apreensão e representação humana, [...] não pode ser separada do homem, do seu espírito, da sua imaginação e percepção. O homem inventou-a para falar de si mesmo através da imagem. (ANDREOTTI, 2012, p.6).

Assim como encontrado nos relatos de viagem supracitados, compreende-se que a paisagem tanto pode ser expressa e representada pela linguagem escrita, como pela pintura, ou fotografia, entre outras formas de representação. Fernandes (2009) acrescenta a importância da paisagem para a Geografia, sendo nesta ciência utilizada como um dos objetos mais importantes de estudo. Dada esta importância da paisagem para a Geografia, bem como sua expressão nas formas artísticas mencionadas, pode-se considerar que a ligação entre Arte e Geografia pode ocorrer de forma natural e complementar.

A valorização da estética nos estudos geográficos sobre paisagem revela uma influência da concepção humboldtiana sobre a “Arte da paisagem” no século XIX. A observação e a interação com a paisagem são ações que possibilitam o desenvolvimento da percepção, da cognição e ao ser humano discorrer sobre suas percepções, cognições e representações. Dessa forma, depreende-se que [...] é possível considerar a pintura sobre o fundo da linguagem e a linguagem sobre o fundo da pintura, [...]. (MERLEAU-PONTY, 1974, p.62).

A paisagem, considerada por muitos como síntese das ações humanas, estas influenciadas pela cultura, ao ser representada, reflete ainda os valores de quem a

observa e a registra. Pode-se compreender que “[...] a paisagem surge como retrato da natureza – ao artista coube a tarefa de dar rosto à natureza, constituindo um conjunto de técnicas capazes de imitar e limitar a natureza nas pretensões humanas [...]” (FERNANDES, 2009, p.27). Assim como para o artista citado por Fernandes, o viajante observador limita a descrição da paisagem aos seus interesses pessoais, desenvolvidos culturalmente, e às capacidades próprias de apreensão e representação, ao mesmo tempo em que a imita.

Ao se valorizar os relatos de mulheres viajantes do século XIX, bem como de outros períodos de interesse, enriquece-se as possibilidades de pesquisa sobre as relações paisagem/geografia. Tais diários de viagem possuem características peculiares, ausentes em outras obras de mesmo teor. O formato de diário, posição mais clara quando se trata de julgar ou avaliar situações encontradas, é uma das características que evidenciam essas peculiaridades femininas e possibilidades de análises.

Ao se basear esta pesquisa em relatos deixados por viajantes estrangeiras, deve-se atentar principalmente para a relevância destes na busca da compreensão das diversas relações, como sociais, comerciais, dentre outras, estabelecidas à época. Até mesmo a visão de superioridade européia, ou não, frente às comunidades “não civilizadas” da colônia é ponto de considerável riqueza de análise.

Outro ponto importante ao se considerarem os relatos de mulheres viajantes é que a cultura, sobretudo européia, poderia induzir a ocorrência de avaliações negativas relacionadas ao modo de vida estabelecido, principalmente em relação à população nativa. Sobre isso, LEITE (1997) acrescenta que “mesmo quando o viajante não pertence à nobreza ou à alta burguesia, identifica-se com a civilização européia e seus padrões de avaliação dos homens, de acordo com o êxito ou o fracasso.” (LEITE, 1997, p. 10).

A observação atenta de quase todos os aspectos da vida cotidiana diferencia a visão feminizada masculina e da população nativa. De acordo com LEITE (1997):

O habitante tem uma vivência comum ao grupo, mas poucos conhecimentos sobre ele como um todo. Por ser alguém que é ‘de fora’ e está ali ‘de passagem’, sem intenção de ser aceito pelo grupo e com o objetivo de relatar a seus conterrâneos o que conseguiu perceber, o viajante torna-se um observador alerta e privilegiado do grupo visitado. (LEITE, 1997, p. 10)

Admitem-se os relatos de viagem como fontes de documentação histórica e geográfica, pois descrevem em seus registros movimentos e vivências próprias do passado.

Existem similaridades e diferenças entre relatos de viagem oitocentistas escritos por mulheres e homens viajantes. Ambos fizeram expedições em direção a terras desconhecidas, porém, os homens reconhecidos como profissionais eram, em grande parte, financiados por governantes ou instituições. Indiferentemente do gênero, os viajantes utilizavam a observação e a descrição literária como técnicas preferenciais para a elaboração dos relatos de viagem, publicados posteriormente.

É provável que os relatos masculinos, em considerável número, possuam base principalmente no positivismo. São considerados como científicos pela impessoalidade e precisão das informações coletadas. Porém, deve-se considerar a existência do *romantismo científico* presente nos escritos de Humboldt, que, sem excluir a seriedade do pesquisador, adiciona sensibilidade às suas observações. (AMORIM FILHO, 1998). Os relatos produzidos por mulheres parecem ter, pelo menos em partes, inspiração no movimento romântico como característica. Pode-se, assim, considerá-los como formas de arte, a Literatura de Viagem.

A educação oferecida às mulheres oitocentistas é uma das bases para a compreensão das características dos relatos de viagem produzidos por elas. As viajantes, de maneira geral, se diferenciam em relação ao senso de liberdade, de aventura e curiosidade. Porém, a educação e a sociabilidade públicas são elementos importantes para o desenvolvimento do intelecto, possibilitando assim a busca de novas oportunidades de vida.

### 3.1 A educação e a sociabilidade feminina no século XIX

Para a discussão sobre a educação e a sociabilidade femininas no século XIX foram elencadas três nações de referência. A primeira delas é o Brasil que, durante parte do período mencionado permaneceu como colônia e na outra parte, como império. A Inglaterra, país europeu, origem de considerável número de mulheres viajantes que estiveram no Brasil e em outras partes do mundo, e a França, país de nacionalidade da autora do relato utilizado para a análise final desta pesquisa.

A sociabilidade feminina no Brasil no século XIX, assim como outros aspectos sociais deste mesmo período, pode ser caracterizada como “transicional”.

Houve a manutenção de características sociais conservadoras, mas alterações na participação feminina na sociedade também estiveram presentes no decorrer do período oitocentista. Dentre as mudanças ocorridas podem-se citar a participação em eventos públicos e o acesso à educação.

A reclusão de mulheres em instituições ligadas à religiosidade é uma das heranças do período colonial que se manteve durante considerável parte do século XIX. Mesmo após a estada da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, os procedimentos de reclusão em conventos e recolhimentos religiosos ainda eram praticados. Essa atitude tinha como objetivo inicial a punição à mulheres que se comportassem em desacordo com o que se esperava familiar e socialmente, ou a substituição do ambiente familiar por outro, no qual fossem educadas para a submissão, além das atividades do lar. Tratava-se de uma medida correccional, “até prometer emendar-se” e em outros casos educacional, preparando-as para a reclusão doméstica ou para a devoção religiosa. (SILVA, 2002, p. 163).

Pais, maridos ou outros familiares responsáveis que utilizaram a instituição de reclusão como substitutiva do ambiente familiar buscavam formação e disciplina, sendo essas aplicadas em período integral.

No século XIX, já durante o período imperial, ainda há registros da utilização da prática educacional em confinamento religioso. Houve casos nos quais a prática educacional se referia a “uma educação para o claustro e não uma preparação para a vida familiar em sociedade.” (SILVA, 2002, p. 193).

Superando a prática e a visão coloniais, ainda durante o século XVIII, Silva (2002) cita o Novo Estatuto do Recolhimento de Nossa Senhora da Glória (1798), localizado em Pernambuco, redigido pelo Bispo Azeredo Coutinho. Nesse estatuto o autor critica a busca da manutenção da ignorância das mulheres, mostrando a importância das ocupações femininas. “Elas tem casa que governar, marido que fazer feliz, e filhos que educar com virtude.” (SILVA, 2002, p. 193).

A partir da adoção do novo estatuto, no Recolhimento de Nossa Senhora da Glória, seria oferecida uma educação feminina a nobres e plebéias em reclusão, de acordo com a qual aprenderiam “a pureza dos costumes, “enquanto boas mestras as fariam praticar” o trabalho da costura, de fazer rendas, bordados, e outras ocupações semelhantes.” (SILVA, 2002, p. 193).

Críticas sobre a ociosidade das mulheres em ambiente doméstico, sobretudo aquelas de famílias nobres, acostumadas aos serviços dos escravos, também foram

realizadas. Citou-se o sono exagerado e a isenção de trabalho manual como fontes que deixavam as meninas mais suscetíveis às *rebeliões da carne*. A ociosidade seria responsável pelo gosto por novelas, divertimentos e espetáculos, além da curiosidade exagerada. (SILVA, 2002).

Neste mesmo convento de Pernambuco seriam admitidas também meninas pobres, porém deveriam atender determinados requisitos. Deveriam ser:

[...] filhas de pais brancos e havidas de legítimo matrimônio, terem 7 anos e não padecerem de enfermidade grave, ou mal contagioso; serem naturais do bispado e órfãs, pelo menos do lado paterno; serem verdadeiramente pobres. Mas, de qualquer modo, tinham que levar sua cama, um enxoval e “os móveis que permitir sua pobreza”. A partir daí seriam sustentadas e vestidas à custa do recolhimento até os 16 anos, “se antes disso não tomarem estado, ou outro honesto modo de vida em que possam estar seguras de sua honra.” Um casamento ou um trabalho digno seria, portanto, o futuro de educandas bem preparadas para a vida no recolhimento. (SILVA, 2002, p. 198).

A partir da segunda década oitocentista vê-se a criação de instituições tendo como finalidade a educação feminina. Silva (2002) cita o recolhimento estabelecido em Sorocaba, o qual se direcionava às *educandas*. Além disso, são citados colégios que admitiam mulheres nas principais cidades como o Rio de Janeiro e o de Salvador, recebendo as influências das tendências européias.

Observa-se considerável mudança no discurso voltado para as atividades aplicadas à educação feminina. De recolhimentos com fins de punição, passa-se, por exemplo, à proposta para se ensinar “a ler, escrever, e falar línguas portuguesa e inglesa gramaticalmente, toda a qualidade de costura e bordar, e o manejo da casa.” Este anúncio foi publicado no *Gazeta do Rio de Janeiro*, por Dona Catarina Jaedo, responsável por uma academia para instrução feminina, em 1813. (SILVA, 2002, p. 200)<sup>13</sup>.

O que se percebe ao final do período colonial, em lugares pontuais, e ao longo do século XIX, de forma mais generalizada, é uma crescente mudança no entendimento social e religioso sobre as possibilidades da vida feminina. De uma reclusão religiosa, com objetivos punitivos ou doutrinários, para um propósito

---

<sup>13</sup> Anúncio: “D. Catarina Jacob toma a liberdade de fazer ciente ao público que ela tem estabelecido uma academia para instrução de meninas, na rua da Lapa, defronte da Exma. Duquesa, em que ensinará a ler, escrever e falar as línguas portuguesa e inglesa gramaticalmente, toda a qualidade de costura e bordar, e o manejo da casa.” (Gazeta do Rio de Janeiro, nº2, 1813).

educacional, preparatório para “uma socialização para a vida mundana”. (SILVA, 2002, p. 200).

Silva (2002) ressalta a presença de uma diferenciação de comportamento entre famílias das áreas rurais e urbanas em relação à interação social. Saint-Hilaire<sup>14</sup>, em seu relato *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*, relata sobre a convivência com mulheres no Tijuco e na cidade de São Paulo. Hospedou-se na casa do intendente da câmara, em Tijuco, observando a participação da esposa e das filhas em algumas ocasiões, inclusive durante as refeições. Relata que “[...] A senhora da câmara, mulher de modos distintos, fazia as honras da casa. Ela e suas filhas não se escondiam nunca; comiam conosco e, adotando os hábitos europeus, admitiam o convívio dos homens.” (SAINT-HILAIRE, 1974, p.27). Diferentemente, durante sua permanência de 1819 a 1820 em São Paulo, observou que as mulheres não possuíam convivência com homens, assim como acontecia em vilas do interior. Em relatos de naturalistas, como John Mawe<sup>15</sup>, também citado por Silva (2002), observa-se que as mulheres de povoações interioranas se recolhiam, não se deixando ser vistas, assim que os viajantes chegavam às suas residências.

A partir dos relatos que registraram aspectos da convivência feminina com homens, percebe-se que o entendimento das regras sociais aplicadas às mulheres não eram homogêneas em todo o território brasileiro. As áreas interioranas, ou não, como descritas por Saint-Hilaire e John Mawe, possuíam uma concepção de sociabilidade mais tradicional, consideravelmente próxima à do período colonial. Cidades maiores, como Rio de Janeiro, principalmente pela influência européia, apresentavam maior liberdade das mulheres em conviver e se mostrar publicamente.

Reforçando as observações de Saint-Hilaire e Mawe, Tollenare<sup>16</sup> relata que ao passar dois dias em uma casa grande de Pernambuco, não houve contato, nem mesmo visual, com as mulheres da casa. Nas áreas urbanas, como as descritas por Koster<sup>17</sup> e comentadas por Silva (2002), a ocorrência de eventos que incluíssem dança, música e jogos, também incluíam a presença feminina. Graham (1956) também fez observações sobre a presença de mulheres em eventos públicos em Recife, não sendo assim mais raridade a participação feminina em público.

---

<sup>14</sup> Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1974, p 27.

<sup>15</sup> John Mawe, *Travels in the interior of Brazil...*, 2ª Ed, Londres, 1882, p. 219.

<sup>16</sup> L-F Tollenare, em 1816, 1817 et 1818, Paris, PUF/Fundação Colouste Gulbenkian, 1973, T.2, p.452.

<sup>17</sup> Henry Koster, *Travels in Brazil*, Londres, 1816, p. 26.

“Não há dúvida de que as primeiras décadas do século XVIII foram à semelhança do que se passava na metrópole, tempo de devoções religiosas constantes.” (SILVA, 2002, p. 218). Raras eram as aparições femininas em público, ocorrendo somente quando iam à missa aos domingos, muito cedo. Somente moças de camadas populares apareciam ao final da tarde para cantar o rosário na igreja, porém isto não era aconselhável às mulheres de boa reputação.

As festas religiosas também eram um momento de aparição pública feminina. De acordo com Silva (2002):

Além da multiplicidade de festas religiosas a população feminina no Brasil colonial encontrava outras situações de se distrair da reclusão doméstica: as festas civis, que se realizavam por ocasião da tomada de posse dos governadores, de nascimentos e casamentos na Família Real e, mais tarde, com a presença da Corte no Rio de Janeiro, as festas para comemorar a vitória sobre os exércitos franceses em Portugal. (SILVA, 2002, p. 218).

As festas reais após a chegada da Corte no Rio de Janeiro foram importantes para a incorporação dos eventos nos quais a participação feminina era permitida.

Em relação aos eventos teatrais ocorridos em Vila Rica no século XIX, Johann Emanuel Pohl<sup>18</sup> comenta não ser muito comum a presença de atrizes no palco. Relata a experiência ao assistir o espetáculo *Inês de Castro* no qual o papel feminino era representado por um homem. “Como é considerado impróprio que as senhoras representem em público, todos os papéis femininos são desempenhados por homens. Pode-se imaginar a impressão que causa a um europeu tal modo de representar... [...]” (MAWE, 1978, p.399). De acordo com Saint-Hilaire<sup>19</sup> a profissão atriz (atriz) “só existiu nas grandes cidades como Salvador e Rio de Janeiro a partir das primeiras décadas do século XIX.” (SILVA, 2002, p.221).

Considera-se que a educação, ou falta dela, para as mulheres brasileiras foi um importante diferencial em comparação com as mulheres de origem européia. Como será visto adiante, ainda que as mulheres francesas e inglesas fossem direcionadas para atividades do lar, a boa educação feminina era ponto de considerável importância. A educação possibilitou que tivessem acesso à informação e construíssem possibilidades de participação em áreas prioritariamente

<sup>18</sup> Johann Emanuel Pohl. **Viagem no interior do Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1976.

<sup>19</sup> Auguste de Saint-Hilaire. **Viagem à província de São Paulo**. p. 177-178.

masculinas, como as viagens para novas terras e a produção de relatos de viagem, estes, como mostrado nesta pesquisa, caros à Geografia.

Em consequência da reclusão doméstica aliada ao não acesso educacional por parte da população feminina do período, acredita-se serem poucas ou somente uma brasileira que, ao realizar viagem a outros países, produziu relato de viagem. Fala-se nesse caso de Nísia Floresta, autora de relatos sobre a Itália, a Grécia e a Alemanha.

Dionísia Gonçalves Pinto, de pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta, também conhecida como Mme. Faria, foi uma brasileira filha de pai português liberal e mãe brasileira, nascida no Rio Grande do Norte, em 1810. Devido às rebeliões contra abusos estrangeiros e perseguição de portugueses, em meados de 1817, Nísia e sua família mudaram-se para Goiana, cidade localizada no centro de Pernambuco. De acordo com Duarte (1995), Goiana era um local avançado em relação à época.

Em Goiana, por exemplo, desde o século XVII existia o Convento das Carmelitas com sua rica biblioteca. Era neste convento que as jovens de famílias abastadas tinham oportunidade de se iniciar nos estudos clássicos, nas línguas européias, nos trabalhos manuais e no canto. A pergunta se impõe: teria Nísia – nos anos que aí residiu – usufruído destas regalias? Provavelmente sim. Infelizmente as lacunas de documentação e a ausência de depoimentos não permitem afirmá-lo. Apenas se sabe que dentro de poucos anos ela estará dominando as línguas francesa e italiana, em condições de se oferecer como mestra de primeiras letras. (DUARTE, 1995, p.19).

Nísia se tornou escritora, defensora dos direitos femininos. Deixou seu primeiro marido e retornou à casa dos pais. Realizou viagens para a Itália, Grécia e França, das quais produziu relatos. Infelizmente devido a limitações de tempo os relatos produzidos por Nísia não são objeto de análise desta pesquisa, mas provavelmente serão utilizados em outras oportunidades.

Nísia foi uma brasileira que se diferenciou das demais. Além da oportunidade de estar em Goiana e ter acesso à educação e à informação, a característica liberal do patriarca da família permitiu-lhe tomar rumos não aceitos pela sociedade do período, certamente importantes para sua trajetória de escritora e viajante.

Em relação à educação para mulheres inglesas, têm-se uma situação diferente. A mulher era considerada como ponto de equilíbrio entre a esfera pública

e a privada, cuidadora da moral e da castidade, tinha função restrita ao lar, excluída do espaço público. Esse foi o ideal feminino do período vitoriano<sup>20</sup>.

No período no qual a ciência e as técnicas evoluíam, os movimentos pelos direitos da mulher ameaçavam a manutenção da ordem moral já instituída. A repressão sexual e moral, conseqüentemente, tornaram-se mais intensa.

A mulher de alta classe, uma *lady*, deveria ser fluente nas línguas francesa e italiana (esta última, se possível), “tocar piano, dançar e mostrar proficiência no trabalho com a agulha.” (MONTEIRO, 1998, p.62).

As professoras residentes, ou preceptoras, eram encarregadas da tarefa do ensino. Somente as mulheres de classe baixa, sem instrução, poderiam exercer atividades braçais nas indústrias. As mulheres instruídas somente poderiam basear seu sustento nos rendimentos do marido, ou quando não possuíam dote suficiente para garantir um casamento, poderiam ser preceptoras em residências familiares.

As mulheres de origem francesa, diferentemente do que ocorria no Brasil, durante os séculos XVIII e XIX, eram educadas, mas a educação recebida, assim como para as inglesas, se direcionava para a vida privada. Diferentemente, os homens seriam educados profissionalmente para a vida pública.

Por volta de 1880, tem-se o estabelecimento, em território francês, de um regime de estudos públicos primários com conteúdo parecido para os dois sexos. Somente em zonas rurais seria ainda encontrado o ensino em estabelecimentos específicos por sexo, com conteúdos diferenciados.

Rogers (2004) discute sobre o papel das instituições mistas (abertas a ambos os sexos) de ensino primário surgidas na França no final do século XIX. Em grande parte, essas instituições não possuíam como motivação de fundação a oferta de ensino igualitário para meninas e meninos, mas possuíam interesse na redução dos custos públicos. De outra forma, o ensino secundário raramente era ofertado em instituições mistas, principalmente ao se considerar colégios internos.

Rogers (2007), ao analisar as memórias sobre o ensino produzidas por Jules Ferry (ministro da educação na França na segunda metade do século XIX), em 1879, salienta a observação de Ferry que considerava o ensino secundário para

---

<sup>20</sup> “[...] na era vitoriana inicia-se um processo de individuação através do qual a mulher se dá conta de sua situação inferior em oposição ao homem, reconhece todos os seus sofrimentos como ser humano, admite suas contradições e revolta-se indo em busca de uma solução para seu problema existencial. Entra num mundo masculino e através da competição chega a assumir poderes e posições sociais que antes, sendo estritamente vedadas à sua suposta incapacidade, lhe eram negadas.” (LOPES, 1986, p. 1).

meninas como ineficiente e defeituoso. A educação secundária livre ou igualitária, de acordo com Jules Ferry era “[...] rarement encouragées, plus souvent entravées [...].” (FERRY apud ROGERS, 2007, p. 29).

Ainda de acordo com Rogers:

L’enseignement secondaire pour les filles se développe ainsi dans les différents pays européens selon une logique non mixte qui se traduit par des programmes spécifiques aux filles – pas d’humanités classiques, qui constituent le socle de l’éducation masculine, mais en revanche des langues modernes et l’apprentissage des arts d’agrément. (ROGERS, 2004, p. 20).

Marie Dugart, professora secundária parisiense oitocentista, foi uma representante do posicionamento contrário às instituições de gênero misto na França. Acreditava que a implantação de uma instituição para a educação de ambos os sexos causaria dano ao desenvolvimento das idéias francesas. (ROGERS, 2007).

Mesmo não sendo sinônimas de igualdade de ensino, as instituições mistas, aparentemente, promoveram um desenvolvimento no entendimento sobre a sociabilidade das mulheres, e poderia ser um primeiro esforço para a oferta de ensino não diferenciado, bem como maior acesso feminino ao ambiente público.

Rogers (2004) acrescenta que a partir de 1900, o ensino universitário europeu inicia sua abertura ao público feminino, momento no qual as escolas secundárias francesas, em parte, ainda se diferenciavam por sexo. A partir disso, o ensino secundário inicia a transição para ser ofertado por instituições mistas.

Tendo em vista as altas exigências morais, a educação oferecida às mulheres inglesas e francesas oitocentistas foi fonte essencial para a formação e a existência de movimentos contestadores da ordem moral do período.

É possível que as viajantes francesas, assim como as inglesas, tenham feito parte, mesmo que informalmente, do movimento de idéias contra a reclusão religiosa ou ao lar das mulheres européias. Esse movimento não se baseou somente em discursos, mas principalmente em atitudes que as colocaram em condições de assumir papéis semelhantes aos ocupados por homens viajantes.

Já o sistema educacional brasileiro do século XIX não alcançou patamar semelhante na formação mais autônoma das mulheres de seu território, o que certamente se tornou barreira de importância considerável para o desenvolvimento crítico destas e seu acesso à informação. A reclusão religiosa e/ou doméstica aliada

à desinformação dificultou a conscientização feminina em relação a outras alternativas de vida.

A educação e o nível de limitação social imposto de forma desigual às mulheres de diferentes nacionalidades ajudam a entender as variações na realização de viagens exploratórias entre as mulheres, principalmente européias e as demais.

### 3.2 Caracterização e destinos das mulheres viajantes no mundo

De acordo com *Women as Cultural Emissaires* (2016), sobretudo parte do século XIX e durante o século XX houve mulheres viajantes, tanto européias como americanas, que escreveram relatos de suas aventuras de viagem. Argumenta que o próprio processo de industrialização, entre outros fatores, haveria proporcionado maior liberdade às mulheres, inclusive para viajarem em direção a outros continentes.

Sahin (2015) refletiu sobre a mudança, a partir do século XIX, na motivação de viagem das mulheres viajantes, como pode ser percebido a seguir.

Many of the early female travel writers were either aristocrat, diplomat wives like Lady Mary Montague accompanying their husbands for the sake of business or diplomatic tasks, or housewives, suffragettes, journalists like Grace Ellison. However, by 19th century most women travelers intending to discover strange lands and exotic countries as well as escaping from social and political pressures of their countries traveled with their own fortunes, and wrote their travel accounts in their books or several journals. (SAHIN, 2015, p. 55).

A mudança da motivação da viagem em busca de aventuras em terras exóticas ou de fuga da pressão social pode ser considerada como um dos passos para a elaboração de registros de viagem e a publicação dos mesmos, resultando em diversos relatos de viagem escritos por mulheres do século XIX e daí em diante.

Uma característica desses relatos, de acordo com *Women as Cultural Emissaires* (2016), seria a falta de objetividade, e em alguns casos, o reforço do preconceito frente às novas culturas. Em contrapartida, afirma que são relatos cheios de detalhes que revelam uma aproximação maior de áreas e culturas por vezes não presente nos relatos de viagem produzidos por homens viajantes.

*Women as Cultural Emissaires* (2016), apresenta três viajantes britânicas escolhidas pelas diferentes histórias de vida e visões sobre as culturas visitadas. A

primeira dessas chamava-se Gertrude Bell. Trata-se de uma oficial política atuante durante a Primeira Guerra Mundial. Durante sua carreira foi nomeada como Secretária Oriental<sup>21</sup>. Escreveu o relato de viagem "The Desert and the Sown", uma obra descritiva sobre sua jornada na Síria, em Jericó (Palestina) e em Antaquia (Turquia).

Gertrude Bell teve parte do texto *The Desert and the Sown* publicada na revista *Arid Lands* em 1994. Na introdução da publicação encontra-se uma pequena biografia da autora, a qual indica que se trata de uma mulher viajante de origem britânica. Viveu no período de 1868 a 1926.

A partir do fragmento do relato de Bell (1994) é possível analisar tanto características presentes em peculiaridades de escrita da própria autora, como de informações por ela divulgadas sobre a realidade vivenciada.

Bell (1994), assim como as demais viajantes analisadas nas pesquisas mencionadas anteriormente, possui como característica de escrita a mistura entre o público e o privado. Seu relato em formato de diário é narrado de maneira pessoal, marcado pela religiosidade e pelo gênero romântico.

A segunda viajante citada é a inglesa Mary Kingsley. Escreveu sobre o Oeste Africano, o qual visitou em duas expedições. A primeira delas foi realizada em 1893 e a segunda em 1895. Demonstrando afeição pela cultura visitada, em relatos bem humorados, escreveu livros que se tornaram populares. Após o retorno ao Reino Unido, fez críticas ao paternalismo presente nas leis britânicas e ao preconceito em relação aos povos africanos.

A última viajante citada foi a inglesa Mary Seacole. Sua autobiografia *The Wonderful Adventures of Mrs. Seacole in Many Lands*, publicado em 1857, descreve seu sentimento pelas viagens e sua passagem por vários países. Entre as aventuras narradas estão a visita ao canal da Istmo, no Panamá, durante uma epidemia de cólera, além de sua ajuda em prol da alimentação de soldados britânicos durante a Guerra da Criméia, ocorrida de 1853 a 1856. A descrição de cenas de campo e personalidades de guerra foram considerados escritos valiosos.

Sahin (2015) salienta a importância da Turquia enquanto destino de viagem e tema de relatos de mulheres viajantes. Cita nomes como Lady Marry Montague,

---

<sup>21</sup> "In 1919 she was named "Oriental Secretary" to the British Civil Administrator of Iraq, where she became embroiled in imperial maneuverings to place a "friendly" king on the throne and where she made her home until her death in 1926." (BELL, 1994, p. 1).

Elizabeth Craven e Julia Pardoe como algumas das viajantes que estiveram em solo turco e que descreveram suas experiências utilizando a Literatura de Viagem.

Sahin (2015) apresenta ainda uma comparação entre duas obras de referencia. A primeira intitula-se *An Englishwoman in a Turkish Harem* de autoria de Grace Ellison. A segunda, escrita por Zeyneb Hanım, chama-se *A Turkish Woman's European Impressions*. A referida comparação deu-se em relação a aspectos sobre “[...] comparative literature and cultural studies.” (SAHIN, 2015, p.54).

A primeira obra, escrita por Grace Ellison, refere-se ao registro de observações sobre homens e mulheres escritores da última parte do século XIX e primeira parte do século XX. Referencia ainda mulheres inglesas de seu tempo, além das mulheres otomanas.

Quanto à segunda obra, tem-se uma autora de origem oriental. Trata-se de uma compilação de cartas enviadas por Zeynep Hanım à Grace Ellison. Trata-se de relatos de conteúdo crítico, os quais comparam mulheres ocidentais e orientais em aspectos culturais, sociais, políticos e literários.

Sahin (2015) considera as obras mencionadas como importantes para o estudo da história da emancipação, da cultura e literatura feminina, tanto das mulheres inglesas, quanto das turcas otomanas.

Como Literatura comparada entende-se, a partir de Sahin (2015), que se trata de comparações de obras literárias, produzidas por autores de nacionalidades ou culturas diferentes. Alós (2012, p. 2) acrescenta que “O comparatismo configura-se como o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, na medida em que umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma e no estilo.” Pode-se compreendê-la então como o relacionamento de idéias e pensamentos de duas ou mais culturas distintas. As diferenças culturais, dessa forma, seriam expressas no próprio texto.

De acordo com Carvalhal (1991), além da técnica comparativa entre produções literárias, essa desenvolvida desde o século XIX, a Literatura Comparada, a partir do desenvolvimento da disciplina, iniciou a aplicação do comparativismo entre as diferentes áreas das Ciências Humanas com a finalidade de “relacioná-las para a compreensão dos fenômenos”. (CARVALHAL, 1991, p. 10).

Considerando a definição inicial de Literatura Comparada, Sahin (2015) confrontou os pontos de vista de cada uma das autoras e respectivos escritos. Considera, para a realização da comparação, além das descrições, os sentimentos

em relação às culturas visitadas. Salienta a curiosidade e admiração da autora inglesa frente às mulheres turcas, além dos preconceitos e decepções da autora turca em relação às inglesas.

Finalmente, conclui-se que independente das motivações a realização de tais viagens, como as diferenças culturais das autoras viajantes, os dois relatos são documentações importantes para o estudo da história da mulher, tanto de seu país de origem, como daqueles visitados.

Sahin (2015) e *Women as Cultural Emissaires* (2016), apesar de tratarem diretamente dos relatos de viagem realizadas por mulheres com origem e destino diversos, não as apresentam a partir de análises geográficas.

Diferentemente, McEwan (1995) realizou análises geográficas dos relatos de viagem produzidos por viajantes inglesas do século XIX que tiveram como destino o oeste do continente Africano no período de 1840 a 1915. Passando pelo levantamento da presença do feminismo nas ciências humanas e sociais, focaliza a presença do mesmo na evolução do pensamento geográfico.

Demonstra preocupação com a invisibilidade das mulheres em relação à história. Argumenta que este problema pode ser percebido tanto em relação ao pensamento geográfico quanto aos registros sobre o Império Britânico.

As mulheres viajantes britânicas analisadas nesta pesquisa publicaram relatos, que de acordo com McEwan (1995), possuíam potencial para leitura popular. A publicação dos relatos em editoras como Macmillan, Routledge e Blackwood, reafirma tal potencialidade. A autora argumenta sobre a importância da experiência dessas viajantes, tanto para elas próprias como para as leitoras de seus relatos.

Dessa forma, mesmo fazendo parte de uma sociedade britânica marcada pela desigualdade de gênero, as viajantes analisadas produziram relatos de viagem, sendo estes importantes para as geografias populares dos países por onde passaram.

Quatro temas principais foram identificados nas literaturas de viagem analisadas. São estes a paisagem, questões de raça, descrição cultural e descrições sobre a mulher do Oeste Africano.

Foram analisados relatos de sete autoras, sendo elas: Elizabeth Melville, Anna Hinderer, Mrs. Henry Grant Foote, Mary Slessor, Zélie Colvile, Mary Kingsley e Constance Larymore. McEwan (1995) apresentou uma análise extensa, uma vez

que para cada viajante citada foram observados os quatro temas descritos anteriormente.

O que se percebe é que, assim como as mulheres viajantes que possuíam como destino as terras brasileiras, aquelas que tiveram sua estada e relatos sobre o oeste africano, produziram documentações que, devido a rigidez de gênero e valorização exarcebada da imparcialidade, em grande parte não foram consideradas científicas para a época. Mas, para a ciência atual, inclusive geográfica, os relatos de viagem são fonte de pesquisa saturada de detalhes.

Jennifer Speake (2013) apresenta inúmeros viajantes em formato de enciclopédia, detendo-se nas características particulares e atividades exercidas, enquanto aventureiros ou especialistas em áreas diversas.

Dentre as viajantes apresentadas por Speake (2013), podem-se citar Alexandra David-Néel (1868 – 1969), Ella Maillart (1903 – 1997) e Germaine de Staël (1766 – 1817). De origens diversas, atuaram em diferentes períodos oferecendo contribuições ao estudo da paisagem cultural e natural. As viajantes mencionadas por Speake serão apresentadas a seguir, evidenciando o período de viagem, origem e destino, além dos relatos produzidos.

Alexandra David-Néel foi uma viajante francesa, professora das línguas tibetana e sânscrito. De acordo com Speake (2013), durante a infância Alexandra David-Néel interessava-se por livros filosóficos, de ficção científica e de aventura, incluindo obras de Jules Verne. Após iniciar os estudos em filosofia e religião no ano de 1880, na Soborne (Paris), descobriu vocação para estudos asiáticos.

Em 1898, empreendeu sua primeira viagem, com destino a Londres. Tinha intuito de aperfeiçoamento da língua inglesa e se preparar para uma viagem à Índia. Em meados do final do século XIX e início do século XX, publicou artigos que tinham como temas os problemas vividos pelas mulheres, a religião asiática e filosofia. Baseados em experiências de viagens, foram publicados em revistas como *Mercure de France* e *Le Lotus Bleu*.

Objetivando a compreensão das culturas asiáticas, Alexandra David-Néel adotou um estilo de vida nômade. Speake (2013) afirma que [...] she strongly believed that the best way to learn about Asian cultures was through complete cultural and linguistic assimilation, which she actively sought by leaving the library behind and taking to a nomadic life on the trail. (SPEAKE, 2013, p.321).

Como resultado das expedições realizadas por Alexandra, estão os relatos de viagem *Le Sortilege du Mystère* (publicado postumamente em 1972), *Voyage d'une parisienne à Lhassa (My Journey to Lhasa - 1927)* e *Mystery in Tibet (1929)*.

Outra viajante apresentada por Speake (2013) é a suíça Ella Katherine Maillart, atleta olímpica, escritora e observadora da natureza humana, tanto do oriente como do ocidente. É autora de relatos de viagens realizadas durante o século XX. Dentre suas publicações pode-se citar *Forbidden Journey*, *The Cruel Way* e *The land of the Sherpas*.

Em viagem pela Caxemira e pela China, em 1935, produziu o relato de viagem *Forbidden Journey*. Para Speake (2013), Ella Maillart salienta o caráter comparativo entre nações com pequeno desenvolvimento tecnológico. Assim como Alexandra David-Néel, Maillart acreditava na experiência de campo como forma de absorção cultural. Ao fazer comparação entre Maillart e seu companheiro Peter Fleming, Speake (2013) afirma que “of the two trevelers, Maillart seems more eager than Fleming to truly leave her cultural home behind while travelling across Central Asia, in order to understand it better with the insight travel can bring.” (SPEAKE, 2013, p.754).

Considerada humanista, Maillart registrou no relato de viagem *The Cruel Way* relações estabelecidas moralmente e espiritualmente de forma individual e em sociedade. Já o relato referente à viagem de Genebra a Cabul privilegia a paisagem cultural e suas características.

Em *The Land of the Sherpas*, publicado em 1955 em Londres, produz um estudo comparativo entre uma comunidade de economia considerada elementar ligadas ao consumismo material do capitalismo avançado. Evidenciando seus interesses em realizar expedições, a autora declarou a Carl Jung que as viagens tinham o objetivo pessoal de “to meet people Who know how to live peacefully”, (MAILLART *apud* SPEAKE, 2013, p. 755).

As viagens realizadas por Germaine de Staël, também chamada de Madame de Staël, eram associadas ao exílio. Sendo oposição ao regime francês imposto por Napoleão, sua presença em solo francês, sua terra de origem, era indesejada.

Diferentemente de outras viajantes, Mme. de Staël não associava suas viagens a uma atividade prazerosa. De acordo com a própria viajante, “Travelling, whatever might be said, is one of the saddest pleasures in life.” (SPEAKE, 2013, p. 1129). Porém, o exílio proporcionou-lhe a observação de variadas culturas. Dessa

forma, acumulou conhecimentos culturais, políticos e sociais de outras regiões europeias. (AYALA;GUÉNO, 2009; SPEAKE, 2013).

A partir das publicações de Mme. de Staël é possível afirmar que, em função do exílio, “[...] sought her own mastery of the continent through an understanding of the relationship of individual cultures to their political and social geography, [...]”Salienta-se como a contribuição de suas publicações a “observation of societies as organic cultural, political, and religious entities.” (SPEAKE, 2013, p. 1129).

Os relatos publicados *Dix Années d'exil* e *De l'Allemagne*, sendo o primeiro composto por duras críticas ao regime napoleônico, foram produzidos a partir dos períodos de estadia na Alemanha (1803-1804), duas expedições realizadas à Itália, além de Rússia e Suécia (1812-1813), e Inglaterra (1813-1814).

Godsoe (2009) apresentou mulheres viajantes francesas que realizaram expedições durante o período de 1880 a 1914. De acordo com a autora, nesse período, muitos relatos de viagem produzidos eram publicados em revistas femininas, sendo as autoras denominadas por alguns, além de se autodenominarem, como exploradoras. Nessa pesquisa, foram encontrados cento e cinquenta relatos de viagem publicados em oito periódicos diferentes, como *Femina*, *Le Magasin des Demoiselles*, *La Citoyenne*, dentre outros.

De acordo com Godsoe (2009) essas mulheres se distinguiam, também, por geralmente realizarem as expedições sem acompanhante para regiões consideradas perigosas. Muitas delas, ainda, preferiam utilizar trajes masculinos ou da cultura local durante a jornada. De forma geral se destacavam não somente pelas expedições e relatos de viagem. Pode-se citar Camille du Gast que, além de exploradora e escritora de relatos de viagem, foi a primeira mulher a pilotar um carro de corrida.

Essas exploradoras, de maneira geral, tiveram um papel importante ao desenvolvimento da participação feminina na sociedade. Ao afrouxarem os limites impostos pelo Estado, se libertaram de padrões sociais que as impediam de vivenciar e participar da vida pública. (GODSOE, 2009). O exemplo de suas ações foi primordial para a disseminação educativa dos possíveis direitos das mulheres, bem como a contribuição que poderiam dar em setores diferentes do privado, este legado a elas pela cultura tradicional.

Considerando as pesquisas analisadas neste item, pode-se perceber considerável semelhança entre as características dos relatos das mulheres

viajantes, independente de suas origens ou destinos. Todas possuem relatos com descrições pessoais sobre sua rotina de viagem. Expressam seus sentimentos em relação ao país visitado, algumas vezes de forma preconceituosa, herança de sua origem social.

Além disso, o formato dos relatos publicados se resume, em considerável parte, em cartas ou diários de viagem. As primeiras provavelmente compilada após certo período de escrita, e algumas vezes, como argumenta Leite (1997), publicadas “[...] após a morte das autoras.” (LEITE, 1997, p.132).

Percebe-se, a partir das pesquisas citadas neste item, que o período referente ao século XIX e início do século XX foi repleto de experiências de viagens feitas por mulheres exploradoras. Experiências essas registradas em relatos e artigos publicados em revistas e editoras de referência para o período mencionado. Elas foram, assim tal como muitos homens viajantes, responsáveis pela existência de vasto material histórico e geográfico disponível sobre diversas regiões do planeta, inclusive sobre o território brasileiro.

#### 4 MULHERES VIAJANTES NO BRASIL

Partindo do levantamento publicado em Leite (2000), que apresentou uma listagem de dezessete mulheres viajantes de diferentes nacionalidades que estiveram em território brasileiro no século XIX, elaborou-se o texto deste item. Quadro 3.

**Quadro 3** - Mulheres viajantes do século XIX que estiveram no Brasil, por período de estadia

1817/1820	Rose de Saulces Freycinet <sup>22</sup>	1865	Elisabeth Cary Agassiz
1821	Maria Graham	1870	Carmen Olivier de Gelabert <sup>23</sup>
1835	Langlet Dufresnoy <sup>24</sup>	1872/1873	Marianne Moore
1843/1844	Baronne E. de Langsdorff	1876	Annie Brassey
1846	Ida Pfeiffer	1881	Inavon Binzer
1851	Adèle Toussaint-Samson <sup>25</sup>	1886/1888	Marguerite Dickens <sup>26</sup>
1857	Virginie Leontine B... <sup>27</sup>	1888	Teresa da Baviera
1858	Isabel Arundel Burton <sup>28</sup>	1889	Marie Robinson Wright
1860	Marie Barbe van Langendonck <sup>29</sup>		

Fonte: (LEITE, 2000, p.131)

Para efeito comparativo, apresenta-se quadro no qual Lopes *et al* (2011) organiza uma lista de homens viajantes que, assim como as mulheres apresentadas no Quadro 3, estiveram no Brasil oitocentista. Quadro 4.

<sup>22</sup>FREYCINET, Rose de Saulces. Journal de Mme. Rose de Saulces de Freycinet d'après le manuscrit original accompagné de notes. Paris, Sociétés d'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1927.

<sup>23</sup>GELABERT, Carmen Olivier de. Viage Poética a Petrópolis, escrito em espanhol. Rio de Janeiro, Imprensa del Apostol, 1872.

<sup>24</sup>LANGLET DUFRESNOY, Mme. Quinze ans au Brésil. Bordeaux, Imprimerie de G. Chariol, 1861.

<sup>25</sup>TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. Viagem de uma parisiense no Brasil. Estudo e Crítica de Mme. Toussaint Simon (sic). Trad. de A.E.C.C, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Constitut. de J. Villeneuve & Cie., 1883.

<sup>26</sup>DICKENS, Marguerite. Along shore with a man of war. Boston, Mass., Arena Publishing Company, 1893.

<sup>27</sup>VIRGINIE LEONTINE, B. Lettres Inédites sur Rio de Janeiro et diverses esquisses littéraires. Evreux, Imprimerie Lithographiques de Monnier, 1872.

<sup>28</sup>BURTON, Isabel Arundel. The Life of Captain Sir Richard F. Burton. 2 vols. London, Chapman & Hall, 1893.

<sup>29</sup>LANGENDONCK, Marie Barbe van. Une Colone au Brésil. Récits Historiques. Anvers, Imp. L. Gerrits, 1862. Existe uma tradução de Dora Lindenberg van Langendonck, publicada em Campinas, Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica, 1990.

**Quadro 4** - Homens viajantes que estiveram no Brasil durante o século XIX

<b>Viajantes</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Formação/Profissão</b>	<b>Época de passagem no Brasil</b>
John Mawe	Inglês	Comerciante	1809-1810
G.W. Freireys	Russo	Naturalista	1814-1815
Barão de Eschwege	Alemão	Mineralogista	1811 -1821
Auguste de Saint-Hilaire	Francês	Botânico	1817 – 1822
John Luccock	Inglês	Comerciante	1817 – 1818
K. Martius e J. Spix	Alemães	Zoólogo/Botânico	1818
Johann E. Pohl	Austríaco	Médico e Botânico	1818, 1820 – 1821
Barão de Langsdorff	Alemão	Naturalista	1825
Alcide D' Orbigny	Francês	Naturalista	1833 – 1834
Charle J.F. Bunbury	Inglês	Naturalista	1834-1835
George Gardner	Inglês	Médico naturalista	1840
Johann Jakob Von Tschudi	Suíço	Naturalista	1858
Louis Agassiz	Americano	Geólogo	1864 – 1866
Richard Francis Burton	Inglês	Geógrafo/Diplomata	1867
James Wells	Inglês	Engenheiro	1875

**Fonte:** Lopes *et al* (2011, p. 71).

É válido observar que o número de homens viajantes apresentados por Lopes *et al* (2011), apesar de alguns deles já serem conhecidos e reconhecidos por suas contribuições a geografia, dentre outras disciplinas, em número são inferiores ao levantamento realizado por Leite (2000) referente às mulheres viajantes que estiveram no Brasil durante o século XIX.

Leite (1997) esclarece que esse desequilíbrio em relação ao reconhecimento das produções dessas mulheres se deu em função da quebra de limites sociais, mesmo ao acompanharem seus respectivos maridos. Deveriam além de zelar pelo lar, ter apreço pelo sobrenome e por aqueles que o possuíam. O ambiente público não fazia parte de suas atribuições. Rompiam assim com os padrões da vida social no qual se esperava que fossem:

[...] caladas e sofridas e estabeleçam os elos entre as diferentes gerações da família de que fazem parte. Nos casos em que viajaram com os maridos, ainda assim transgrediam essas normas, revelando-se publicamente através dos escritos e delegando aos membros da família que ficaram no país de origem o culto da família e de seus mortos. (LEITE, 1997, p.100).

Além do rompimento com padrões sociais do período, as condições de viagem, principalmente durante o período anterior a primeira metade do século XIX,

eram arricadas. Ataques piratas e naufrágios, condições precárias de abastecimento e higiene eram alguns dos perigos a que estariam expostas.

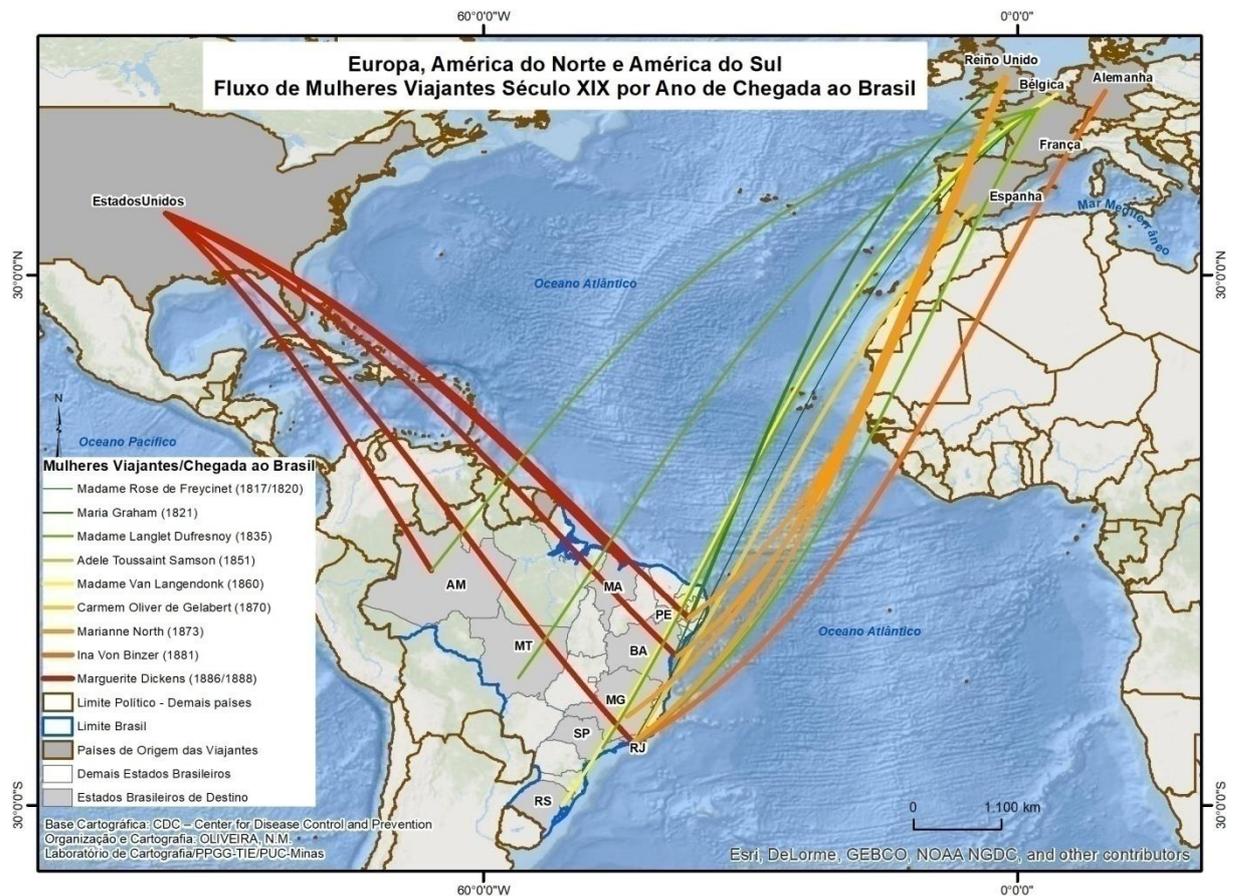
A formação das viajantes é importante para a compreensão das características de seus relatos. Leite (1997, p.101) explica que algumas eram escritoras, mas grande parte “é de não-profissionais”, que escreviam seus registros informalmente, em formato de diário ou mesmo cartas direcionadas a parentes. Não tinham, dessa forma, interesse em publicação posterior e, conseqüentemente, de forma geral, produziram registros mais modestos do que os publicados por homens viajantes.

Houve exceções em relação à falta de formação das viajantes ou informalidade nos relatos de viagem produzidos por mulheres. Dentre eles, pode-se citar Marianne North, pintora naturalista alemã que retratou descritivamente e através de pinturas a fauna, a flora e a paisagem brasileira ou, Adèle Toussaint-Samson, escritora e professora francesa, autora do relato de viagem *Uma parisiense no Brasil*, foco de análise do último item desta pesquisa.

Todas as dezessete viajantes apresentadas por Leite (2000) publicaram relatos de viagem, seja como única autora ou juntamente ao marido, sendo este por vezes companheiro de viagem, como é o caso Isabel Arundel Burton, esposa de Richard Burton.

Apesar de Leite (2000) apresentar referencia bibliográfica de todos os relatos, alguns não foram localizados. São obras históricas pouco conhecidas e de difícil acesso. Daqueles que foram encontrados, elaborou-se o mapeamento da origem e destinos das viajantes, considerando como destinos os locais visitados, dentro do território brasileiro. Ao levantamento realizado por Leite (2000), acrescentou-se a viajante britânica Marianne North que visitou parte considerável do território brasileiro, inclusive parte de Minas Gerais. Figura 4.

**Figura 4 - Origens das Mulheres Viajantes para o Brasil no Século XIX por data de chegada**



Dentre as viajantes que tiveram os relatos de viagem encontrados durante a elaboração desta pesquisa, escolheu-se Mme. van Langendonck para ser apresentada com maior profundidade. Marianne North, mesmo não sendo citada por Leite (2000), mas devido ao considerável teor geográfico de suas produções, também será apresentada a seguir.

#### 4.1 Viajantes estrangeiras em território brasileiro: A belga Marie Barbe Antoinette Rutgeerts van Langendonck e a inglesa Marianne North

Neste subitem serão apresentadas características pessoais de formação pessoal e profissional das autoras Marie Barbe Antoinette Rutgeerts van Langendonck, Marianne North e Adèle Toussaint-Samson, sendo esta foco do estudo de caso que será apresentado no próximo item.

Marie Barbe Antoinette Rutgeerts van Langendonck foi uma viajante belga que iniciou suas expedições após os sessenta anos de idade. De acordo com Muzart (2008), a expedição rumo ao Brasil teve como principal motivação a mudança de seus filhos para a colônia. Com base no relato de viagem *Une colonie au Brésil: récits historiques*, pode-se acrescentar às motivações de viagem de Mme. van Langendonck o desejo de conhecer florestas virgens. (LANGENDONCK, 2002). De acordo com Leite (1997, p.118), “Essa senhora madura manifesta uma atração pela floresta virgem que a fez arrostar muitos perigos para atingi-la, esquecendo a febre amarela, os esgotos a céu aberto e a falta de comunicações que observou durante a viagem.” Compreende-se então que o pretexto para realização da viagem permeou tanto motivos familiares, como o espírito de aventura e curiosidade, caros às produções geográficas.

Muzart (2008) argumenta sobre os objetivos comuns entre as viajantes que possuíam como destino países diferentes daqueles de sua origem. Sobre isso, diz que:

São muito variáveis os objetivos de cada viajante segundo suas origens e sua época, mas se destaca um objetivo comum a todas: a busca do conhecimento, a busca de sensações, a busca do novo, em suma, a busca do outro, e mesmo que esse outro fosse visto com os mesmos olhos da partida, dificilmente as viajantes, ao voltarem ao local de origem, olharão o seu país e os seus conterrâneos da mesma maneira. (MUZART, 2008, p.1062).

Sobre o olhar da mulher viajante, Muzart (2008) ainda acrescenta que em outros relatos, além do descrito em seu artigo, há um desenvolvimento sobre questões raciais ou mesmo de afeto em relação à população e a cultura local. Argumenta sobre o desenvolvimento de uma simpatia em relação ao país visitado.

Ainda neste mesmo trabalho, realiza-se a observação de características que diferenciam os relatos das mulheres viajantes, daqueles realizados por homens. A primeira dessas seria a junção de observações públicas, ou seja, aquelas referentes à paisagem, cultura, de maneira geral; e privadas, nas quais descrevem diálogos, impressões e sentimentos referentes a certas situações particulares.

Outra característica importante apresentada por Muzart (2008) é a presença de falas de desculpas. Como exemplo, cita a autora Carmen Oliver de Gelabert. Esta se desculpa no início de seu diário de viagem pela linguagem utilizada que avalia como simples, cansativa e desprovida de ciência.

A hora bien, hija mia; confiada en tu prudencia, que será suficiente para disimular mi estilo, que es bastante vulgar, por la pobreza de ciência, jamás puedo ser tan desgraciada que la lectura de estas páginas te sea fastidiosa em razon de su demasiado sencillo lenguaje. (GELABERT, 1872, p. 6).

A diferença de posicionamento entre os relatos das mulheres viajantes variaria também de acordo com sua posição social. Pois como mostra Muzart (2008), “Carmen de Gelabert se diz “mulher do povo”, a Baronesa de Langsdorff pertence à nobreza, é instruída e aprecia ler os jornais todos os dias.” (MUZART, 2008, p.1063).

O olhar feminino centrado em questões de gênero, relacionamentos, organização, dentre outros, por vezes invisíveis aos interesses masculinos, é um dos diferenciais da observação e descrição presentes nos relatos das mulheres viajantes. Muzart (2008) acrescenta ainda a necessidade de se analisar as várias facetas dos relatos femininos, podendo estes variar de acordo com a nacionalidade e classe social.

Outro fato apresentado por Muzart (2008) refere-se à dificuldade, neste caso em relação à Adèle Toussaint-Samson, mas vivenciado por parte considerável de outras viajantes, de publicar o relato produzido. Editores somente se interessavam por livros de ficção, com relatos imaginários sobre animais exóticos, dentre outros assuntos de mesmo nível. Outros não se interessaram pelo diário de viagem devido a características próprias a escrita das autoras, como amabilidade e gentileza, por exemplo.

Diferentemente de Toussaint-Samson, Langendonck não relata o processo de publicação de seu relato. Esta era uma “poetisa e escritora com várias obras publicadas como *Aubepines*, poesia, editado em 1841, *Heure poétiques*, poesia, em 1846” (Langendonck, 2002, p.13). Este fato certamente a auxiliou na publicação de seu relato de viagem.

Muzart (2008), em linhas posteriores, apresenta características pessoais da viajante Mme van Langendonck demonstrando a importância das informações pessoais dos viajantes para a compreensão dos relatos de viagem. Preocupa-se em descrever a origem, classe social, dentre outras peculiaridades próprias à autora que poderiam influenciar as características do seu relato.

No diário produzido por Mme. vanLangendonck, a autora relata a realidade financeira e social de seu país de origem. Escreve sobre a miséria europeia e a necessidade de famílias tentarem uma nova oportunidade de vida em território brasileiro. Essa situação ocorre com os filhos desta viajante. Estes, “integraram um projeto de colonização, a colônia Harmonia, no rio Jacuí [...]” (MUZART, 2008, p.1065), momento no qual cria-se ligação da família Langendonck com o Brasil.

Com a partida de seus filhos para a colônia, Mme. van Langendonck percebe a possibilidade de realizar um sonho, relatado por ela mesma, de conhecer as florestas do continente americano. Ao tentarem desanimá-la do projeto de conhecer florestas virgens, afirma que:

“Desde a idade da razão, a expressão floresta virgem dera livre curso a minha imaginação e deixara em mim o desejo intenso de ver uma. O dia que me trouxe a realização inesperada deste sonho enfim brilhava, apenas algumas léguas me separavam deste objetivo para o qual minhas aspirações se orientaram por tanto tempo; os argumentos mais lógicos foram, portanto, inúteis, nada pôde abalar minha decisão. (Langendonck, 2002, p. 31).

Dessa forma, seguindo esse objetivo, o relato *Une colonie au Brésil: récits historiques* possui tanto teor de impessoalidade e autenticidade como descrições pessoais relativas à família Langendonck, além de opiniões e avaliações próprias à autora.

Langendonck (2002) evidencia algumas características que podem ser encontradas em relatos tanto de homens quanto de mulheres viajantes, sobretudo os religiosos e/ou de classe média/alta. Dentre essas características estão o preconceito em relação aos negros e o consentimento em relação ao sistema de escravidão. Porém, em Langendonck (2002), o mesmo não se aplica aos indígenas, dos quais se aproxima pessoalmente, descrevendo-os com afeto.

Dentre outras especificidades salientadas por Muzart (2008) sobre o relato de Mme van Langendonck está a crítica ao sistema de emigração dos agentes europeus, além de qualidades e defeitos de emigrantes de diversos países.

Muitos foram os desafios enfrentados por Langendonck em Porto Alegre. Região agrícola, isolada e selvagem. Durante o relato, de certa maneira, conservou uma característica impessoal, mas em determinados momentos descreveu suas opiniões, como no trecho: “Porto Alegre é uma bela cidade, inteiramente nova,

construída em um terreno acidentado, perto do confluente de quatro rios, que formam uma quase ilha.” (LANGENDONCK, 2002, p. 29).

Outra viajante que esteve em solo brasileiro no século XIX foi Marianne North. A pesquisadora e pintora inglesa viveu no período de 1830 a 1890. Produziu cerca de oitocentas pinturas da fauna, flora e paisagens. Todo o acervo produzido foi doado ao Royal Botanic Gardens, em Kew, distrito localizado a sudoeste de Londres. Além dos quadros, diários de viagem foram publicados postumamente: “*Recollections of a Happy Life* (Macmillan, 1892) e *Some Further Recollections of a Happy Life* (Macmillan, 1893).” (GAZZOLA, 2008, p. 1038).

Após a morte da mãe, Janet North, em 1855, tornou-se companheira de viagem do pai, Frederick North (1800 – 1869), assim permanecendo durante quatorze anos. Durante este período viajaram “pelos Alpes, pelo Sul da Europa e pelo Oriente próximo.” (DICKENSON, 2000, p. 148).

As viagens por países tropicais se iniciaram após a morte do pai, em 1869, resultando na pintura de “727 gêneros (quase 1000 espécies) de plantas, muitas delas eram pouco conhecidas na época em que ela as pintou.” (GAZZOLA, 2008, p. 1037).

Viajando acompanhada somente em algumas expedições, nos dezesseis anos seguintes passou pelos Estados Unidos da América, Canadá, Jamaica, Brasil, Tenerife, Singapura, Sarawak, Austrália, Tasmânia, Nova Zelândia, Havaí, África do Sul, Seicheles e Chile. (DICKENSON, 2000; GAZZOLA, 2008).

As viagens realizadas sem acompanhantes tinham o auxílio de alguns contatos pessoais. “Entre seus amigos contavam-se Charles Darwin, que se interessou muito por seu trabalho e sugeriu que visitasse a Austrália, Joseph Hooker, diretor do Kew Botanic Gardens, e as [os] viajantes Francis Galton e Lucie Duff Gordon.” (GAZZOLA, 2008, p. 1037, grifo nosso).

As pinturas produzidas por Marianne North não fazem parte das obras populares inglesas, porém são consideradas como uma coleção de retratos florais e paisagísticos, sintetizando a diversidade natural de várias partes do mundo.

Durante passagem pelo Brasil, ocorrida nos anos de 1872 e 1873 esteve em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ficou no Rio de Janeiro por quase dois meses produzindo seus quadros, principalmente no Jardim Botânico e na Ilha de Paquetá.

Em Minas Gerais, hospedou-se na mina inglesa de Morro Velho, em Nova Lima, produzindo pinturas sobre os arredores. Após a passagem por Minas Gerais, voltou ao Rio de Janeiro, produzindo quadros sobre a Serra dos Órgãos, voltando posteriormente à Inglaterra.

De forma mais detalhada, GAZOLLA (2008) apresenta os locais visitados por Marianne North.

Visitou várias cidades – Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Petrópolis e Teresópolis – e passou oito meses em Minas Gerais. Esteve em Juiz de Fora, Barbacena, Congonhas, a capital Ouro Preto, Morro Velho, Seminário do Caraça, Caeté, Mariana, Curvelo, Cocais, Santa Luzia, Sabará e Lagoa Santa. Visitou fazendas e grutas, conheceu o doutor Lund e fez amigos entre os mineiros e os ingleses residentes no Estado. Ao deixar Minas e seus amigos, manifesta, em seu habitual tom algo contido, uma certa tristeza. Aparentemente, foi bem recebida e gostou da viagem, visto que veio para ficar três semanas e aqui residiu por oito meses. (GAZOLLA, 2008, p. 1042).

Durante sua passagem pelo Brasil, Marianne North produziu cerca de 100 quadros. De acordo com Dickenson (2000), um quarto desses são pinturas de paisagens. O restante se distribui entre “[...] naturezas mortas formais de plantas, ou flores e plantas em locação, mas há também vistas mais gerais da vegetação [...].” Além disso, “[...] incluem retratos detalhados de pássaros, borboletas e outros espécimes silvestres.” (DICKENSON, 2000, p. 150). Figura 5.

**Figura 5** – Vista do aqueduto de Morro Velho com bananeira e beija-flores (esquerda) e Folhas e flores da paineira rosa e beija-flores-tesoura (direita) de autoria de Marianne North



Fonte: Bandeira (2012, p.140)

Marianne North pode ser analisada enquanto “[...] pioneira no retrato da natureza tropical [...], sendo seus quadros e autobiografia importantes para a representação da paisagem do século XIX, além dos registros históricos da natureza.<sup>30</sup>

Adèle Toussaint-Samson (1826 -1911) foi uma escritora parisiense que esteve em território brasileiro, juntamente com sua família, durante aproximadamente doze anos, sendo a maior parte durante a década de 1850. Filha de artistas do teatro francês esteve presente desde a infância no ambiente artístico. (Figura 6).

Casou-se aos vinte anos com o dançarino de teatro Jules Toussaint que, apesar da filiação francesa, nasceu em terras brasileiras. Toussaint-Samson atuou no Brasil como professora de línguas, lecionando francês e italiano. Após a volta para Paris, iniciou carreira como colaboradora do jornal *Le Figaro*, o qual tornou notícia a morte da escritora em 1911. Como escritora, os primeiros textos publicados datam de 1843.

**Figura 6** - Fotografia Adèle Toussaint-Samson



**Fonte:** [http://www.leromandesvoyageuses.fr/fiche\\_voyageuse.php?id=62](http://www.leromandesvoyageuses.fr/fiche_voyageuse.php?id=62)  
Acesso em: abr.2017

A partida do casal para o Brasil ocorreu em um momento complicado para a população francesa, vítima da Revolução ocorrida em 1848 e da epidemia de cólera

---

<sup>30</sup> As demais viajantes que estiveram no Brasil durante o século XIX e não tiveram seus trabalhos apresentados neste item, são Madame Rose de Freycinet, Maria Graham, Madame Langlet Dufresnoy, Ina von Binzer. Margarite Dickens que, dentre outras, serão objeto de estudo de próximos trabalhos.

(1849). Um tio do marido de Toussaint-Samson, residente no Rio de Janeiro, foi provavelmente um facilitador para a partida e fixação do casal e do primeiro filho em terras brasileiras. (TURAZZI, 2003).

Em meados do século XIX, centenas de franceses se fixaram em território brasileiro, “[...] tentando a sorte como artistas, comerciantes, impressores, modistas e professores das mais variadas disciplinas, incluindo desde a própria língua francesa, até matérias como a matemática, o desenho, o piano e a dança.” (Turazzi, 2003, p. 15). Os relatos de Toussaint-Samson (2003, p. 56) revelam motivações financeiras para a realização da viagem para o Brasil.

Muitos amigos ou parentes acompanhavam os viajantes até a última hora, de sorte que não se ouviam mais que estas palavras: “Escreva-me logo que chegar”. “Dá-me teu endereço o mais depressa possível”. “Não me esqueças!” “Boa Viagem; Voltem ricos!” “Que Deus os guarde”!

A chegada da família Toussaint<sup>31</sup> em território brasileiro é imprecisa devido à perda de documentação relativa à entrada de estrangeiros no Brasil. Somente se sabe que ocorreu entre os anos de 1848 e 1849.

Jules Toussaint atuou como professor de dança durante o período de estadia no Brasil. A dança fazia parte do currículo das escolas da corte, como o Colégio Pedro II e Colégio Mr. e Mrs. Hitchings. Dessa forma lecionou para a família imperial, tornando-se “mestre de dança de suas altezas imperiais” em 1857. Toussaint-Samson se fixou como professora de francês e italiano no Rio de Janeiro, retornando para Paris em 1860. Tais informações estariam disponíveis para consulta no *Almanaque Laemmert*<sup>32</sup>(TURAZZI, 2003).

Após a volta para Paris, Adèle produziu, a partir das lembranças do período de estadia em território brasileiro, um relato da viagem chamado *Une parisienne au Brésil (Uma parisiense no Brasil)*, publicado na França em 1883, mesmo ano da publicação da tradução brasileira, realizada por Antonio Estevão da Costa e Cunha. Uma edição americana foi publicada em 1891, sendo reeditada em 2001. As

<sup>31</sup> Samson era sobrenome de herança paterna de Adèle Toussaint-Samson, por isso não indicado como referente à família formada após o casamento.

<sup>32</sup> “[...] denominado Almanak Administrativo, Mercantil, e Industrial do Rio de Janeiro é considerado dentre os primeiros almanaques publicados no Brasil. [...] Originários da cidade de alemã de Rosenberg, no Grão-Ducado de Baden, os irmãos Laemmert fundaram a Livraria Universal e a Tipografia Laemmert, pioneira no mercado tipográfico brasileiro, sendo responsáveis pelas publicações da corte brasileira, os ministérios e a legislação imperial, assim como dados censitários e até propagandas. O Almanaque Laemmert é fonte importante para a compreensão do cotidiano brasileiro do século retrasado.” (FUNDAÇÃO DOM JOÃO VI, 2014, p. 1).

primeiras edições de 1883, francesa e brasileira, encontram-se disponíveis para consulta em institutos do Rio de Janeiro. A primeira no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e a segunda na Biblioteca Noronha Santos, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A versão utilizada para elaboração desta pesquisa é uma reedição datada do ano de 2003.

As fotografias presentes na edição consultada são as mesmas publicadas na versão original de 1883. Turazzi (2003) comenta que a impressão de fotografias no período dava-se a partir do processo de reprodução fotomecânica<sup>33</sup>, tecnologia aperfeiçoada no final do século XIX.

As três autoras produziram e publicaram relatos de viagem realizada durante o mesmo século. A diferenciação dessas obras se dá tanto por questões temporais e geográficas, referem-se a observação de períodos e locais diferentes do século XIX, como pelas características e vivências pessoais e profissionais das viajantes. Quadro 5.

**Quadro 5** - Diversidade pessoal, profissional e de viagem: Viajantes Adèle Toussaint-Samson, Marianne North e Marie Barbe Antoinette van Langendonck

Nome	País de Origem	Acompanhante	Idade de chegada	Atuação profissional	Locais de visita	Tempo de Estadia <sup>34</sup>
Adèle Toussaint-Samson	França	Marido e filho	Aproximadamente 23 anos	Professora e Escritora	Rio de Janeiro	12 anos
Marianne North	Reino Unido	-	Aproximadamente 42 anos	Naturalista, Pintora e Escritora	Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Minas Gerais	2 anos
Marie Barbe Antoinette Rutgeerts van Langendonck	Bélgica	-	62 anos	Poetisa e Escritora	Porto Alegre	2 anos

Fonte: Bandeiras (2012), Muzart (2008), Langendonck (2002), Toussaint-Samson (2003).

Inferre-se dessa forma sobre a ocorrência de distintas situações de viagem, além do perfil profissional e pessoal, entre as viajantes que estiveram no Brasil oitocentista. Buscou-se apresentar, a partir das três autoras analisadas neste item, a

<sup>33</sup> “A câmara fotomecânica (uma máquina fotográfica de grandes proporções) fotografava qualquer tipo de original, de acordo com as suas especificações e tamanho da fôrma impressora. Como em qualquer ação fotográfica, podia-se reduzir ou ampliar esse original, sob os limites da objetiva da câmara. Em resumo, o processo fotomecânico era um conjunto de operações fotográficas utilizado na preparação do material de impressão. Na sequência do processo de produção gráfica, ocorria a transferência do original para uma matriz de impressão.” (PORTAL IMPRENSA NACIONAL, 2017, p. 1).

<sup>34</sup> Relativo ao período descrito nos relatos das referidas autoras.

heterogeneidade de perfis pessoais que, em considerável medida, influenciaram a produção dos relatos de viagem femininos. Como resultado tem-se relatos peculiares a cada viajante, evidenciando vivências pessoais, influências culturais, dentre outras características.

A impossibilidade de formação ou formação acadêmica acabou por atribuir à experiência de campo das mulheres viajantes o papel de aprendizado prático. O aprimoramento do olhar sobre a paisagem e sobre a organização do espaço aconteceu durante as expedições. O amadurecimento em relação ao olhar sobre a paisagem em decorrência do tempo de experiência em campo pode ser visto com clareza no relato *Uma parisiense no Brasil*, este analisado a seguir.

#### 4.2 Representações Espaciais e Outras Contribuições Geográficas do Relato de Viagem *Uma Parisiense no Brasil*

Neste item, serão apresentados detalhes sobre o relato de viagem *Uma parisiense no Brasil*. Inicia-se pelo histórico socioeconômico pessoal da autora, posteriormente passa-se para a organização do relato, os temas abordados e as observações, descrições e representações espaciais.

A publicação da obra de Toussaint-Samson, como a própria autora comenta durante o prólogo de sua obra, enfrentou uma série de dificuldades. A pretensão inicial era a reprodução em jornais ilustrados. Toussaint-Samson (2003) resumiu (em relação aos editores) as primeiras tentativas de publicação da seguinte forma:

[...] um achava os brasileiros de 1809 cheios de atualidade; o outro pedia tigres e antropófagos; o terceiro desejava apenas título e páginas; o quarto se remetia às calendas gregas; e, enfim, o último, o único que me lera, batizava meu estilo de agradável. [...] Que fazer, então? Renunciar a fazer publicar meus estudos sobre o Brasil, já que meus compatriotas não queriam absolutamente saber da “verdade verdadeira” e eu, de minha parte, não queria zombar deles? (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 49).

Após um número significativo de tentativas frustradas de publicação, um fragmento do relato foi impresso no jornal *Le Fígaro*, do qual Toussaint-Samson já era colaboradora, durante uma visita do imperador Dom Pedro II a Paris.

Houve alvoroço pela colônia de brasileiros ao não concordarem com as observações relatadas, porém, de acordo com Toussaint-Samson (2003, p. 50) o próprio Imperador ao receber apelo devido a tal assunto, avaliou que não haveria

motivo para alvoroço, pois “[...] os povos, da mesma maneira que os índios, não podem julgar a si próprios.”

A dificuldade de publicação dos relatos de viagem por mulheres é relatado com certa frequência nos registros das autoras. Pode-se confirmar tal informação pelos relatos de Langendonck (2002) e Rego (1982). Essa última não apresenta abertamente os obstáculos encontrados, mas a insegurança apresentada na apresentação do relato pode pressupor pré-avaliações negativas.

Ao final do século XIX, a participação da autora, tanto como colaboradora como leitora de jornais franceses, contribuiu para a viabilização da publicação do relato de Toussaint-Samson. Turazzi (2003, p. 25) observa que houve “[...] um aumento da presença feminina na imprensa francesa, seja na autoria dos textos, no tema das ilustrações ou no consumo de jornais e revistas cada vez mais diversificados no conteúdo e na forma [...]”. A população feminina se inicia como consumidora e fornecedora de publicações da imprensa, indicando considerável mudança nos padrões do período. Como será visto posteriormente, a figura feminina também é um dos elementos de maior foco do relato *Uma parisiense no Brasil*.

É possível ao viajante, assim como nas pesquisas de Geógrafos, principalmente os adeptos da metodologia do período Clássico da disciplina, utilizar a comparação como forma de apresentação e discussão de observações e descrições realizadas. Considera-se, então, que quanto maior o número de lugares explorados, mais elementos para embasamento e discussão o autor do relato de viagem terá disponível.

Humboldt (1950), usando a abordagem comparativa corrente na Alemanha de então, apresenta comparação das paisagens Venezuelanas com observações realizadas na Ásia e na África, demonstrando sua vasta experiência em viagens. Toussaint-Samson (2003) por sua vez, também utiliza a comparação como uma abordagem de embasamento e discussão. Porém, diferentemente de Humboldt, não possuía histórico variado de explorações. Dessa maneira, as comparações apresentadas envolvem seu lugar de origem e o território brasileiro. Salienta-se que, ainda assim, Toussaint-Samson era considerada uma mulher à frente de seu tempo.

Toussaint-Samson (2003) organizou o relato *Uma parisiense no Brasil* em quatro partes: “A vida de bordo”, “Rio de Janeiro”, “A fazenda” e “Entre as gentes”. Na primeira parte. “A vida de bordo” descreve a viagem de navio e todas as dificuldades presentes no percurso. Além disso, descreve as primeiras impressões e

paisagens observadas no Rio de Janeiro, como pode ser visto na passagem a seguir:

Enquanto eles [negros escravos] remam para conduzir-nos a terra, dêem uma olhada comigo naquela esplêndida baía, orlada de todos os lados por montanhas cobertas da mais luxuriante vegetação. Esta aqui, toda tortuosa e pontuda, chama-se Corcovado; consagraremos algumas páginas a ela mais adiante. Eis uma outra, quadrada no cume, cujo nome é Tijuca; a cascata nela contida é famosa; é um dos mais belos sítios do Rio de Janeiro. Enfim, a sua esquerda, a montanha de que vêm os finos recortes destacar-se contra o céu é a Serra dos Órgãos, porque, de fato suas cristas parecem ter a forma dos órgãos de uma igreja. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.73, grifo nosso).

Baseando-se no fragmento acima, é possível imaginar, com detalhes, a imagem vista e descrita pela autora. As sensações e as impressões registradas são fundamentais para a análise da paisagem em questão. É possível, inicialmente pelo fragmento citado, visualizar a influência do romantismo na construção do relato analisado. Acredita-se que tal gênero literário seja um moderador entre a observação e a representação espacial.

De acordo com as definições humboldtianas explicitadas por Amorim Filho (1998), paisagem como cenário, como foco de observação e como representação artística, o fragmento citado enquadra-se na abordagem da paisagem como foco de análise. Ao considerar e relatar a localização dos aspectos observados, Toussaint-Samson (2003) insinua preocupação em oferecer ao leitor uma paisagem imaginável daquilo que se observava e descrevia.

Na segunda parte, Rio de Janeiro, descreve a organização da sociedade, a política em vigência, a vida dos escravos em relação a seus senhores, a comercialização de produtos, dentre outros aspectos da organização cotidiana da cidade. Sobre a escravidão, apresentando opiniões pessoais, ressalta a importância da abolição do sistema escravocrata ainda vigente no Brasil Imperial.

A raça brasileira não poderia suportar rudes labores; além disso, despreza todo trabalho manual. Não há brasileiro que jamais consinta em servir; todos querem ser senhores. Portanto, se a escravidão tivesse sido abolida bruscamente, a cultura teria parado: seria a fome a instalar-se. Era preciso preparar muito lentamente o país e os espíritos para essa grande revolução. Foi o que fez Dom Pedro II; e quando, segundo ele, havia chegado a hora, declarou livre todo filho de escravo a nascer dali em diante. Dessa maneira, os negros, felizes de saber seus filhos livres, suportam sua escravidão com mais coragem; e quando seus filhos encontrarem meios de ganhar a vida no país que os terá visto nascer, é provável que ali permaneçam e cultivem a terra para si, enfim (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.102).

Neste fragmento observa-se a aplicação de uma cuidadosa observação aos aspectos sociais e culturais. Apresenta opinião pessoal na qual avalia a cultura da escravidão e a necessidade de se abolir tal sistema. Oferece, então, tanto uma observação das informações políticas como sociais presentes na colônia no período mencionado.

A terceira parte, intitulada “A fazenda” descreve a estadia da família Toussaint na fazenda São José, provavelmente localizada no distrito de Mauá, município de Magé, no interior do Rio de Janeiro. Nesse capítulo tem-se uma detalhada descrição da relação estabelecida entre o fazendeiro, Senhor P., e seus escravos. Impressionada com o que presencia, rememora e redige até mesmo diálogos, o que permite de fato analisar a relação estabelecida entre eles.

Eis então as perguntas que foram feitas pelo senhor, num tom seco e duro, e as respostas dos escravos, pronunciadas com um ar humilde e temeroso:

- O que foi plantado essa semana? [Senhor P.]
- Arroz, senhor.
- Foi começado o corte da cana? [Senhor P.]
- Sim, senhor; mas o rio transbordou, e vamos precisar refazer os canais.
- Que mais? [Senhor P.]
- Henriques fugiu.
- O cachorro! Ele foi apanhado? [Senhor P.]
- Sim, senhor, está no tronco.
- Que lhe sejam apanhados vinte golpes de chicote e posta a canga no pescoço. [...] (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.117, grifo nosso).

Este caso pode ser avaliado como uma descrição da paisagem cultural localizada em uma escala de detalhe maior do que a do capítulo dois. Passa-se do relato da organização social e aspectos políticos do século XIX, para relações domiciliares entre o senhor e seus escravos. Oferece então uma perspectiva de análise aprofundada da organização social e de práticas hierárquicas comuns ao período.

O diálogo supracitado caracteriza uma situação ocorrida na rotina de trabalho da Fazenda São José. Pode-se considerar que, devido à operacionalidade das ordens dadas e de conseqüências pré-estabelecidas, como o fato de Henriques já estar no tronco após a tentativa de fuga mesmo antes que a ordem fosse expressa pelo fazendeiro, possa-se o avaliar como parte da caracterização da paisagem cultural apresentada pela obra.

Na última parte, intitulada “Entre as gentes”, há uma descrição de encontros que a autora teve com alguns personagens políticos ou pessoas de famílias comuns que foram marcantes para a autora, como o cônsul francês, o ministro francês Léonce de St. Georges, uma família de brasileiros, dentre outros. Observações sobre estes encontros ou visitas são realizadas, esclarecendo a opinião da autora e sensações em cada um dos momentos mencionados. Expressa, ainda, conclusões obtidas ao final da estada no Brasil que podem ser observadas em trechos como “[...] fiquei muito surpresa, quando cheguei ao Rio, com essa falta absoluta de conversação. [...] Se não se fala, dança-se muito no Brasil, o que é surpreendente, com aquele calor. [...]” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.167/168). Toussaint-Samson (2003) finaliza o relato de viagem descrevendo seu regresso à França e a saudade do Brasil.

Como quer que seja, adquiri a convicção de que, quando se viveu em um país banhado de sol, não se pode mais viver em outra parte, e de que, quando a alma impregnou-se fortemente da presença das grandes obras de Deus, não se pode mais compreender a vida factícia de nossas cidades. É isso que faz que eu sempre tenha saudade, como dizem os brasileiros, da América do Sul e que desejasse revê-la mais uma vez antes de morrer. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.181)

Assim como em capítulos anteriores, Toussaint-Samson (2003) mescla a observação da paisagem cultural com opiniões ou mesmo sensações, o que a aproxima mais uma vez do romantismo enquanto gênero literário e da Geografia, sobretudo em sua perspectiva corológica.

Em algumas partes do relato, sendo a primeira localizada no Prólogo, a autora certifica os leitores sobre a imparcialidade em relação às questões relatadas. Essa característica foi citada, ao longo da obra, como um dos motivos de dificuldade para publicação do relato. Porém, a leitura do relato evidencia que essa promessa não foi cumprida devido a presença de aspectos de avaliação pessoal, que tanto enriqueceram as descrições apresentadas.

Permita-me ele [brasileiro], portanto, dizer-lhe seus defeitos assim como suas qualidades, a fim de que a imparcialidade em meu julgamento dê a esse juízo todo seu valor. Que ele saiba ouvir a verdade, é o sinal da força moral. [...] Essa história é autêntica, asseguro-o. De resto, não escrevo aqui mais que coisas verdadeiras. São minhas lembranças, que evoco uma a uma. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 50, 152).

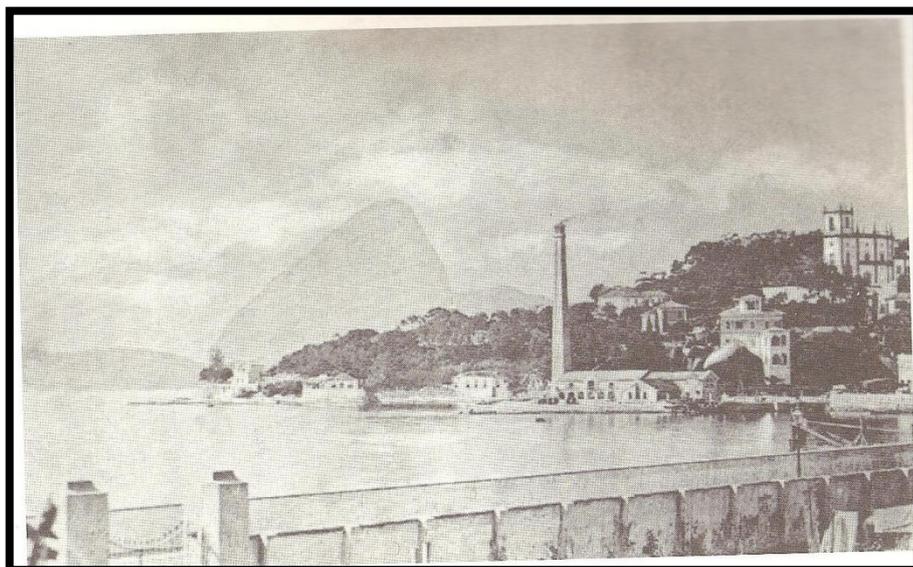
Sabendo da origem e das influências culturais da autora, pode-se inferir que havia a intenção de não relatar nada que não houvesse acontecido realmente. Entretanto, as constantes avaliações e sensações que podem caracterizar o relato como uma produção do gênero romântico, inviabiliza a imparcialidade pretendida pela autora.

A paisagem natural, assim como a cultural, foram observadas e descritas. Como paisagem natural compreendeu-se toda descrição de elementos naturais, como o relevo, vegetação, dentre outros. A paisagem cultural, em contrapartida, seria toda descrição de aspectos relacionados à organização social, ao sistema escravista, dentre outras características desenvolvidas socialmente pela população residente. A representação das paisagens ocorreu a partir da escrita, enriquecida por fotografias de diversas autorias, em determinados casos.

Sobre a primeira imagem do Brasil (Figura 8), Toussaint-Samson (2003, p. 71) descreve:

Enfim, eis o Brasil, que surge com suas matas de bananeiras e de palmeiras. Começa-se a distinguir a cadeia de montanhas chamada Gigante, que de fato representa bastante bem um homem de estatura colossal estendido em todo o seu comprimento, e cujo perfil assemelha-se ao de Luis XVI. A que se chama *Pão de Açúcar* [Pão de Açúcar] é a montanha que forma o pé do Gigante. Ela guarda a entrada da baía do Rio de Janeiro.

**Figura 7 - Pão de Açúcar e Igreja da Glória**



**Fonte:** Autoria de George Leuzinger. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.75 ).

Já durante a Segunda Parte do relato, Toussaint-Samson (2003) relata sobre a vista durante a subida ao Corcovado, misturando à observação da paisagem natural, elementos relativos à paisagem cultural. Relata que, na subida da montanha de Santa Teresa, atualmente onde se localiza o bairro de Santa Teresa,

[...] a meia encosta, encontra-se o convento feminino que tem esse nome [atualmente Convento de Santa Teresa], e que abriga apenas 21 religiosas. Volte-se então, e admire! A seus pés, estende-se a magnífica baía do Rio de Janeiro, com suas embarcações de todos os países, suas montanhas tão pitorescamente recortadas, suas ilhotas verdes, que parecem bosquezinhos desabrochados nas ondas. Vê-se de um lado, a cidade toda multicolorida, depois, bem ao longe, o alto mar. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.88, grifo nosso).

Ainda durante a subida do Corcovado, a autora fornece informações sobre a vegetação frondosa, mostrando-se surpresa sobre a altura das árvores, bem como pela variedade encontrada.

Eis as grandes árvores que começam a aparecer: primeiro a mangueira, de copa frondosa; o tamarindeiro, a fruta-pão; depois, nos planaltos, a bananeira, de frutas substanciais e saborosas; o coqueiro, a laranjeira, que sacode sobre nós seu adereço perfumado; o cafeeiro, com suas pequenas sementes vermelhas e suas folhas de um verde escuro e lustroso; a palmeira, de um efeito tão pitoresco na paisagem brasileira; os limoeiros, os algodoeiros... que sei eu?... tudo isso se cruza, enlaça-se, emaranha-se e forma acima de sua cabeça um domo de verdor no qual os mais quentes raios do sol não conseguem penetrar. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 88-90).

Ao continuar a subida em direção ao Corcovado, Toussaint-Samson descreve a chegada à chamada Mãe D'água. Provavelmente trata-se da localização de uma das caixas do reservatório de água, construída próximo Reservatório do Carioca, que alimentavam o sistema de distribuição de água no Rio de Janeiro. (INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 2006). Sobre as observações da Mãe D'água, Toussaint-Samson (2003, p. 91-92) descreve:

As árvores tornavam-se mais e mais frondosas, cipós as entrelaçavam e nelas se dependuravam parasitas de toda a espécie. Enfim, chegamos à *Mãe de água* [Mãe d'água]. Ali, o europeu pode ter uma idéia daquelas belas florestas virgens ceifadas, na maior parte, por nossa implacável civilização; então todo rumor humano cessou, não se houve mais que um sussurro sem nome, dominado vez por outra pelo canto agudo e estridente da cigarra; ali, cada talo de relva é habitado, cada árvore, cada folha esconde um mundo; vemo-nos sós e, no entanto, sentimos que uma multidão de seres agita-se à nossa volta; mal podemos avistar o topo das árvores seculares que nos rodeiam; é um caos inextricável e grandioso, que impressiona, e fiquei em

êxtase diante daquela natureza selvagem e gigantesca, que me inspirava a uma só vez terror e admiração.

Partindo da caixa Mãe D'água em direção ao Corcovado, Toussaint-Samson (2003) descreve tal percurso enfatizando as dificuldades expressas pela condição do acesso, do tempo de caminhada e fazendo uma avaliação pessoal sobre a experiência da chegada.

A partir da Mãe d'água, é preciso escalar estreitas e mal traçadas veredas a pique; e, enfim, depois de cinco ou seis horas de caminhada, chega-se ao alto do Corcovado. O mais magnífico panorama estende-se então diante de seus olhos: é um espetáculo grandioso. Contudo, confessarei, fui tomada de mais entusiasmo ao meio da montanha do que em seu cume. Eu pudera imaginar um pouco a esplêndida vista que me esperava em tal altura, mas não pudera pressentir a emoção profunda que sentiria à visão de uma natureza saindo virgem das mãos de Deus. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 92).

Em outro momento do relato, já durante a Terceira Parte, contempla a paisagem, evidenciando elementos naturais presentes nas áreas rurais do Rio de Janeiro. Enfatiza a diversidade da flora presente em montanhas de matas virgens, e da vastidão da propriedade e sua pastagem.

O dia mal acabava de despontar no horizonte, um tom suave e melancólico envolvia a paisagem. Do alto da montanha, atrás da fazenda, uma magnífica cascata estendia seus lençóis de água prateada, e aquela montanha estava coberta de matas virgens, onde os frutos e flores emaranhavam-se em uma confusão encantadora. Do outro lado, na frente da habitação, estendiam-se imensas pastagens, onde mais de cem cabeças de gado estavam reunidas. Os bois ainda dormiam. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 120).

Outra observação presente no relato de viagem está presente na Quarta Parte da obra, e está relacionada ao clima brasileiro. A autora utiliza essa informação para orientação ao leitor sobre o período no qual teria menor dificuldade de adaptação climática.

Quando se pretende fazer a viagem para o Brasil, a melhor estação para a realizar [realizá-la] é em maio ou em junho, porque então se chega ao inverno e tem-se mais probabilidade de aclimatar-se e de evitar a febre amarela, que, aliás, já não é tão mortífera e da qual é possível resguardar-se com precauções. Além disso, as travessias são excelentes nessa época do ano. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 173-174, grifo nosso).

Já no meio urbano, descrições interessantes foram realizadas em relação às características de algumas ruas do Rio de Janeiro, sendo estas a Rua Direita,

atualmente chamada Rua Primeiro de Março, Rua do Ouvidor e Rua do Rosário. A descrição de todas as três ruas está presente na Segunda Parte do relato.

Partindo da definição do público freqüentador, do aspecto ambiental e da arquitetura presente ao longo das ruas descritas, Toussaint-Samson classificou e diferenciou partes do território, tendo por critério a função de cada uma na organização do espaço.

As descrições começam com a localização das ruas, passando pelo público que a freqüentava, até chegar às características das construções presentes. Já no início do primeiro capítulo tem-se a descrição da Rua Direita.

Quando entramos na cidade do Rio de Janeiro pelo Largo do Paço, a primeira rua que se apresenta a nós é a rua Direita, uma das mais belas da cidade; é bastante larga e orlada, de cada lado, de casas de um ou dois andares, pintadas de diversas cores, tendo, na maioria, sacadas guarnecidas de estores<sup>35</sup> raiados de branco e vermelho. A maior parte das casas é de construção antiga; várias conservaram a varanda em redonda habitação.

Essa rua é muito animada, porque é lá que se localiza a Bolsa. Três ou quatro belas igrejas, entre outras Santa Cruz e as Igrejas do Carmo, ali se fazem notar. Ao longo de toda aquela rua, nos degraus das igrejas ou à porta das lojas, estão ancoradas grandes negras *Minas* (os *Minas* são originários da província de Mina, na África Ocidental), [...]. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 79-80).

A Rua do Ouvidor, diferentemente da Rua Direita, é relatada como ponto de encontro francês. Um local no qual um comércio relativo a cuidados pessoais, moda, dentre outros, além da busca de jovens por jovens francesas estavam presentes.

[...] sobre a rua do Ouvidor, rua essencialmente francesa, onde os estabelecimentos de nossas modistas, de nossos cabeleireiros, de nossos floristas e de nossos confeitores exibem-se em todo seu esplendor. É o ponto de encontro habitual dos jovens da cidade que, a pretexto de comprar charutos ou gravatas, ali vão fazer a corte às francesas, que eles adoram. Essa rua embora seja estreita e feia, é de alguma maneira o *Boulevard des italiens* da capital do Brasil; lá só se ouve falar francês, e que francês, meu Deus! É lá que a vaidade de nossos compatriotas, que partiram trabalhadores e tornaram-se chefes de casa, é risível de se ver! Todos orgulhosos de ter dinheiro e escravos. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 85).

Sobre a Rua do Rosário, Toussaint-Samson a descreve como triste, porém possuidora do luxo parisiense. Descreve-a ainda como uma rua estreita, na qual se

---

<sup>35</sup> O mesmo que persianas.

encontraram pequenos comércios de gêneros alimentícios. Esta rua foi escolhida pelo casal Toussaint para fixar residência.

Depois de ter percorrido toda a cidade, encontramos o que queríamos apenas na rua do Rosário. Ai! Que rua para parisienses habituados a todo conforto e a todo luxo de nossa capital! Ela é estreita, triste e, por todo estabelecimento comercial, não tem mais que vendas no térreo das casas, isto é, sombrias lojas onde se amontoam montanhas de *carne secca*, *bacalhao*[carne seca, bacalhau], os sacos de feijões e de arroz, bem como os queijos de Minas. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.92).

Além das ruas descritas, Toussaint-Samson (2003) descreve considerável diversidade de temáticas relacionadas às características culturais do Rio de Janeiro oitocentista. Registra observações sobre rituais religiosos, valores e rotinas comuns à população local, além de, influenciada pela vivência no mundo artístico, a localização e utilização dos teatros locais.

Sobre os rituais religiosos, a autora descreve as procissões, relatando impressionar-se em relação às suas características. Relata ter presenciado duas procissões, uma relativa à Quinta-Feira Santa e outra de São Jorge. Sobre isso, relata:

Entre as coisas cuja estranheza me impressionou à minha chegada, devo incluir as procissões. Fui convidada à casa de um negociante francês para ver passar, primeiro, a procissão da Quinta-Feira Santa, chamada a do *Corpo de Deos*[de Deus], e, mais tarde, a de *San Jorge* [São Jorge]. Todas as janelas da cidade, nesses dias, embandeiravam-se de cortinas de damasco vermelho, azul ou amarelo e, em cada janela, exibiam-se as brasileiras em grande toailete, isto é, de vestido de seda negra, decotado e de mangas curtas, o pescoço e as orelhas carregados de diamantes; perto delas estavam seus filhos, cercados de mulatinhos e de negrinhos e, atrás, postavam-se as *amas seccas*[secas]. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 103).

Dentre outras características do relato, a observação e a descrição sobre a formação das unidades familiares brasileiras, hospitalidade e rotina das famílias, demonstra atenção ao aspecto sócio-cultural. Em comparação contínua à sociedade francesa, os aspectos, principalmente os que se diferem daqueles cultivados pelos franceses, possuíram destaque nas descrições. Expressa-se, assim, a importância das experiências pessoais e o meio de vivência da autora em seu olhar observador e, conseqüentemente, no resultado final de sua obra.

Em relação às unidades familiares, Toussaint-Samson (2003) as descreve como possuidoras da “[...] mais perfeita união [...]”. Sobre isso, descreve:

[...] as aparências são tão bem guardadas que é preciso viver anos no país para chegar a conhecer o fundo daqueles interiores, de costumes tão patriarcais à primeira vista, onde com frequência três gerações vivem juntas, sob o mesmo teto, na mais perfeita união; pois, é preciso dizê-lo, sob esse aspecto os brasileiros são muito superiores a nós. Descobriram o segredo de reunir, em um mesmo domicílio, genro, sogra, nora, sem que jamais haja conflito. Esse ódio feroz que agora se professa, na França, pela sogra é desconhecido ali. Não se crê que, pelo único fato de casar a filha ou o filho, uma mãe que foi boa e devotada a vida inteira possa tornar-se um monstro de um dia para o outro. Tem-se o maior respeito pelo pai e pela mãe. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 154).

Ainda em relação aos lares brasileiros, Toussaint-Samson faz observações, ainda comparativas com a sociedade francesa, ressaltando a hospitalidade encontrada, como pode ser percebido no trecho a seguir.

O brasileiro é muito hospitaleiro. Sua mesa está aberta a todos. Conheço um que em seu gabinete de negócios na cidade, onde recebe para jantar todos os que quiserem vir, o que faz com que o cozinheiro prepare todos os dias uma refeição para vinte ou trinta pessoas. Em nossos países, isso parece absolutamente principesco. No Rio de Janeiro, nem sequer se nota. Por isso a mesquinhez de nossos hábitos e de nossas mesas surpreende muito os sul-americanos, quando vêm à França. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 156).

Outra questão que a autora coloca como intrigante é o respeito absoluto aos representantes religiosos, mesmo quando possuíam fatos questionáveis para a retidão dos mesmos. Coloca como questionável o “[...] respeito pelos monges e, em geral, por tudo que usa toga ou batina. Os padres e os frades fazem o que querem e exercem uma grande influência no seio das famílias.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 168).

Uma motivação para essa questão seria a super valorização da riqueza presente na cultura brasileira. As roupas e o número de escravos que as pessoas possuíam seria uma maneira de medir seu prestígio social. Sobre isso diz que:

O dinheiro é a única superioridade que reconhecem; assim, o mais eminente artista é bem pouco considerado, no Rio, quando não tem vintém. É preciso ver com que ar a gente do país diz, falando de alguém que não é rico: “*Coitadinho d’elle!* Esse coitado é intraduzível. Quer dizer: pobre infeliz! Mas está cheio de uma compaixão mesclada de desdém, que não podemos traduzir em francês. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 158).

Em concordância com as observações apresentadas acima sobre a desvalorização do artista, Toussaint-Samson conclui sobre a pequena produção artística literária de brasileiros, como pode ser visto em passagem a seguir:

Creio que ainda não houve mais que uma ou duas obras brasileiras representadas, o que prova que, a despeito do que disso se diga em diversas obras sobre o Brasil, os povos da América do Sul estão ainda muito atrasados sob o aspecto artístico. Têm alguns poetas, porém, dos quais os melhores são, em minha opinião, Gonçalves Dias e de Magalhães [Gonçalves de Magalhães]. É principalmente a graça que domina no caráter de sua poesia. Apresento algumas delas como exemplo no fim do volume. Muitas palavras, muitas imagens, uma certa harmonia, mas pouco de pensamentos e de fundo. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.172).

Em concordância com as observações citadas anteriormente, Toussaint-Samson observa a existência de somente dois teatros no Rio de Janeiro. O Teatro Lírico, freqüentado pela alta sociedade, e o teatro São Pedro, “[...] onde são representados os dramas e as comédias francesas, traduzidas em português, não atrai a alta sociedade.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 171).

Observa-se o quanto a modesta representação artística na cidade do Rio de Janeiro inquieta a autora, sobretudo daquelas obras produzidas por seus compatriotas. Porém, em outro momento do relato, recomenda o café-cantante Eldorado. Segundo a autora as operetas populares francesas e as estrelas de teatro seriam vistas e apreciadas. Garante que “[...] É no Eldorado que a juventude brasileira vai ter uma aula de francês toda a noite. [...]” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 173).

Dentre as características da sociedade brasileira que intrigaram a autora está o sistema escravista. Em vários pontos do relato descreve o comércio de escravos, o tratamento dado a eles, diferenciando-os inclusive por gênero. A cultura escravista e possibilidades de substituição da mão de obra escrava também foram analisadas.

Os pontos observados e descritos por Toussaint-Samson encontram-se representados espacialmente a seguir. (Figura 9).



**Figura 8** – Localização, na cidade do Rio de Janeiro, dos pontos observados e descritos no relato "Uma Parisiense no Brasil"



Fonte: Elaborado pelo autor.

Já na Primeira Parte do relato, à chegada da família Toussaint no Rio de Janeiro, a estranheza frente a aparência dos negros é uma das primeiras observações relatadas pela autora.

Essa foi uma das minhas primeiras surpresas, aqueles negros nus até a cintura, de cara achatada e bestial, sulcada por largas cicatrizes (quando são negros *Minas*), o suor escorrendo pelo corpo, impassíveis como estátuas, olhando-o sem curiosidade e sem espanto, e não parecendo preocupar-se nem com você nem com nada no mundo além de comer e de dormir; aquelas faces estranhas impressionam. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 72).

Das primeiras impressões sobre o território brasileiro, estão as relativas ao mercado, localizado em frente ao palácio do Imperador (Figura 10), classificado pela autora como “pitoresco”.

**Figura 10** - Palácio do Imperador em São Cristóvão



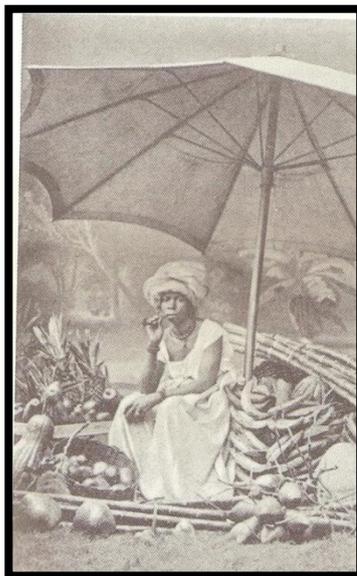
**Fonte:** A autoria de Revert Henrique Klumb. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 163)

As negras que vendiam suas frutas e legumes foram descritas com riqueza de detalhes, bem como os filhos que as acompanhavam.

Ali, grandes negras *Minas*, com a cabeça ornada de uma peça de musselina formando turbante, o rosto todo cheio de incisões, usando uma blusa e uma saia por toda vestimenta, estão acocoradas em esteiras junto de suas frutas e de seus legumes; ao lado delas, estão seus negrinhos, inteiramente nus.

Aquelas cujos filhos ainda mamam, carregam-nos atados às costas por um grande pedaço de pano raiado de todas as cores, com o qual fazem dar duas ou três voltas em torno do corpo, depois de ter previamente posto o filho contra suas costas, as pernas e os braços afastados; [...]. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 74-76).

**Figura 9-** Negra do Mercado



**Fonte:** Autoria de Alberto Henshel. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.77 )

Já na Segunda Parte do relato, Toussaint-Samson inicia uma crítica ao tratamento dado aos escravos, demonstrando indignação nas observações descritas. Relata sobre um casal de franceses que, ao retornarem à França, levaram consigo uma criança negra de cinco anos de idade. A criança, devido ao frio e aos maus tratos recebidos, acabou por falecer. Toussaint-Samson (2003, p.86) detalha que “[...] para reaquecê-lo, seus senhores o faziam beber copos cheios de aguardente. Ao fim de seis meses desses inteligentes cuidados, ele morreu, sem jamais ter conseguido reaquecer-se.”

Percebe-se certa mudança na visão da autora em relação aos escravos. Inicialmente foram registradas as características físicas, uma vez que eram estranhas ao olhar da viajante. Posteriormente, é possível encontrar observações que desaprovem o sistema escravista de forma geral, desde o comércio dos escravos destinados às mais diversas funções, como o tratamento dado a eles por seus senhores.

Esse espetáculo da escravidão foi, durante os primeiros anos de minha estada no Brasil, um dos suplícios de minha vida, e não contribuiu pouco para que pensasse morrer de nostalgia. A cada instante, minha alma

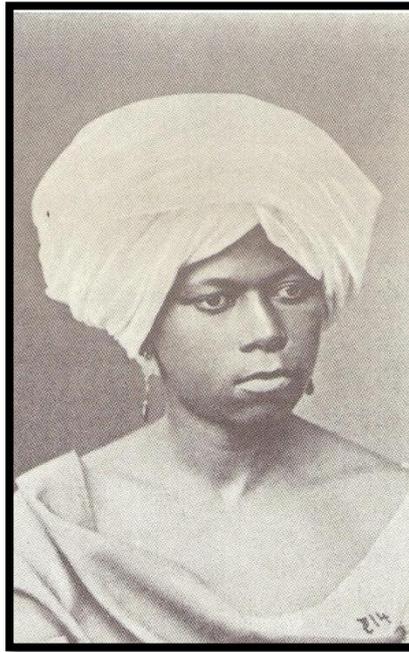
revoltava-se ou sangrava, quando eu passava diante de um daqueles *leilões*[leilões] em que pobres negros, em cima de uma mesa, eram leiloados e examinados nos dentes e nas pernas como cavalos ou mulas; quando via o lance ser coberto e uma jovem negra ser entregue ao fazendeiro que a reservava a seu serviço íntimo, enquanto seu negrinho era algumas vezes vendido a um outro senhor. Diante de todas essas cenas de barbárie, meu coração indignava-se, cóleras generosas inflamavam-se em mim, e eu era obrigada a conter-me para não gritar a todos aqueles homens que faziam comércio de carne humana: “*Carascos!*”, [...]. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 98).

Em consequência da considerável empatia criada em relação aos negros, principalmente relacionada às mulheres e seus filhos, são sugeridas algumas possibilidades de substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho de outras raças, como os índios e os próprios brasileiros.

Sobre a possibilidade de trabalho de índios e cablocos em substituição aos escravos, Toussaint-Samson observa a raça “[...] perseguida como foi, recusando sujeitar-se, refugiada no fundo de florestas, selvagem e mesmo antropófaga ainda em alguns locais, não se espera poder domá-la tão cedo.” Posteriormente analisa o que considera como raça brasileira, ressaltando ser uma mistura entre europeus, americanos e africanos, julga-a para o trabalho como “[...] fraca, abastardada, muito inteligente e não menos orgulhosa.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 100).

Enfim, a autora se propõe a fazer um prognóstico sobre a possibilidade de alcance do governo por integrantes de raça mulata, baseado no aumento do número de negros livres e na possibilidade de conflito de cunho vingativo em prol da independência. Observa que “[...] já entre os mulatos que se contam os médicos mais célebres do Rio, bem como seus homens de Estado mais eminentes.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 103).

Já na Terceira Parte, a autora oferece também observações sobre os escravos que serviam a fazendeiros, no interior do Rio de Janeiro. (Figura 12). Essas observações foram possíveis devido à estada durante certo período na Fazenda São José. Esta, “[...] tinha mais que cento e vinte negros e negras para o serviço de exploração agrícola.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 115).

**Figura 10** - Mulata da fazenda

**Fonte:** Autoria de George Leuzinger. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 139)

O relato da organização da rotina da fazenda apresenta detalhes, considerando como os escravos eram agrupados e para quais tarefas os grupos previamente formados eram designados.

Então formaram-se três grupos, cada um de mais ou menos vinte e cinco negros e negras; um estava sob a condução de Ventura, e tomou seu caminho do *matto*[mato]; o segundo dirigiu-se para as plantações com um dos feitores subalternos e o terceiro, conduzindo grandes carroças com imensas rodas de madeira maciça, puxadas por quatro bois, preparou-se para ir cortar a cana, que as carroças deviam trazer de volta. Um dos pequenos pastores, por sua vez, reuniu todos os animais de chifre, um segundo o seguiu com o rebanho de carneiros, as barreiras abriram-se e todo aquele gado humano partiu com o outro para o trabalho. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 120-121).

Ainda em relação à rotina da fazenda, a autora observa a organização da fazenda durante o período do almoço, e relata que:

Há sempre duas cozinheiras em uma fazenda, a dos brancos e a dos negros, assim como há duas cozinhas. Dirigi-me à sala enfumaçada que servia de cozinha dos negros e lá vi duas negras diante de dois imensos caldeirões, um dos quais continha feijões e outro, angu. Prontamente, cada escravo chegava, com sua cabaça na mão; a cozinheira despejava uma grande colherada de feijões, acrescentando um pequeno pedaço de carne seca da mais baixa qualidade, bem como um pouco de farinha de mandioca para polvilhar tudo; a outra distribuía angu aos velhos e às crianças. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 122).

Devido à realização de festa do batismo de um dos filhos do Sr. P., dono da fazenda assim mencionado pela autora, o casal Toussaint pediu para que os escravos pudessem festejar, dançando à noite no pasto. Toussaint-Samson (2003) descreveu o cenário e as danças pelos negros protagonizadas, mas ao atingirem um momento de excitação e bebidas, tornaram-se um perigo para os brancos da fazenda.

Em matéria de brancos, éramos, na habitação, apenas o senhor P., meu marido, eu e uma espécie de empregada, que era um meio-termo entre dona de casa e criada. Que teríamos feito contra cento e vinte negros revoltados? Eu, então jovem mulher sem experiência, que tinha a consciência de sempre ter feito apenas o bem a todos aqueles infelizes, não compreendi o perigo e não pude deixar de rir do rosto assustado do fazendeiro. Mais tarde, pensando naquilo, achei justificado seu terror. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 133).

Dessa forma, Toussaint-Samson deixa consideravelmente claro em seu relato a consciência sobre a situação dos negros, tanto os que residiam em casas de senhores na cidade, como aqueles das fazendas do interior. Mas, também, sobre a possibilidade dos negros, em maior número, organizarem uma revolta, que na opinião da autora, facilmente seria ganha.

As mulheres, tanto escravas como negras, são outra parte da sociedade brasileira que teve destaque no relato de Toussaint-Samson. Desde a Primeira Parte, até a última, estão presentes registros do comportamento das mulheres e dos homens em relação a elas.

Na Primeira Parte, tem-se o registro de aspectos relativos à viagem de navio em direção ao Brasil. A autora observa o comportamento das mulheres durante as refeições, em companhia dos homens passageiros ou tripulantes, identificando três tipos de passageiras.

Durante o que chama de primeiro almoço, observa que é rara a participação das mulheres, dizendo que os mordomos as serviam em suas cabines. Estes ainda, posteriormente, cuidavam da toaleta das senhoras. Assim, “[...] às dez horas, quando soa o verdadeiro almoço, as portas abrem-se novamente para deixar passar, desta vez, cabeças cuidadosamente penteadas e queixos recém barbeados.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 61).

Acrescenta, também, observações sobre o comportamento dos ingleses e dos próprios franceses em relação às mulheres a bordo. Direcionando a fala diretamente

ao público de interesse, Toussaint-Samson dá conselhos às mulheres que desejarem fazer a travessia a sós. Sobre os homens ingleses, considera prudente nem mesmo os cumprimentar. Somente quando considerar que tornou-se digna de sua sociedade, [...] o inglês torna-se, então, atencioso sem galanteria, polido sem adulação, e sempre *gentleman* em suas relações com as mulheres.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.62).

Ao referir-se aos homens franceses como companheiros de rota, assinala que [...] se mostram, na maior parte, bem pouco convenientes [...]”. Critica-os ainda dizendo que [...] não sabem mais que exibir uma mulher ou então ridicularizá-la. Desconfiem principalmente, senhoras, desconfiem dos oficiais de bordo.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.62).

Ainda no intuito de apresentar o que é recomendado às mulheres que tenham interesse em viajar a sós, Toussaint-Samson define três tipos de viajantes. A primeira, chamada de “posuda”, é aparentemente uma viajante possuidora de grande fortuna. Prefere fazer a rota completamente sozinha, fazendo as refeições em seus aposentos e trocando algumas palavras somente com o capitão. A segunda, denominada “cocote”, seria o tipo de viajante da qual se colecionaria maior número de histórias picantes. A terceira seria a “viajante séria ou artista”, na qual a autora se auto enquadra e recomenda. Viajante que estabelece contato com todos, sem estabelecer ligação pessoal com nenhum deles. Reserva momentos do dia para o isolamento. Enfim, uma viajante de respeito. “[...] É nessa classe, senhoras, que as aconselhamos colocarem-se, se algum dia lhes acontecer de viajarem sós, o que não lhes desejamos.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.65).

As questões apresentadas pela autora sobre as mulheres do período oitocentista, sobretudo aquelas residentes em solo brasileiro, esclarecem alguns questionamentos sobre a atuação feminina na sociedade imperial. Toussaint-Samson, além do perfil das viajantes, observou também as mulheres brasileiras em relação às suas atribuições, tratamento, dificuldades, diferenciando-as ainda entre mulheres interioranas e da cidade.

De acordo com a autora do relato, erroneamente as mulheres brasileiras foram consideradas por vezes como preguiçosas. Considerando como motivação o “amor-próprio”, não se deixavam ser vistas em ocupação. Somente quando partilhada a intimidade da casa, o que raramente aconteceria com um homem viajante, poderiam ser observadas “presidindo a confecção dos doces, da cocada,

arrumando-os no tabuleiro de suas negras ou de seus negros, que logo vão vender pela cidade os doces, as frutas ou os legumes da habitação.” Além disso, preparam a costura das roupas da casa, de lenços e guardanapos, estes levados para a venda. O dinheiro arrecadado pelas vendas eram destinados às “despesas pessoais das brasileiras e lhes permite satisfazer suas fantasias.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.157).

Com relação ao tratamento recebido pelas brasileiras, especialmente de seus maridos, Toussaint-Samson evidencia a participação nula em relação aos negócios da família, sendo tratada como uma “boneca que ele [marido] enfeita eventualmente e que, na realidade, não passa da primeira escrava da casa, [...]” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.154, grifo nosso). Porém, indica um bom prognóstico a partir da educação recebida pelas jovens.

As brasileiras de hoje, educadas em colégios franceses ou ingleses, ali adquiriram pouco a pouco nossos hábitos e nossa maneira de ver; de sorte que, muito lentamente, conquistam sua liberdade. Ora, como sua inteligência é muito viva, creio que em pouco tempo terão superados seus mestres. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.155).

Contudo, em regiões do interior, de acordo com a autora, era possível observar ainda os costumes tradicionais portugueses ou espanhóis. Justificando o não desenvolvimento da liberdade feminina pela dificuldade de comunicação, ou mesmo pelo acesso difícil por estradas transitáveis somente pelo lombo de animais, observa que “[...] quando se chega a uma fazenda, nunca se avista a senhora, ao passo que ela sempre tem o meio de ver o estranho sem que ele desconfie disso.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.155).

Identifica o costume brasileiro de mulheres não poderem sair de casa desacompanhadas, o que seria um incômodo para as francesas e inglesas, sendo vistas por vezes como cortesãs. Posteriormente, observa o desenvolvimento da sociedade quanto ao preconceito relativo às mulheres que saíam sozinhas, principalmente para exercer a profissão de professora.

Pode-se questionar sobre o reconhecimento dessas informações como conteúdo geográfico. Porém trata-se de uma documentação importante sobre a organização do espaço oitocentista. Considerando as diferenças relativas ao gênero, admiti-se ainda como observações chave para a compreensão do progresso da atuação da mulher na sociedade brasileira.

Toussaint-Samson se mostra crítica quanto à participação de seus compatriotas na esfera pública, ressaltando as ocupações como justificativa para o comportamento desaprovado pela autora. “É preciso dizer que a colônia francesa compunha-se em grande parte de operários, de cabeleireiros e de modistas, saídos pobres de seu país para ir tentar fortuna na América, e que toda essa gente não brilhava muito pelas maneiras e pela educação.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.150).

Outro compatriota ao qual foram dedicadas algumas páginas do relato é o cônsul Sr. T.<sup>36</sup> De acordo com a autora “[...] de modo nenhum defendia os interesses das pessoas de bem [...], cumprindo suas funções apoiando os interesses de trapaceiros, por vezes maus vendedores ou compradores, mas, chamado por vezes de “excelente homem”. A autora revela que a “[...] extrema condescendência com os trapaceiros conquistara muita simpatia [...]. (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, 146; 149).

O relato *Uma parisiense no Brasil*, dentro de suas várias possibilidades de análise, apresenta ainda a questão sobre a identidade da viajante. A autora, após retorno definitivo à Paris, não se identifica mais com o lugar. “Este país, onde nem uma polegada de terreno era perdida, onde nada era dado, onde a menor parcela de terra era comprada, apertava-me o coração contra a vontade.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.179).

O relato de Toussaint-Samson oferece um rico referencial ao estudo da organização social do período oitocentista brasileiro, uma vez que o Rio de Janeiro era a capital do Estado do Brasil. Questões sobre as mulheres do período, tanto brasileiras como estrangeiras, que residiam em território brasileiro, podem ser consideradas como o principal diferencial em comparação aos relatos produzidos por homens no mesmo período.

Dentre as principais características que diferenciam o relato de Toussaint-Samson de outros, produzidos por homens viajantes, está a apresentação mesclada da esfera individual (interior de responsabilidade femininas das residências), e pública. A participação em espaços de convivência pessoais dos nativos e

---

<sup>36</sup> “Theodore Marie Taunay, nasceu em Paris, em 1797. Veio para o Brasil com o pai, Nicolas Antoine Taunay, membro da Missão Artística Francesa. Morreu no Rio de Janeiro, em 1880.” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p.146).

estrangeiros residentes no Brasil oitocentista e o interesse da autora em descrevê-los, ofereceu aos leitores descrições da real vivência do espaço.

Possuindo um público alvo para suas observações e descrições, o relato de viagem em questão, em uma primeira leitura, pode ser considerado como um manual para mulheres francesas que queiram se aventurar pela rota em direção ao Brasil. Porém, a riqueza de detalhes e de temáticas discutidas pela autora permite que seja classificado, em primeiro lugar, como um relato de viagem geográfico.

Toussaint-Samson foi uma escritora viajante que assim como outras viajantes do mesmo período, apesar da origem familiar consideravelmente confortável, teve seu aprendizado de campo recebido *in loco*. É perceptível o amadurecimento em relação à cultura, à sociedade e paisagem brasileira ao longo do relato.

Em relação aos escravos, o choque quanto à aparência deles assume maior relevância do que as impressões sobre as condições de vida. Mas, essa constatação se inverte no decorrer da narrativa.

A pouca ou nula experiência em países estrangeiros pode ter sido um incentivo ao intenso detalhamento da representação da paisagem, da população e de todos os outros aspectos descritos pela autora.

A representação da paisagem pela descrição contida no relato oferece uma comparação recorrente entre a cidade de origem, Paris, e o Rio de Janeiro. As experiências sociais da autora também são importantes para a construção do relato, pois, a partir delas, os simbolismos e a relação de identidade com o espaço puderam ser criados.

O exercício das funções de escritora e professora de línguas possibilitou à viajante Toussaint-Samson a escrita de um relato fluido e possuidor de notável capacidade de percepção espacial e temporal. A abordagem romântica adotada como orientadora da narrativa, utilizada comumente por autoras do período, incorporou ao relato observações, sensações, dentre outros aspectos pessoais da autora. A utilização da descrição pessoal da paisagem pode ser um rico detalhe para enriquecimento do conteúdo geográfico da obra.

A descrição da paisagem passa pela sua utilização como cenário, como objeto principal, e posteriormente com a inserção de fotos, observações pessoais, croquis, e pinturas, o deleite sobre o quadro observado. (AMORIM FILHO, 1998).

De forma geral, o relato de viagem de Toussaint-Samson oferece uma experiência literária, histórica e geográfica. Acredita-se que a geograficidade dessa

obra deve ser considerada como um enriquecimento das fontes documentais sobre a cidade do Rio de Janeiro e sobre o Brasil oitocentista, tanto em relação aos aspectos físicos da paisagem, como da organização social de nativos e estrangeiros em território brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como intuito principal a valorização de dois pontos importantes para a Geografia. O primeiro deles seria a ligação dessa ciência com a arte, no caso desta pesquisa, com a Literatura, e o segundo a produção geográfica de mulheres do século XIX.

Considera-se a arte como uma representação do mundo elaborada a partir do impulso criativo humano (TUAN, 1978) e o homem como um ser geográfico. Portanto, não haveria restrições ao uso de produções artísticas (principalmente as artes plásticas e a literatura) pelas pesquisas geográficas.

As produções femininas do século XIX, além de outras em vários períodos históricos, não tiveram seu valor científico reconhecido. Historicamente a mulher possuía pouca participação em tomadas de decisões, papel modesto na organização social, ou em quaisquer outras atividades que rompessem com os limites de seus lares. As mulheres oitocentistas tinham atribuições bem definidas na sociedade. Eram responsáveis pela organização da vida privada, sendo pouco reconhecidas no que dizia respeito ao nível público.

A demarcação social do papel que deveria ser desempenhado pelas mulheres podia ser verificada em diversas escalas, desde a escala mais local, no sistema patriarcal de organização familiar, passando pelas oportunidades escolares até a oportunidade profissional.

Apesar da considerável diferença existente entre os sistemas de ensino dos diversos Estados do século XIX, a educação oferecida às mulheres, de maneira geral, era limitadora. O foco principal estava nas atividades domésticas e no cuidado relativo ao lar. No Brasil, em instituições tradicionais, não eram raros os casos de reclusão feminina em instituições religiosas. (SILVA, 2002). Mesmo em nações nas quais se reconhecia o desenvolvimento industrial, como ocorria na própria Inglaterra da era Vitoriana, dentre outros setores econômicos, a privação de direitos, como os referentes à educação superior, e da sociabilidade pública mais ampla para as mulheres era recorrente. (Monteiro, 1998).

As viajantes citadas nesta pesquisa são símbolos de transgressão de regras sociais. De maneira geral, não havia movimentos feministas amplos, mas as atitudes dessas mulheres podem ser consideradas como uma busca de maior protagonismo

e direitos sociais. Não havia grupos amplamente organizados, mas iniciativas pontuais pautadas pelas iniciativas pessoais e pela coragem para alcançá-las.

Os relatos de viagem produzidos por mulheres, além de ser em um material documental geográfico e histórico valioso sobre a organização social e as paisagens do século XIX, são um meio de divulgação de produções que comprovam que as mulheres também foram e são capazes de produzir relatos de viagens em alto nível de qualidade. Não foram organizados movimentos de luta feminista nesse período, porém a participação em expedições, a observação e a descrição da paisagem e, finalmente, a publicação dos relatos de viagem, foram essenciais à divulgação de novas possibilidades de participação feminina em sociedade.

O romance literário presente nos relatos de viagem aproxima a observação e a descrição da paisagem de leitores e leitoras populares, não ficando restritos à comunidade acadêmica, como tantos outros. Trata-se de um gênero literário amplamente difundido entre as mulheres, sobretudo européias, do século XIX. A adoção de tal gênero como base para produção da literatura de viagem produzida por mulheres aproximam viajantes, leitoras e leitores.

O relato escrito por Toussaint-Samson possui público definido no tempo e no espaço, as mulheres francesas oitocentistas. Reflete-se sobre a função mediadora exercida pelo gênero romântico, o qual oferece, em certa medida, popularidade e acessibilidade de compreensão pelo leitor. Dessa forma, admite-se que o acesso ao conteúdo e à compreensão da jornada relatada foi intermediado pelo gênero romanesco.

As geografias Clássica, Cultural e Histórica foram de suma importância para a compreensão da ligação entre Geografia e Literatura. É possível que a busca da união das três abordagens geográficas tenha possibilitado uma suavização da rigidez científica ainda presente nas produções atuais. Portanto a ligação entre os dois campos de produção humana, científico e artístico, faz parte de temáticas atuais de pesquisa, benéficas tanto para a reafirmação de conceitos e metodologias geográficos como para o desenvolvimento da ciência, em geral.

A subjetividade presente na Literatura de viagem romanesca poderia ser considerada como uma característica que poderia justificar a exclusão dessas produções das pesquisas científicas. Mas, partindo da compreensão oferecida principalmente pela abordagem Humanista/Cultural em Geografia, as representações ambientais, inclusive as relativas à cultura dos viajantes

estrangeiros, são fonte de informações importantes para a compreensão do espaço social, cultural e econômico das nações ligadas a tais viajantes e/ou suas expedições.

A partir da elaboração desta pesquisa abre-se, inclusive para a autora, mas, esperançosamente para a comunidade geográfica, possibilidades de pesquisa mais abrangentes, inclusive as produzidas por mulheres de todos os períodos.

Finalmente, a elaboração deste trabalho permitiu concluir que os relatos de viagem elaborados por mulheres foram escassamente utilizados por pesquisadores em geral e, particularmente, pelos geógrafos brasileiros. Mesmo citações sobre a existência das viajantes e de seus relatos não foram encontrados com facilidade durante a realização desta pesquisa. Percebe-se que a ocorrência das viagens, bem como publicação dos relatos, não foi considerada por muitos como uma fonte de informações geográficas e históricas válidas e oportunas.

Hoje há a certeza de que os relatos deixados pelas viajantes são fontes de informações geográficas relevantes para o estudo da paisagem, como as expressas por Toussaint-Samson (2003), e da organização social do período a que referem.

Toussaint-Samson (2003) oferece uma descrição da paisagem carioca vista e sentida, atribuindo organicidade ao registro de viagem. A cultura, a organização social, a natureza são aspectos presentes no decorrer do relato. Pode-se considerar *Uma parisiense no Brasil*, como um relato robusto de informações ambientais e históricas, além de uma leitura agradável.

Acreditamos que o presente estudo possua relevância, pois, além da discussão sobre a ligação entre Geografia e Literatura, faz um levantamento de questões sobre a importância das produções femininas para a Geografia do século XIX.

Considerável número de mulheres participou de viagens em direção a terras desconhecidas no século XIX. No Brasil, áreas pertencentes à oito Estados, considerando os limites administrativos atuais, foram temas de observações e descrições presentes em relatos de viagem de autoria feminina. E, entre as regiões visitadas, estavam aquelas de maior relevância para o entendimento da geografia brasileira de então.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **Revista GEOUSP**, São Paulo, n. 7, p. 13 – 25, 2000.
- ABREU, Maurício de Almeida. **Geografia histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)**. Rio de Janeiro: A. Jakobsson Estúdio, Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, 2010.
- ALÓS, Anselmo Peres. Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. **Revista Organon**, Porto Alegre, n. 52, v. 27, p. 1 – 18, 2012.
- ALVES, Flamarion Dutra; PICCOLI NETO, Danilo. O legado teórico-metodológico de Karl Ritter: contribuições para a sistematização da Geografia. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 20, v.3, p. 48 – 63, 2009.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A formação do conceito de paisagem geográfica: os fundamentos clássicos. In: 3º Encontro interdisciplinar sobre o estudo da paisagem, 1, 1998. *Anais...*Rio Claro: UNESP, 1998.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A Pluralidadeda Geografia e as Abordagens Humanistas/Culturais. In: Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, 1, 2007. *Anais...* São Paulo: USP, 2007.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia, n. 2, v.20, p. 107 – 119, dez.2008.
- ANDREOTTI, Giuliana. O senso ético e estético da paisagem. **Revista RA'E GA**, Curitiba, [s.i], v. 24, p. 5 – 17, 2012.
- AYALA, Roselyne de; GUÉNO, Jean-Pierre. **Les plus beaux récits de Voyage**. 2 ed. Paris: Éditions de La Martinière, 2009.
- BANDEIRA, Julio. **A viagem ao Brasil de Marianne North: 1872 – 1873**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.
- BELL, Gertrude. The desert and the sown. **Revista AridLands**, Arizona, n. 35, p. 1 – 3, 1994.
- BERNABEI, Veronica. Le spatial turn en littérature: changement de paradigme et transdisciplinarité. **Cadernos de Literatura Comparada**, Porto, n. 33, v. [s.i], 2015.
- BINZER, Ina von . **Os Meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BOURGUINAT, Nicolas (dir.). **Le voyage au féminin: perspectives historiques et littéraires (XVIIIe – XXe siècles)**. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2008

BRANDÃO, Rodrigo. Rousseau (1712 – 1778). In : MARÇAL, Jairo (org). **Antologia de textos filosóficos**. Curitiba: SEED – Pr, 2009. p. 564-607.

CAPEL, Horácio; URTEAGA, Luis. **Lasnuevasgeografías**. 4. ed. Navarra: Ed. Salvat Editores, 1984.

CARMO, Valéria Amorim do. Por um habitar poético: o encontro da fotografia com a poesia de Manoel de Barros. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies**, Goiania, v. 22, n. 2, p. 134-139, 2016.

CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 9-21, 1991.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 147-166.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 224 p. Cap. 1, p. 9-18.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a paisagem e o passado. **Revista Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 37-46, 2014.

CRESSWELL, Tim. New cultural geography: un unfinished Project?. **Cultural geographies**, Sheffield, v. 17, n.2, p. 169-174, abril 2010.

DANTAS, Aldo; MEDEIROS, Tásia Hortêncio de Lima. **Geografia ratzeliana e seu contexto**. Apostila do curso Introdução à Ciência Geográfica UFRN e UEPB. [s.i]: UNIDIS, 2008. 16 p.

DICKENSON, John. Marianne North: uma naturalista do século XIX no Brasil?. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. [s.i], n. 15, p. 145-164, 2000.

DUARTE, Constância Lima. **Nisia Floresta: vida e obra**. Natal: UFRN. Editora Universitaria, 1995.

ECKARDT, Isadora. A perspectiva científica da literatura de viagem do século XIX: Auguste de Saint-Hilaire. **Revista Estação Literária**, Londrina, [s.i], v.4, p. 72 – 85, 2009.

ERTHAL, Rui. Geografia histórica: considerações. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, n. 9, [s.i], p. 29 – 39, 2003.

FERNANDES, Ulisses da Silva. Paisagem: uma prosa do mundo em Merlau-Ponty. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 20, p. 23 – 47, 2009.

FERRÉ, Vincent. Littérature et géographie : l'écriture de l'espace à travers les ages. In: Colloque international / International Conference Université Jean Moulin, 2014, Lyon. **Anais...** Lyon, IETT, 2014. p. 1-4.

FREITAS, Jeanne Marie Ferreira. **Paisagem urbana**: uma abordagem geográfica contemporânea. 2007. 364 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

GANNIER, Odile. **La littérature de Voyage**. Paris: Ellipses, 2001.

GARCÍA, Antonio Luna. ¿Qué hay de nuevo en la nueva geografía cultural?. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, [s.i], v. [s.i], n. 34, p. 69-80, 1999.

GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajantes inglesa. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 1031-1045, set/dez 2008.

GERLABERT, Carmen Oliver de. **Viaje poético a Petropolis**. Rio de Janeiro: Imprensa del Apostol, 1872.

GODSOE, Laura. Exploring their boundaries: Gender and Citizenship in Women's Travel Writing, 1880-1914. **Journal of the Western Society for French History**, Online, v. 37, n. [s.i], p. 221-231, 2009.

GONÇALO, Carolina Rehling. Geografia e Literatura: as territorialidades do cais do porto em Capitães de Areia. In: XI SEUR – V Colóquio Internacional sobre Comércio e Consumo Urbano, 11., 2015, Pelotas. **Anais...** Pelotas, UFPE, 2015. p. 245-255.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**: e de uma estada nesse pais durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823. São Paulo: Nacional, 1956.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiplicidade. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>> Acesso em: 01 jul 2016

HANKS, Reuel R.; STADLER, Stephen John. **Encyclopedia of geography terms, themes, and concepts**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2011.

HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da Natureza**. 1950.

KNOBLOCH, Eberhard. Alexander von Humboldt: the explorer and the scientist. In: International Conference of the European Society for the History of Science, 2., 2006, Cracóvia. **Anais...** Cracóvia: ICESHS, 2006, p. 38-48.

LANGENDONCK, Madame van. **Uma colônia no Brasil**: narrativa de viagem ao Rio Grande do Sul em 1862. Santa Cruz do Sul: Mulheres, 2002. 170 p.

LEITE, Miriam Lifschitz Moreira. **Livros de viagem (1803 – 1900)**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

LEITE, Miriam Lifschitz Moreira. Mulheres Viajantes no Século XIX. In: **Cadernos Pagu** (15): Campinas 2000. pp.129-143.

LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Revista Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 7-33, jul./dez. 2000.

LOPES, Christine Maria. **A mulher na era vitoriana**: um estudo da identidade feminina na criação de Thomas Hardy. 1986. 213f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1986.

LOPES, Fabrício Antonio. et al. Viajantes naturalistas do século XIX: a reconstrução do antigo Distrito Diamantino na literatura de viagem. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, n. 36, v. 21, p. 66 – 86, 2011.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Geograficidade, poética e imaginação. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Org.). **Geografia e literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. Cap. 1, p. 7 – 15.

MAWE, JOHN. Viagens ao interior do Brasil. 1978

MCEWAN, Cheryl. How the "seraphic" became "geographic": women travellers in west africa, 1840-1915. 1995. 310 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Lough borough University, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O homem e a comunicação : a prosa do mundo**. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

MONICAT, Bénédicte. **Itinéraires de l'écriture au Féminin**: Voyageuses du 19e Siecle. S.I: Brill, 1996.

MONTEIRO, Maria da Conceição. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 1, v. 8, p. 61-71, 1998.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec: EdUSP, 1989. 206p.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A paixão das florestas ou as viagens de Mme. van Langendonck. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 3, v. 16, p. 1061 – 1071, 2008.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A Geografia e a Literatura: uma reflexão. **Revista Geosul**, Florianópolis, n. 46, v. 23, p. 7 –32, 2008.

PEDRAS, Lúcia Ricotta V. A paisagem em Alexander von Humboldt: o modo descritivo dos quadros da natureza. **Revista USP**, São Paulo, n. 46, v. [s.i], p. 97-114, junho/agosto 2000.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

REGO, Maria do Carmo de Melo Rego. **Lembranças de Matto Grosso**. Rio de Janeiro: [s.i], 1897.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do sertão**: o cerrado na história de Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROGERS, Rebecca (dir.). **La mixité dans l'éducation**: enjeux passés et présents. Nouvelle édition [en ligne]. Lyon: ENS Éditions, 2004. Disponível em: <<http://books.openedition.org/enseditions/1796>>.

ROGERS, Rebecca. L'éducation des filles : un siècle et demi d'historiographie. **Histoire de l'éducation**, [s.i], n. 115 – 116, v. [s.i], p. 37-79, 2007.

RONAI, Maurice. Paisagens II. Tradução de Werther Holzer. **GEOgraphia**, Niteroi, n. 34, v.17, p. 247 – 261, 2015.

ROSS, Thomasina. **Personal narrative of travels to the equinocial regions of América**: during the years 1799 – 1804. By Alexander von Humboldt and Aimé Bonpland. South Australia: [s.i], 2015.

SAHIN, Elmas. Women travel writings: a comparative journey. **Open Journal of Social Sciences**, [S.I], v. 3, n. 1, p. 54-65, 2015.

SAINT-HILAIRE, Auguste de . **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SAUER, O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). **Paisagem tempo e cultura**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 76, 1949. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg\\_1949\\_v7\\_n76\\_jul.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1949_v7_n76_jul.pdf)> Acesso em: 13 fev. 2017.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Donas e plebeias da sociedade colonial**. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

SILVA, Lúgia Maria Tavares. Trajetórias pela Geografia Histórica. IN: BEZERRA, Amélia Cristina Alves etal(orgs) **Itinerários Geográficos**. Niterói: Eduff, p. 71-84, 2007.

SOUZA, Candice Vidal e. Ver o Brasil, pensar a nação. In: CURY, Cláudia Engler; GALVES, Marcelo Cheche; FARIA, Regina Helena Martins de. (Org.). **O império do Brasil: educação, impresso e confrontos sociopolíticos**. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

SPEAKE, Jennifer. **Literature of travel and exploration: an encyclopedia**. New York: Routledge, 2013.

STONE, Staci. Borderlands travel writing: Helen Maria Williams, Mary Shelley, and political conflict in France. **Olho D'água**, São José do Rio Preto, v. 4, n. 2, 2012.

TATHAM, G. **As Geografias no Século XIX**. In: Boletim Geográfico. Rio de Janeiro, 157, 1960.

TEIXEIRA, Fabiano Felix; TUBINO, Vinicius M. C.; SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: uma alternativa para a questão indígena nas salas de aula. IN: V ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 5., 2009, Santa Maria. **Anais...Santa Maria: GPET**, 2009. p. 1-21.

TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. **Uma parisiense no Brasil**. Editora Capivara, 2003.

TUAN, Yi-Fu. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. **Humanistic Geography: prospects and problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978. Cap. 12, p. 194-206.

TURAZZI, Maria Inez. Adèle Toussaint-Samson (1826 – 1911): um esboço biográfico. In: TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. **Uma parisiense no Brasil**. Editora Capivara, 2003. p. 7-41.

WOMEN AS CULTURAL EMISSAIRES: Consider 19th/Early 20th Century Travelers. [S.l]: Women in world history, 2016. Disponível em: <<http://www.womeninworldhistory.com/essay-07-07.html>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

WORLD GEOGRAPHY & culture online. [s.l]: Fofweb, 2016. Disponível em: <<http://www.fofweb.com/wgco/Print.aspx?iPin=EWG0159&WinType=Free#atop>> Acesso em: 18 de ago. 2016.